



Rodrigo André Vitorino Vaz

FORA DA SALA DE AULA TAMBÉM SE APRENDE!
A IMPORTÂNCIA DAS VISITAS DE ESTUDO NO ENSINO
DA HISTÓRIA

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Professora Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade e pelo Professor Doutor Saul António Gomes Coelho da Silva, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2022

FACULDADE DE LETRAS

FORA DA SALA DE AULA TAMBÉM SE APRENDE! A IMPORTÂNCIA DAS VISITAS DE ESTUDO NO ENSINO DA HISTÓRIA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Fora da sala de aula também se aprende!
Subtítulo	A importância das visitas de estudo no ensino da História
Autor/a	Rodrigo André Vitorino Vaz
Orientador/a(s)	Professora Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade Professor Doutor Saúl António Gomes Coelho da Silva
Júri	Presidente: Doutora Ana Isabel Ribeiro Vogais: 1. Doutora Maria do Rosário Morujão 2. Doutora Sara Dias Trindade
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Área científica	Formação de Professores
Especialidade/Ramo	Ensino de História
Data da defesa	24-10-2022
Classificação do Relatório	15 valores
Classificação do Estágio e Relatório	14 valores



“Como era uma visita de estudo fiquei mais atenta o que fez com que eu aprendesse coisas novas”

Aluno nº 11- 7ºX, 2022

“As visitas de estudo têm sido consideradas atividades relevantes, senão mesmo fundamentais, no processo de ensino aprendizagem, reunindo o consenso de professores, alunos, autores de livros de texto, investigadores em desenvolvimento curricular e responsáveis por instituições de natureza muito diversa”¹.

¹ ALMEIDA, António José Correia de - **Visitas de Estudo: Conceções e Eficácia na Aprendizagem**. 1.º ed. Lisboa : Livros do Horizonte, 1998. p.19.

Agradecimentos

Serve este espaço para agradecer a todos aqueles que foram importantes no meu percurso académico.

Em primeiro lugar, agradecer aos meus pais pela oportunidade que me deram para poder estudar e realizar o meu sonho de ser professor de História. Aos meus avós, Manuel e Maria, por serem um pilar fulcral na minha vida. Ao meu avô Manuel e à minha avó Lúcia, sei que mesmo do céu estão a interceder e a sorrir por mim.

À Professora Doutora Sara Dias-Trindade, pelo acompanhamento, pelos conselhos, disponibilidade e sobretudo por ter tido sempre tempo para me ajudar, sempre que necessitava. Ao Professor Doutor Saul António Gomes, pelo acompanhamento e amizade, e por ter aceite coorientar este relatório.

Aos meus amigos que estiveram sempre presentes, ao Miguel e à Vivian. Ao Lucas, ao Fábio, ao Gonçalo, ao Gilles e ao Marco. À Camila, à Madalena, à Beatriz e à Catarina.

Lembrar também o Miguel, a Rita, o Gonçalo e o Rúben.

À Inês, a minha companheira neste ano de estágio, o meu muito obrigado por ter sempre uma palavra amiga!

Lembrar aqueles que mesmo longe de Coimbra estão sempre presentes, a Mariana, a Catarina, a Carla e a Carolina.

À minha Lene. Ao Henrique.

Ao meu amigo, “companheiro de armas” e exemplo de Presidente, Paulo Torres.

Aos alunos dos sétimos e nonos anos da Escola Inês de Castro e a todos os professores e auxiliares o meu muito obrigado por toda a ajuda e amizade.

Não esquecer a Professora Doutora Luísa Trindade e o Professor Doutor Fernando Tavares Pimenta se hoje me considero historiador e tenho obras publicadas a eles agradeço todos os ensinamentos, ajuda, amizade e orientação.

Em último lugar, mas com uma importância muito relevante, lembrar a Professora Doutora Maria José Azevedo Santos. Em primeiro lugar por me ter redigido a carta de recomendação, mas sobretudo por me ensinar o exemplo do que é ser professor. Pela voz dela aprendi uma frase muito importante, pregada pelo Padre António Vieira, frase essa que para mim define o que é ser professor “para ensinar duas coisas bastam, amor e sabedoria!”

A todos, muito obrigado!

Resumo

Este estudo tem por primordial objetivo dar resposta à questão de investigação “*Que importância assumem as visitas de estudo no processo de ensino e aprendizagem em História?*” Iremos responder aos objetivos que nos propusemos a atingir, ou seja, “Verificar se as visitas de estudo contribuem para o desenvolvimento do conhecimento histórico e do património local” e “Analisar o contributo das visitas de estudo na melhoria das aprendizagens em História bem como para o aumento dos conhecimentos na disciplina.”

Para isso, pretendemos, ao longo deste trabalho, analisar de que forma é que as visitas de estudo *in loco* e o estudo do Património e da História Local são geradoras de conhecimento na disciplina de História, bem como compreender se o estudo sobre património histórico estimula a motivação dos alunos aquando do confronto com as fontes patrimoniais. Pretendemos também verificar se os alunos, quando realizam tarefas, são capazes de mobilizar conhecimentos adquiridos no momento da visita de estudo.

Este relatório espelha o trabalho desenvolvido com as turmas de 7º ano de escolaridade da Escola EB 2,3 Inês de Castro, em Coimbra.

Para isso realizou-se uma visita de estudo *in loco*, à cidade de Coimbra, mais concretamente à zona da alta desta cidade, visitando o Museu Nacional Machado de Castro, o Museu da Ciência e o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, percorrendo-se, depois, o espaço respeitante ao núcleo muralhado da cidade, iniciando-se no sítio onde outrora existiu o castelo da cidade e terminando no Arco de Almedina.

Antes da realização da visita de estudo foi aplicada uma ficha de diagnóstico e após a realização desta foi entregue um inquérito para verificar se a visita de estudo *in loco* foi geradora de conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de História. Os alunos realizaram, ainda na escola, uma exposição sobre a visita de estudo, a partir de fotografias, dos discentes. Acompanhando essas imagens estavam textos selecionados a partir dos seus apontamentos.

Analisando as respostas, verificou-se que os alunos foram capazes de mobilizar os conhecimentos que adquiriram na visita de estudo e que este recurso foi muito vantajoso no seu processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Processo de Ensino e Aprendizagem; Visitas de Estudo; História Local; Património; Fontes.

ABSTRACT

The main aim of this study is to answer the research question: "What is the importance of study visits in the teaching and learning process of History? We will also seek to answer the objectives we have chosen to explain, that is, "To verify whether study visits contribute to the development of historical knowledge and local heritage" and "To analyse the contribution of study visits to improving learning in history, as well as increasing knowledge in the subject".

For that, we intend, throughout this work, to analyse how the study visits in loco and the study of Heritage and Local History are generators of knowledge in the History discipline, as well as to understand if the study of these sites stimulate the motivation of the students when confronted with heritage sources. We also intend to verify if the students, when executing tasks, are able to mobilize the knowledge acquired in the study visits.

This study was developed with 7th grade classes from Escola EB 2,3 Inês de Castro, in Coimbra.

They visited the Machado de Castro National Museum, the Science Museum and the Botanical Garden of the University of Coimbra and toured the old walled city centre, starting the visit where the city's castle once stood and ending this journey at the Almedina Arch.

Two questionnaires were administered. One before and one after the study visit, to check whether it had contributed to the learning and teaching process in the history subject. The students also held an exhibition in school about the study visit, based on photographs they had taken on 17 March, and the accompanying texts were based on their notes.

After analysing the answers, it was found that the students were able to mobilise the knowledge acquired from the study visit and that this resource was very beneficial in their teaching and learning process.

Keywords: Teaching and Learning Process; Study Visits; Local History; Heritage; Sources.

Índice

<i>Agradecimentos</i>	2
<i>Resumo</i>	3
<i>ABSTRACT</i>	4
<i>Introdução</i>	7
<i>Capítulo I- Reflexão sobre a prática pedagógica</i>	10
A Escola	10
Caracterização das turmas	11
Reflexão sobre a prática pedagógica e formativa.....	13
<i>Capítulo II – Enquadramento Teórico</i>	16
A História local.....	20
A memória histórica e o património	23
Visitas de estudo e atividade pessoal dos alunos.....	25
Organização de uma visita de estudo.....	26
Tipos de visitas de estudo (<i>in loco</i> ou virtuais)	28
<i>Capítulo III- Metodologia de investigação e descrição do estudo</i>	32
Objetivos e questões de investigação.....	32
Metodologia de investigação	32
Caracterização dos participantes e as sessões de trabalho	33
<i>Capítulo IV- Descrição do estudo-apresentação e análise dos resultados</i>	37
Resultado do 1º Inquérito.....	37
A visita de estudo.....	42
Pós-visita – Resultado do 2º Inquérito	45
Exposição	53
<i>Conclusão</i>	56
<i>Referências Bibliográficas:</i>	60

<i>Anexos</i>	63
<i>Anexo 1- Plano Individual de Formação- PIF</i>	64
<i>Anexo 2- Elementos produzidos ao longo do Estágio Pedagógico</i>	65
2.1- Planificações das aulas observadas	65
2.3- Avaliação	76
<i>Anexo 3- Ficha 1- Diagnóstica</i>	97
<i>Anexo 4- Ficha 2</i>	99
<i>Anexo 5- Elementos elaborados para a Visita de Estudo</i>	100
<i>Anexo 6- Fotografias da Visita de Estudo</i>	106
<i>Anexo 7- Guia para elaboração dos textos para a exposição</i>	107
<i>Anexo 8- Fotografias da Exposição</i>	108
<i>Anexo 9- Respostas dos alunos ao 2º Inquérito</i>	109
<i>Anexo 10- Textos completos da exposição</i>	113

Introdução

O presente relatório foi desenvolvido no âmbito do Estágio pedagógico em História, realizado na Escola Inês de Castro, em Coimbra. Orientado pela Professora Doutora Sara Dias-Trindade e coorientado pelo Professor Doutor Saul António Gomes, e vamos procurar ao longo deste trabalho, responder aos objetivos e à questão de investigação: *“Que importância assumem as visitas de estudo no processo de ensino e aprendizagem em História?”*

Acredito que uma das formas de tornar o ensino da História mais atrativo passe por realizar atividades mais diversificadas para além daquelas realizadas em sala de aula. Para isso, devemos procurar privilegiar o contacto direto com as fontes fora da escola. Para isso, devemos procurar realizar atividades que dinamizem e motivem os alunos para que estes consigam sentir que as aulas de História lhes são úteis para o seu futuro e para a sua formação enquanto cidadãos.

Para dar resposta a estes propósitos realizou-se uma visita de estudo e aplicaram-se dois inquéritos em duas turmas do sétimo ano da Escola EB 2,3 Inês de Castro, escola essa onde foi realizado o estágio pedagógico.

Iremos então, a partir da visita de estudo, realizada no passado dia 17 de março de 2022 e dos inquéritos aplicados à turma, procurar responder às questões inicialmente apresentadas. Analisaremos uma exposição realizada pelos alunos, exposição essa feita a partir de fotografias e textos que os alunos elaboraram depois da visita de estudo.

Refletiremos ao longo deste trabalho verificar se a visita de estudo será um instrumento pedagógico fundamental na aproximação do discente à disciplina de História. Procuraremos também averiguar se a realização de uma visita de estudo terá efeitos no que toca à responsabilização cívica quando o aluno é confrontado com a defesa e valorização do património histórico. Analisaremos a relevância do estudo e da preservação do património histórico e verificaremos qual o valor do estudo da História local, pois segundo Pedro Manique e Maria Cândida Proença, o estudo da História local assume-se como um ensino alternativo ao ensino tradicional que “pretende compreender o passado nacional na sua relatividade e historicidade e acabar com o mito de uma história nacional unitária e eterna, forjada num discurso historiográfico sobre a Pátria, herdeira

do século XIX”². Para estes, este tipo de ensino “nada diz aos jovens de hoje, nem contribui para fazer do ensino da história o suporte de uma memória viva que possa contribuir para criar uma identidade nacional, aberta ao mundo multicultural”³.

Com este estudo, iremos tentar perceber se o contacto direto com os monumentos e as saídas escolares ainda assumem um lugar de destaque na hora do docente escolher os meios e os recursos que pretende aplicar com os alunos. Pretendemos também analisar se este meio continua a ser atrativo para os discentes e se estes percebem as visitas de estudo como um importante recurso de onde podem retirar informação e conhecimento ou se limitam a interpretar este como um passeio fora do recinto escolar.

A escolha deste tema deveu-se ao facto da Memória Histórica, neste caso a memória patrimonial, despertar em mim um interesse profundo, em parte, pelas unidades curriculares que frequentei durante a Licenciatura em História e pelos docentes que me fizeram saber valorizar e respeitar as heranças patrimoniais que chegaram ao nosso tempo. Espero um dia conseguir também transmitir esse respeito e valorização pelo património aos meus alunos.

O presente trabalho divide-se em quatro capítulos: no primeiro encontra-se uma reflexão sobre a prática pedagógica, fazendo a apresentação do tema e realizando também a caracterização da instituição onde decorreram as atividades aqui apresentadas. Caracterizaremos as turmas nas quais dinamizamos estas atividades e faremos a descrição dessas sessões de investigação.

No segundo capítulo procura-se fazer um enquadramento teórico e metodológico do tema que foi aplicado com nas turmas durante o estágio pedagógico, destacando a relevância e as fragilidades das visitas de estudo em contexto escolar, bem como a sua pertinência quando se analisa o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Nesse capítulo analisaremos alguns autores e verificaremos as opiniões e estudos que estes têm desenvolvido acerca das visitas de estudo. Serão as burocracias ou os custos económicos um entrave quando o docente opta por realizar (ou não) uma visita de estudo, tal como defende Maria Manuela Abreu?⁴ Ou será a facilidade em realizar visitas de estudo

² MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida- **Didática da História – Património e História Local**. 1.º ed. Lisboa : Texto Editora, 1994. 26. p.

³ Idem.

⁴ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) 153.

virtuais, que estão gradualmente a substituir as visitas de estudo in loco? Serão estas algumas das questões que iremos procurar decifrar ao longo deste capítulo.

No capítulo terceiro, apresenta-se a metodologia de investigação, descrevendo o estudo, os objetivos, a questão de investigação, bem como a caracterização dos participantes.

Por fim, no quarto capítulo, descrevemos os resultados das experiências pedagógicas, neste caso a visita de estudo, dos dois inquéritos entregues aos alunos (um antes da realização da visita de estudo e um outro após a realização da mesma) e da exposição elaborada pelos discentes. Este capítulo, na minha opinião, é muito importante, uma vez que é nele que se apresentam as reflexões e os resultados da análise científica do conjunto de atividades realizadas ao longo do ano letivo (2021/22).

Sendo o processo de ensino e aprendizagem um processo contínuo e em que se observam as ações do professor ou do aluno, iremos examinar se as visitas de estudo são um recurso capaz de gerar conhecimento e se estas se afirmam como uma importante estratégia.

Iremos refletir e desmistificar a ideia de que uma visita de estudo possa ser, apenas, uma mera saída da escola, afirmando-se, antes, como um importante recurso que põe os discentes em contacto direto com as fontes históricas e patrimoniais, momento esse que é bastante proveitoso para os estudantes, pois para além de ser uma oportunidade de visitar património histórico e cultural, que muitas vezes lhes é desconhecido, é também um momento em que estes podem compreender a História “fora dos livros.”

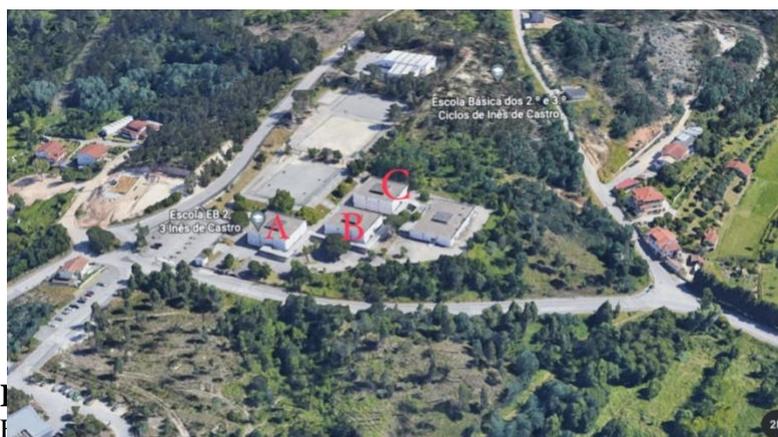
Capítulo I- Reflexão sobre a prática pedagógica

A Escola

A instituição na qual se desenvolveu o Estágio Pedagógico, foi a Escola EB 2,3 Inês de Castro, estando esta inserida no Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste, com sede na escola Secundária D. Duarte.

O estabelecimento de ensino localiza-se na periferia da União de Freguesias de São Martinho do Bispo e Ribeira de Frades, encontrando-se bem servida por uma rede de transportes e bons acessos rodoviários. A maioria dos alunos que anda nesta escola reside na área geográfica da freguesia onde se localiza a escola, mas podemos também encontrar muitos alunos da União de Freguesias de Santa Clara e Castelo Viegas e Assafarge e Antanho⁵.

Na Escola, podemos encontrar alunos desde a pré-escola ao nono ano. Esta está



organizada em três blocos⁶, o A, B e C, havendo ainda o pavilhão e o edifício onde se situa o refeitório, a papelaria, o bar, local de convívio entre professores e alunos, e as salas de aulas para o pré-escolar. O bloco C, é o edifício onde estão as turmas do quinto ao

sétimo ano e no bloco B, podemos ver também turmas do sétimo, mas neste encontram-se, sobretudo as turmas de oitavo e nonos anos. No bloco A, encontram-se os serviços administrativos, a sala de professores, a direção da escola, a biblioteca e as salas onde os alunos têm aulas de TIC. Ao longo deste Estágio Pedagógico lecionaram-se aulas nestes três blocos.

Mesmo sendo uma escola construída em 1988⁷, esta encontra-se tecnologicamente capacitada para poder oferecer um bom ensino aos alunos. As salas de aula estão munidas de projetor e computadores e a internet é acessível em todos os blocos. O único problema

⁵ Recolhemos estes dados no inquérito diagnóstico elaborado para o presente relatório.

⁶ Planta da escola presente nos anexos deste trabalho.

⁷ Informação indicada pelo coordenador da Escola.

identificado foi a localização dos projetores, pois como muitos não se encontram no centro da sala de aula, e como estas são compridas, os alunos que se encontram nas pontas ou ao fundo da sala, por vezes, tinham de mudar de lugar, pois não conseguiam ver o que era apresentado.

Salienta-se também o excelente ambiente que se vivia na Escola, não só entre professores e alunos, mas também entre alunos e assistentes operacionais, assistentes esses incansáveis! Uma escola não funciona sem eles e as greves são o exemplo perfeito para fundamentar isso, pois a escola para e não há aulas. Lamento que, por vezes, sejam esquecidos dentro de uma escola, mas estando na escola, a realizar o estágio, consegui verificar estes são parte integrante da academia, não só pelo serviço prestado, mas sobretudo pelos carinhos e sorrisos que dedicam aos alunos, sorrisos esses, que muitos só encontram na escola!

Entre professores o espírito de entajuda esteve sempre presente. Notou-se que se remava para o mesmo lado. Destacam-se ainda os espaços de lazer que os alunos tinham, dois campos de futebol e vários pontos espalhados pela escola onde podiam conviver e disfrutar das sombras que as árvores ofereciam.

Caracterização das turmas

Quando chegámos à escola foram-nos apresentadas as turmas que a professora orientadora de estágio acompanhava. As turmas que eu acompanhei durante o estágio pedagógico foram dois nonos anos, um constituído por vinte e quatro alunos, onde foi lecionada História e um outro, com vinte e três alunos, turma essa em que pontualmente foram desenvolvidas atividades, nas disciplinas de Cidadania e Desenvolvimento. Soubemos, também, que iríamos acompanhar os sétimos anos, mas faseadamente, ou seja, estes seriam repartidos entre os três membros do Grupo de Estágio, uma vez que eramos três e só existiam duas turmas⁸.

A turma de nono ano era composta, por vinte e quatro alunos, tendo um deles sido transferido em meados de outubro para outra escola. Recebemos também um aluno, apenas de forma provisória e que pouco tempo depois regressou à sua escola de origem.

⁸ Este texto será apenas focado na turma que acompanhei mais diretamente e nos sétimos anos, pois foi com estas turmas que foram recolhidos dados para este relatório.

A turma era, então, composta por onze rapazes e doze raparigas, e era uma turma do ensino articulado, uma vez que quase metade dos alunos repartiam o seu ensino entre a Escola e o Conservatório de Música de Coimbra. Na última reunião de Conselho de Turma, esta foi considerada uma turma de alto rendimento, com o comportamento avaliado em Bom, com o rendimento de muito satisfatório, pois a média da turma (em rendimento) ultrapassava os quatro valores. No final do ano letivo, seis alunos ingressaram no quadro de mérito, ou seja, podemos concluir que esta turma foi um grande desafio neste ano de estágio pedagógico, pois o interesse demonstrado pelos alunos, bem como as questões apresentadas eram o grande fôlego das aulas.

Relativamente às turmas de sétimo ano⁹, uma turma pertence na globalidade ao ensino articulado (sétimo X), ou seja, todos os vinte e três alunos estão inscritos no Conservatório de Música de Coimbra e a outra turma, de ensino regular, contava com vinte e dois alunos (sétimo Y). A primeira é composta por dez rapazes e treze raparigas e a outra por dezassete rapazes e cinco raparigas e mesmo tendo alunos da mesma idade eram turmas totalmente distintas.

O sétimo X é uma turma classificada com Bom no aproveitamento, com uma média de 4,3 valores, não tendo existindo qualquer ocorrência disciplinar ao longo do ano letivo, por essa razão e pelo bom aproveitamento e participação, a turma foi classificada com Muito Bom a nível comportamental. Nove alunos foram propostos a quadro de mérito. O sétimo Y foi classificada com Bom no aproveitamento com uma média de 3,61 valores e com um comportamento satisfatório. Dois alunos desta turma foram propostos ao quadro de mérito.

Destacam-se ainda as relações de amizade que existiam entre estas duas turmas, observando-se isso diariamente e no dia da visita de estudo que com eles realizámos.

⁹ Nota: os números atribuídos aos alunos, bem como a denominação atribuída às turmas não corresponde à realidade. A todos os alunos foi atribuído um número aleatório.

Reflexão sobre a prática pedagógica e formativa

Refletir sobre o ano de estágio, não é de todo, uma tarefa fácil e que se consiga materializar em algumas páginas. Recordo-me com nostalgia que quando me perguntavam “o que queria ser quando fosse grande”, respondia sempre, com um sorriso no rosto, “quero ser professor de História!”

A escolha desta profissão deve-se sobretudo pelo exemplo de alguns professores, sobretudo os de História, que me acompanharam ao longo do meu percurso escolar, exemplos esses que sonho um dia ser para os meus alunos.

Quando em setembro entramos na escola e nos foi atribuída cada uma das turmas que acompanhámos ao longo do ano, admito que fiquei receoso, sobretudo pela inexperiência e pelo medo de poder afetar algum aluno.

Trabalhei, ao longo deste ano, essencialmente com duas turmas, dois nonos anos, um em Cidadania e Desenvolvimento e outro em História, orientei algumas aulas das duas turmas de sétimo ano e em algumas ocasiões lecionei determinadas matérias da disciplina de História às outras turmas de nono ano que eram acompanhadas pelos meus colegas do Grupo de Estágio. Lecionei aos três nonos anos os conteúdos sobre as ditaduras Franquista e Estalinista, tendo nessas aulas apresentando as características principais de cada um desses regimes, o que os separava e o que os unia, bem como as revisões para o último teste. Lecionei, ainda, duas outras aulas sobre o Estado Novo nas décadas de sessenta e setenta, o papel dos artistas, tendo-me socorrido, como recursos essenciais, das músicas de Zeca Afonso o pilar desta lição. a partir das músicas “Venham mais 5!”, “Menina dos olhos tristes” e “Trova do Emigrante” de Manuel Alegre, pretendeu-se que os alunos percebessem de que forma é que os artistas expressavam o seu descontentamento para com a governação. Para além disso, e analisando os títulos destes canções observamos que os problemas sociais do país eram criticados a partir das músicas, neste caso a emigração e a mortalidade provocada pela Guerra do Ultramar. Pretendeu-se assim que os alunos compreendessem a forte influência que os artistas tiveram na crítica ao regime e a forma como eles conseguiam “escapar entre as malhas da censura” recorrendo a figuras de estilo nos seus escritos.

O núcleo de estágio era composto pela professora orientadora Manuela Carvalho e pelos professores estagiários Inês Soares e Gilles Jesus e foi um núcleo que funcionou muito bem, pois a entajuda e o apoio eram constantes. Sempre que necessitávamos do

apoio, seja para a elaboração de tarefas, esclarecimentos de dúvidas ou às vezes até pequenos conselhos, podíamos contar uns com os outros, e sempre motivados pela Professora Orientadora, que nos transmitiu sempre o facto de que éramos uma equipa e que assim devíamos trabalhar, o que resultou muito bem, pois estávamos sempre dispostos a ajudar-nos uns aos outros.

Saliente-se também o excelente ambiente que se vivia na Escola. Fomos recebidos de braços abertos por toda a comunidade escolar e nunca nos sentimos “inferiorizados” só pelo facto de sermos professores estagiários. Sinto que fomos sempre tratados como colegas de trabalho e isso foi uma mais valia, pois permitiu-nos sentir membros integrantes da comunidade escolar.

Relativamente às aulas, e agora aproveitando para refletir entre a primeira aula lecionada dia 2 de novembro e a última realizada no dia 31 de maio, sinto uma grande evolução, sobretudo na oralidade e na capacidade de orientar e dirigir a aula. Recordo-me que, na primeira aula, estava muito apoiado no recurso em *PowerPoint*, quase com o texto decorado, e que sentia um enorme medo que algum aluno interviesse e que fizesse com que eu depois não conseguisse retomar o discurso. Aos poucos procurei desligar-me desse modelo de aula e fui procurando realizar atividades que dessem destaque aos alunos e que lhes permitissem alcançar conhecimentos sem estes serem transmitidos pelo professor. Destaco a aula que foi realizada a partir das músicas de Zeca Afonso, lecionada a 24 de maio, pois senti que foi das que mais gostei de orientar, uma vez que vi nos alunos um interesse genuíno em conseguir entender quais eram as características sociais e políticas de Portugal dos meados do século XX.

Para além das aulas, tive a oportunidade de acompanhar um aluno através de apoio tutorial, e essa foi das atividades que mais prazer me deu levar a cabo, pois ter conseguido ajudar o aluno em questão fez-me sentir inteiramente realizado. Destaco a enorme diferença entre a primeira sessão a 6 de janeiro e a última a 27 de maio. No início do ano era um aluno fechado em si mesmo, muito retraído e pouco falador e no 3º período era o contrário, pois nas nossas sessões, este já falava abertamente sobre os assuntos abordados e fazia questões. Penso que esta atividade foi muito gratificante para mim como docente, pois pude colocar em prática aquela que é uma das missões de ser professor: ajudar os alunos a superar as suas dificuldades e problemas, e efetivamente viram-se essas

dificuldades superadas o que contribuiu para a melhoria da aprendizagem e da vida do aluno em questão.

Outra das capacidades que pudemos desenvolver este ano foi o contacto com algumas instituições, nomeadamente representantes de partidos políticos com assento parlamentar ou elementos da sociedade civil. O primeiro contacto foi realizado com a eurodeputada Lúcia Pereira e o segundo com a Câmara Municipal de Coimbra, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento. No meu entender, foi uma mais-valia, permitindo-me contactar com outra faceta do trabalho do professor. Realizou-se a Palestra com a eurodeputada, onde se refletiu sobre o *Impacto da (Des)informação em Democracia*. Realizou-se ainda, no 2º período, com a nossa participação na sua organização, uma vídeo-palestra com o Sheik David Munir, da Mesquita Central de Lisboa, onde se esclareceu com os alunos a natureza do islamismo e as características dos Talibã, no âmbito do projeto de investigação da turma, que pretendia explicar aos alunos o que aconteceu no Afeganistão aquando da retirada militar dos EUA.

Destaco ainda a visita de estudo que realizámos com os sétimos anos. Para além de este ser o tema que estou a desenvolver neste relatório, foi uma oportunidade única de poder contactar com os alunos fora da sala de aula e poder observar e comprovar que fora da sala de aula também se aprende e que este recurso escolar continua a ser uma mais-valia quando se reflete sobre recursos que melhoram a aprendizagem dos alunos.

A participação em reuniões de Conselho de Turma foi também uma experiência muito enriquecedora e fundamental para conseguirmos desenvolver capacidades no que toca a essa área da nossa profissão. Destaco ainda, como elemento positivo, as reuniões que tivemos com a Professora de Educação Especial e com a Diretora de Turma de uma das turmas que acompanhei. Com estas sessões ficamos a conhecer recursos, estratégias e formas de trabalhar com alunos Necessidades Educativas Especiais. Durante a reunião com a Diretora de Turma, foi-nos entregue um ficheiro com alguns dos procedimentos que um diretor de turma tem de realizar, bem como toda a legislação.

Ao nível do relacionamento com os alunos, considero que tive um papel bastante ativo, pois segui o exemplo de muitos dos meus professores, demonstrei sempre preocupação em encontrar recursos e estratégias que os ajudassem a desenvolver conhecimentos, procurando sempre ser uma ponte entre o aluno e a disciplina,

averiguando quais eram as preocupações e as dúvidas destes, para que estas pudessem ser suprimidas. Procurei assumir sempre uma postura correta e bem-humorada.

Porém, nem tudo correu como desejado, pois as fragilidades e as dúvidas estavam sempre presentes. Tenho a noção de que a criação das planificações de curto prazo e o desenvolvimento de competências e objetivos foram sempre a grande desafio deste ano. Tenho, por isso, que continuar a trabalhar nesta área, para que os alunos não saiam prejudicados e para que eu, como docente, consiga desenvolver mais competências neste domínio.

Capítulo II – Enquadramento Teórico

Desde muito cedo que as visitas de estudo têm sido empregues como um instrumento no ensino, porém, com o avançar dos anos, com o acréscimo do número de alunos nas turmas e com o aumento de preços de muitos itens essenciais à realização de uma visita de estudo (como o custo dos bilhetes dos museus e os valores das viagens de autocarro ou comboio, por exemplo), muitos são os docentes que têm optado pelo abandono deste recurso didático. Também a possibilidade de realizar visitas de estudo virtuais veio proporcionar outro tipo de contacto com o património local.

Porém, as visitas de estudo têm uma forte influência nos alunos, pois conseguem transportar o estudante diretamente do manual para a realidade, ou seja, transformam o local que está a ser visitado numa autêntica sala de aula ao ar livre.

Visitas de estudo a localidades, arquivos, museus e monumentos afirmaram-se ao longo dos tempos como um dos recursos didáticos que mais garantias dá ao professor de História de realizar um ensino mais ativo desta disciplina. Maria Manuela Viegas de Abreu afirma que: “Sem documentos não há História”¹⁰, ou seja, sem uma observação direta das fontes históricas, não há um real ensino da História, e ao longo dos tempos vários historiadores têm escrito sobre a importância destas. António Almeida escreveu em 1998 sobre este recurso didático. Escreveu em 1998 “*Visitas de Estudo, Conceções e Eficácia na Aprendizagem*”, afirmando que estas contribuem para o desenvolvimento global do aluno, uma vez que agem “como facilitadoras da aquisição de conhecimentos,

¹⁰ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) 145.

por proporcionarem um clima de aprendizagem mais descontraído, aspeto que se reflete na motivação dos alunos, que passam a ficar mais disponíveis para aprender”¹¹.

Ana Isabel Ribeiro, Sara Dias-Trindade, Hélder Oliveira e Pedro Reis são outros autores que escreveram sobre estas. Pedro Reis demonstra a importância das aprendizagens fora do contexto da sala de aula, ou seja, na sua perspetiva, os alunos em contexto de visita de estudo também aprendem, justificando assim uma das teorias de Manuela Abreu, quando esta afirma que as visitas de estudo “favorecem o desenvolvimento das suas capacidades de observação, imaginação e reflexão crítica”¹². Na ótica de Hélder Oliveira¹³, estas são uma oportunidade para a assimilação de conhecimentos, pois é na visita de estudo que o aluno pode aplicar o conhecimento histórico que aprendeu na escola e no melhor dos casos ainda adquirir algum conhecimento extra. Hélder Oliveira ainda acrescenta que as visitas de estudo são momentos em que se observa uma melhoria na relação entre professor/aluno (e vice-versa), pois é um momento de maior descontração.

Ana Isabel Ribeiro e Sara Dias-Trindade¹⁴ expõem uma hipótese adequada aos dias de hoje, tendo em conta que as tecnologias digitais se tornaram num utensílio presente em qualquer bolso. As investigadoras, sugerem a ligação das tecnologias (*iPads/smartphones* por exemplo) às visitas de estudo, como forma de gerar um maior envolvimento e uma maior motivação dos alunos na atividade. O uso de tecnologias em visitas de estudo podem ter a capacidade de transmitir aos estudantes uma sensação de autonomia, uma vez que estes se podem guiar através de aplicações digitais (exemplo *Google Maps ou Google Earth*) e não necessitaram do apoio e da supervisão constante do docente.

¹¹ ALMEIDA, António José Correia de - **Visitas de Estudo: Conceções e Eficácia na Aprendizagem**. 1.º ed. Lisboa : Livros do Horizonte, 1998. 19 p.

¹² ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) 145.

¹³ OLIVEIRA, Hélder - As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida. In ROYÉ, Dominic et al. (coord.) - XIII Coloquio Ibérico de Geografia: Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual. Santiago de Compostela : Unidixital, 2012. p. 1681.

¹⁴ TRINDADE, S. D.; RIBEIRO, A. - Universidade de Coimbra digital: visitas de estudo guiadas por tablets. **Digital Technologies & Future School, Atas do IV Congresso Internacional TIC e Educação 2016** [Em linha]. (2016) 179-188, atual. Set. 2016 [Consult. 18 Mai. 2022]. Disponível em WWW:<URL: <http://hdl.handle.net/10316/44432>>.

Tendo em conta todas estas características apresentadas por muitos estudiosos do tema, cremos que as visitas de estudo, mesmo com o avançar dos tempos, não poderão deixar de ocupar um lugar de destaque no leque dos recursos didáticos que estão ao dispor do professor. Porém, os recursos didáticos apresentam fragilidades e as visitas de estudo não são exceção.

Sílvia B. Araújo¹⁵, na sua dissertação de Mestrado apresentada na FLUP, refere algumas dessas fragilidades. Desde logo, uma das maiores dificuldades que o professor sente numa visita de estudo é fazer com que os alunos percebam que não se trata de um passeio e, para conseguir isso, uma das soluções que se apresenta é tentar a colaboração da turma na elaboração e planificação da saída. Assim, os alunos percebem que se trata de uma aula prática e não de um passeio e que no fim da sua realização podem concretizar a elaboração de um relatório, por exemplo. Esse relatório pode ser mais um elemento que o professor tem à sua disposição na altura em que tem que preparar a avaliação do aluno. Sílvia Araújo acrescenta que “a dificuldade de concentração dos alunos em ambientes novos pode tornar-se num fator de entrave”¹⁶, ou seja, como estes se encontram num local novo, o seu comportamento não é o melhor, pondo em causa toda a planificação e, possivelmente, não adquirindo nenhum conhecimento pertinente, falhando assim o objetivo primordial da visita que é, como qualquer aula, a aprendizagem de novos conteúdos e informação cultural e científica.

A existência de turmas grandes, na ótica de Sílvia Araújo, é um fator limitador. Considera que “quantos mais alunos participarem numa visita de estudo, mais dificuldade o professor terá em controlá-los e a indisciplina pode tornar-se um sério problema”¹⁷. Uma vez mais, o comportamento pode pôr em causa tudo que o docente tenha definido. Maria Manuela Abreu, por outro lado, apresenta uma solução para este entrave que consiste na divisão da turma em dois grupos (consoante o número de alunos, para esta autora, quinze é o número ideal)¹⁸ entregando-se a cada grupo um roteiro diferente do

¹⁵ ARAÚJO, Sílvia Isabel Brochado - “**Só se ama o que se conhece...**”: **Contributos da História Local no Ensino da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. 73 p. Dissertação de mestrado.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) 160.

local que se visita. Assim a turma é dispersa e pode o professor, ou o colaborador do museu controlar melhor o grupo.

Nos últimos anos, as viagens de estudo não têm sido um recurso muito usado, pois as burocracias têm posto em causa este instrumento didático. Para começar, a interferência das visitas de estudo nas atividades letivas, ou seja, se a visita não tiver um carácter interdisciplinar, pois vai interromper o normal decurso das aulas, daí a opção por fazer da visita de estudo um momento interdisciplinar.

Os normais custos económicos associados à visita são muitas vezes relacionados com a não concretização destas, tendo em conta que muitas escolas não têm a disponibilidade financeira desejada, assim como alguns agregados familiares dos alunos¹⁹.

Sílvia Araújo atesta ainda que “a definição do local a visitar, a aprovação institucional e pedagógica, uma visita prévia ao local, a logística (como meio de transporte, contactos a estabelecer com os sítios a visitar, as autorizações dos Encarregados de Educação para a saída da escola...)”²⁰ Prossegue a autora referindo que “o trabalho motivacional junto dos alunos e a elaboração de recursos (que podem ser pequenas pesquisas ou recolha de informações no local) e planos didáticos são procedimentos elementares na realização de uma visita de estudo com sucesso”²¹.

É devido a estes fatores, e à dificuldade em arranjar uma solução eficaz para eles, que nos últimos tempos este recurso didático parece estar²² abandonado pelos docentes, tendo estes optado por outros recursos, como por exemplo as visitas de estudo virtuais, uma vez que estas não necessitam da maioria das burocracias que as visitas *in loco*.

¹⁹ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) 153.

²⁰ ARAÚJO, Sílvia Isabel Brochado - “**Só se ama o que se conhece...**”: **Contributos da História Local no Ensino da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. 73 p. Dissertação de mestrado.

²¹ ARAÚJO, Sílvia Isabel Brochado - “**Só se ama o que se conhece...**”: **Contributos da História Local no Ensino da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. 73-74. p. Dissertação de mestrado.

²² Não esquecer, que durante a pandemia os docentes não tiveram mesmo nenhuma oportunidade de realizar nenhuma destas viagens de estudo o que provocou uma forte quebra na adoção deste recurso.

A História local

O estudo da História Local teve como importante impulsionador Pierre Goubert, historiador francês, que lhe dedicou um artigo nos anos cinquenta, do século XX, com o objetivo de chamar a atenção para a importância desta temática. Mas foi sobretudo por volta de 1980 que se começaram a desenvolver trabalhos sobre este tema, como a *Nova História*. Esta surge em França por volta de 1979 e que vai permitir que se tenha “um novo olhar sobre a História local e regional”²³.

António de Oliveira afirma na introdução do seu estudo “Pedaços de História local” que:

“A História local desenvolveu-se muito nas últimas quatro décadas. Proliferou historiograficamente atualizada e empenhada. Os historiadores profissionais chamaram-na a si, sem perder a benfazeja feição dos que amam a pátria local, sentimento enraizado de pertença a uma comunidade que se estuda como se pode ou como se sabe”²⁴.

Afirma Sílvia Brochado Araújo que:

“A História é uma forma de estar na vida, na sociedade, no exercício da cidadania. A sua utilidade vê-se na falta que faz aqueles que não entenderam que até o útil tem que ser belo e a beleza do presente tem os parâmetros da compreensão do passado”²⁵.

A partir desta afirmação verificámos a importância que a disciplina de História tem na atualidade e na formação dos alunos e, de facto, esta disciplina apresenta-se como elemento necessário para compreendermos o mundo que nos rodeia. É a partir desta que ficamos a entender a forma como surgiram as povoações e os lugares, as gentes e comunidades, bem como o seu modo de viver e de estar, as suas crenças. Isso desperta

²³ ARAÚJO, Sílvia Isabel Brochado - “**Só se ama o que se conhece...**”: **Contributos da História Local no Ensino da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. 23 p. Dissertação de mestrado.

²⁴ OLIVEIRA, António de – **Pedaços de História Local**, Vol. 1, Coimbra : Palimage, 2010. 13 p.

²⁵ ARAÚJO, Sílvia Isabel Brochado - “**Só se ama o que se conhece...**”: **Contributos da História Local no Ensino da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. 22 p. Dissertação de mestrado.

interesse nos alunos, e o uso da História local surge como elemento imprescindível nessa estratégia. Luís Alves afirma:

“O uso da História Local pode, desta feita, constituir um fator fundamental na motivação para os conteúdos da História, para a construção de conhecimentos e para o exercício da cidadania. A localidade tem potencial pois “(...) pode construir um exemplo privilegiado do nosso passado, que aproxima o professor ao aluno, que o enraíza no seu espaço, que o forma criticamente no exercício da sua cidadania e que o aproxima do seu saber histórico”²⁶.

A História Local surge-nos, assim, como um importante recurso estratégico, pois quando o professor tem de falar de História e de património histórico tem sempre tendência a dar exemplos fora da zona em que leciona, mas parece-nos muito mais apelativo o uso de imagens, e se possível realizar visitas, pois o uso de elementos mais ligados à História da localidade, ou seja, à História pessoal de cada um tende a ser mais atrativo e de fácil entendimento para o aluno.

“Quando aplicada ao contexto escolar (...) pode trazer muito mais apreço aos jovens. Ao estudarem o seu passado mais próximo, seja em vestígios arquitetónicos, linguísticos, documentais, artísticos ou outros, podem compreender melhor o espaço e a comunidade onde estão inseridos”²⁷.

Aplicar a história local à história global²⁸ parece-nos então um importante recurso para que os alunos entendam melhor o que estamos a falar. Importa não cair na tentação de afirmar que a História local é uma História fragmentada, para isso, importa usar imagens ou exemplos de monumentos para realçar a coesão existente entre a História

²⁶ ALVES, L. - **A História Local como estratégia para o ensino da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. 69 p. Dissertação de mestrado.

²⁷ ARAÚJO, Sílvia Isabel Brochado - **“Só se ama o que se conhece...”: Contributos da História Local no Ensino da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. 23 p. Dissertação de mestrado.

²⁸ Realizou-se essa atividade ao longo do estágio pedagógico. Quando foi lecionada a matéria da Expansão do Império Romano foi pedido aos alunos que encontrassem na sua localidade alguns elementos da presença romana. Estes encontraram algumas estradas, elementos artísticos e o criptopórtico do Museu Nacional Machado de Castro. A partir destes lecionamos a matéria na globalidade;

local e a História global. Um exemplo que ilustra isso pode ser, quando se leciona a expansão do Império Romano inserir imagens de estradas ou outros vestígios dos romanos presentes na localidade onde se encontra a escola, comparando-os com aqueles que ainda podemos encontrar noutras cidades que outrora pertenceram ao mesmo como por exemplo o Coliseu de Roma.

Foi sobretudo depois da Revolução de Abril, que em Portugal se passou a ver a História local com outros olhos, pois “os anos que se balizam entre 1970 e 1990 foram marcos no que respeita à produção de estudos locais, sobretudo teses de doutoramento.

António de Oliveira declara que o estudo da História local, em Portugal, teve um forte impulso aquando da criação da Constituição de 1976, pois esta “modelou o poder local, abrangendo o município ou apenas a freguesia, como espaço de intervenção democrática, buscando as origens e o seu desenvolvimento”²⁹.

Num cômputo geral, pode dizer-se que entre os anos 1970 e 1990 os estudos históricos de âmbito local estiveram bem presentes nas universidades portuguesas”³⁰ e após a realização destes estudos, verificámos que a História Local passou a assumir algum lugar de destaque nos manuais escolares e afirma-se isto ilustrando com um exemplo:

“Uma especial atenção aos vestígios da presença romana na Península Ibérica em Portugal, particularmente na região em que a escola se insere, sendo de encorajar a troca de materiais (fotografias, relatos de visitas de trabalho)”³¹.

Em suma, a História local aparece como estratégia para que o aluno sinta gosto pelo que é lecionado e sinta o valor do que lhe é transmitido pelo docente. Assim, os alunos podem passar a dar importância à História da sua localidade, pois passam a entender a matéria num contexto global. Isto poderá levar os alunos a saber respeitar e a valorizar o património existente nas suas localidades, fazendo-os agir como cidadãos esclarecidos, capacitados de conhecimento, porém isso só poderá acontecer caso os alunos tenham contacto com o património, e esse contacto pode ser proporcionado através de visitas de

²⁹ OLIVEIRA, António de – **Pedaços de História Local**, Vol. 1, Coimbra : Palimage, 2010. 13 p.

³⁰ PEREIRA, M. – História Local e Regional: singularidades de uma História plural. In FARIAS, S. ; LEAL, M. (Orgs.)- **História Local e Regional II: o plural e o singular em debate**. S. Salvador da Bahia: EDUNEB, 2012. p. 24.

³¹ Programa de História do 3º Ciclo do Ensino Básico, 1991, volume II, p.23:

estudo, por exemplo. Afirmam-se então, as visitas de estudo, como principal elemento capaz de por frente a frente o património (e o conhecimento) histórico e o discente.

A memória histórica e o património

A História, e a memória histórica, constituem a identidade de um povo, ou de uma nação, pois é a partir dessas memórias que se constroem as particularidades dessas gentes. Gente que revê os seus comportamentos e atitudes espelhados em ações feitas ao longo da sua História. Não nos podemos esquecer que a História local é um fator integrante da História global e não um fator isolado, ou seja, também as memórias regionais se afirmam como importante meio integrante de uma memória nacional, tal como afirma Thaíse Rocha, “o património possui a capacidade de estimular a memória das pessoas historicamente vinculadas a ele!”³²

“Uma identidade constrói-se a partir do conhecimento da forma como os grupos sociais de pertença viveram e se organizaram no passado”³³. E é a partir dessas lembranças, que às vezes são categorizadas como heranças culturais, que podemos perceber a relevância da memória histórica. Esta pode fornecer indicações sobre a História de um país ou localidade. Por ter esse papel, acabam as memórias históricas por serem contribuidoras no processo de formação de identidade da localidade, e obviamente na formação dos cidadãos, criando assim uma ligação entre a terra e as suas gentes.

Essas memórias devem ser preservadas, e preservá-las significa garantir que a sociedade tem a oportunidade de conhecer a sua identidade e a sua História, através do património edificado, escrito, oral, religioso, ou seja, património material e imaterial.

Podemos encontrar três tipos de memórias, a patrimonial, a escrita e a oral. A memória patrimonial, tal como o nome indica está inteiramente relacionada com o património, neste caso, igrejas, mosteiros, castelos, muralhas, ou seja, vestígios da História que podemos encontrar presentes nas nossas localidades e cidades. A memória escrita, por sua vez, pode nos chegar através de escritos redigidos noutros tempos, como

³² ROCHA, Thaíse Sá Freire - “**Refletindo sobre memória, identidade e património: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF**”. Juiz de Fora : Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014. 3 p. Dissertação de Bacharelado.

³³ MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida- **Didática da História – Património e História Local**. 1.º ed. Lisboa : Texto Editora, 1994. 24. p.

por exemplo as memórias Paroquiais de 1758, relato que nos descreve os usos e costumes e modo de viver das aldeias, vilas e cidades portuguesas de meados do século XVIII.

Resta-nos a memória oral. Segundo o relato de Thaíse Rocha, “geralmente quando pensamos em património, temos a tendência de associá-lo somente ao património material, ligado a riqueza, que são herdados ou que possuem algum valor afetivo. Porém, património não se limita apenas sentido de herança. Refere-se também, aos bens produzidos por nossos antepassados, que resultam em experiências e memórias, coletivas ou individuais”³⁴. As lendas e mitos caminham quase de mãos dadas com a História Local. Quase todas as aldeias tem uma lenda fundacional, lenda essa associada a um monumento ou uma personalidade.

Visto como um bem essencial numa sociedade, “o conceito de património comum adquiriu um relevo assinalável no Direito internacional”³⁵, em parte devido à importância que a sociedade passou a dar às edificações e memórias históricas que nos chegaram com o passar dos tempos. A firma Marc Guillaume “temos o dever de conservar para transmitir. Duplo dever, quer face aos nossos antepassados quer aos nossos filhos”³⁶.

O património surge na lei portuguesa com o nome Lei do Património Cultural Português, e segundo esta, entende-se por património “todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devem ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo”³⁷. A lei “segue de perto a tipificação da UNESCO, e classifica os bens patrimoniais imóveis em monumentos, conjuntos e sítios, adotando definições amplas que permitem, teoricamente, a defesa das realidades patrimoniais do país”³⁸.

Para conseguir que os alunos compreendam a relevância do Património Histórico é necessário familiarizá-los com este, ou seja, pôr o aluno em contacto com as matérias

³⁴ ROCHA, Thaíse Sá Freire - “**Refletindo sobre memória, identidade e património: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF**”. Juiz de Fora : Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014. 5 p. Dissertação de Bacharelado.

³⁵ CARNEIRO, Roberto. – **Educar hoje: Enciclopédia dos pais**. Vol. 3, 1.º ed. Lisboa: Lexicultural: Atividades Editoriais ASA, 2001.p. 116.

³⁶ GUILLAUME, Marc – **A política do património**. 1.º ed. Porto : Campo das Letras, 2003. 40. p.

³⁷ Lei 13/85 disponível através do Link: <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/13-1985-182874>.

³⁸ MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida- **Didática da História – Património e História Local**. 1.º ed. Lisboa : Texto Editora, 1994. 55. p.

históricas. Segundo a obra, “Didática da História- Património e História Local”, publicada em 1994, “para desenvolver um projeto de história local que envolva investigação em fontes primárias, torna-se necessário familiarizar os alunos com determinadas instituições locais onde terá lugar a pesquisa- arquivos, bibliotecas”³⁹.

Importa ao docente transmitir a importância da memória histórica ao aluno. Transmitindo a relevância seja de um castelo, seja de um pequeno documento escrito no século XVIII, o aluno fica a entender o valor deste e o valor da sua preservação. A escola assume assim um lugar de destaque no que toca à consciencialização da valorização patrimonial. Saliento ainda que se existir um trabalho colaborativo entre a escola e a autarquia local (criando esta estratégias para que os alunos possam visitar por exemplo os museus e sítios que pertencem ao município) verificaremos que ao conhecer o património da sua cidade estes passam a saber valorizá-lo e respeitá-lo, tal como afirma Roberto Carneiro na sua obra publicada em 2001 “quando os pais têm cada vez menos disponibilidade para acompanhar o tempo livre dos seus filhos (...) há que apelar à disponibilidade de outras entidades da sociedade civil que possam, com alguma consistência e, fundamentalmente segurança, propiciar outras atividades aos jovens”⁴⁰.

Visitas de estudo e atividade pessoal dos alunos

As visitas de estudo assumiram-se como um dos recursos didáticos mais importantes no contexto escolar. Esta tem a sua função formativa, acrescentando, ainda, a sua versão informativa, uma vez que o principal objetivo é haver transmissão de conhecimentos. Voltando à sua vertente formativa, as visitas de estudo, tem um grande valor pedagógico, uma vez que pode servir de incentivo à participação na organização desta, gerando interesse e entusiasmo nos alunos. Isto pode culminar numa vontade de recolher informações, fomentando o gosto do discente em realizar práticas de investigação inicial em História em livros e revistas e no local a ser visitado. Pode ainda, fruto de numa visita de estudo, surgir a vontade da criação de um álbum fotográfico. Todas estas informações podem culminar na elaboração de um relatório ou de uma exposição fotográfica.

³⁹ MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida- **Didática da História – Património e História Local**. 1.º ed. Lisboa : Texto Editora, 1994. 33. p.

⁴⁰ CARNEIRO, Roberto. – **Educar hoje: Enciclopédia dos pais**. Vol. 4, 1.º ed. Lisboa: Lexicultural: Atividades Editoriais ASA, 2001.p. 132. ISBN: 972-8377-62-2.

Além de constituírem uma oportunidade única na reconstituição do *Real Histórico*, assumem a importante missão de fazerem uma passagem do manual para a realidade testemunhada nos seus vestígios monumentais e patrimoniais, ou seja, são uma via de conciliação do manual para o real histórico. As “pedras que falam”⁴¹, podem ser interrogadas pelos alunos. Como refere Maria Abreu “A observação e a análise destas só ganham com a experiência adquirida no decurso das visitas”⁴².

Maria Cândida Proença e António Pedro Manique defendem que “a utilização do meio como recurso didático permite atingir determinadas metas de carácter científico e didático pedagógico”⁴³. Os autores defendem que os estudos de história local revelam-se extremamente motivadoras, para os alunos porque lhes permitem realizar atividades sobre temas que lhes despertam o interesse, mas alertam que esse interesse “deve, contudo, ultrapassar a satisfação da simples curiosidade, para fomentar um verdadeiro trabalho de investigação”⁴⁴, só assim é que se conseguirá atingir as metas estabelecidas.

Em suma, a deslocação ao teatro dos acontecimentos gera um movimento de aproximação entre a teoria e a realidade do património histórico. É a transformação do património em sala de aula “sem fronteiras”, ao ar livre, no mundo real. Para isso não nos podemos esquecer do valor que a História Local assume. Sendo parte integrante da História Global, estas estão inteiramente relacionadas, ou seja, quando falamos do Românico, por exemplo, pode o aluno ver as características deste, presentes na Igreja de São Pedro de Rates na Póvoa de Varzim.

Organização de uma visita de estudo

Em 1972, aquando da escrita do artigo “*As visitas de estudo no ensino da história*”, Maria Manuela Abreu, analisa este recurso pedagógico e apresentando aquilo que na sua ótica é uma boa organização de uma visita de estudo.

⁴¹ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p. 151.

⁴² ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p. 152.

⁴³ MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida- **Didática da História – Património e História Local**. 1.º ed. Lisboa : Texto Editora, 1994. 27. p.

⁴⁴ Idem.

- *“As visitas de estudo devem ser aulas práticas”*⁴⁵- Para isso, o fundamental é que o docente consiga transumar aos seus alunos a ideia de que não se trata de uma mera saída, mas sim de uma aula fora da sala de aula. Para isso, a visita tem de ser preparada e estar planificada tanto no plano de trabalho do docente, como no plano de estudos do aluno sendo que na sua preparação, a direção da escola deve colaborar com o professor.
- *“As visitas de estudo devem circunscrever-se a um objetivo bem determinado”*⁴⁶. Ao escolher a visita, esta deve ter em conta o programa, ou seja, para uma melhor compreensão da matéria lecionada, deve haver uma articulação entre o local a visitar e o programa daquele ano letivo.
- *“Deve ser solicitada a colaboração dos diretores dos locais a visitar”*⁴⁷- neste tópico a autora afirma que quando se prepara a visita, deve pedir-se a colaboração da direção do museu, do arquivo, ou do espaço a visitar. Assim o professor entra em contacto com esta entidade apresentando-lhe o seu objetivo.
- *“A visita de estudo deve ser preferentemente orientada por guias especializados”*⁴⁸- Este tópico está inteiramente ligado com o anterior, uma vez que a direção do museu instituição escolhida para realizar a visita de estudo ao saber o que o professor deseja pode seleccionar um colaborador especialista na área que o docente pretende focar na aprendizagem.
- *“A visita de estudo deve constituir uma oportunidade e um incentivo para a atividade pessoal dos alunos”*⁴⁹- Neste ponto, a citada autora destaca a importância de o professor solicitar a colaboração dos alunos na organização da visita. Para além disto, o docente deve disponibilizar um questionário sobre o local a visitar, para o docente perceber se os alunos conhecem, ou já leram algo sobre o local que vai ser visitado. Para além disso, ainda afirma que um questionário entregue aos alunos no dia da visita pode contribuir como guia orientador e como incentivo para a realização de um relatório;

⁴⁵ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p. 155.

⁴⁶ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p. 155.

⁴⁷ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p. 156.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p. 157.

- “O número dos alunos visitantes nunca deve ser superior a quinze”⁵⁰. Nesta alínea, Maria Abreu descreve uma possível solução. Esta sugere que quando a turma apresenta um número elevado de alunos, deverá ser dividida em dois grupos e depois subdividir esses alunos em pequenos conjuntos de três a cinco a elementos.
- “A duração da visita de estudo, não deve exceder o limite máximo de duas horas”⁵¹- quando este tempo médio é ultrapassado, o resultado é quase sempre negativo, uma vez que se torna aborrecida e cansativo para os alunos, gerando distração e fadiga, perdendo assim o fio orientador da visita.

Tipos de visitas de estudo (*in loco* ou virtuais)

Entende-se como visita de estudo “*uma atividade curricular intencionalmente planeada, servindo objetivos para desenvolver/completar conteúdos de todas as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, de carácter facultativo, cuja operacionalização deverá estar definida no respetivo Regulamento Interno de cada Escola/Agrupamento de Escolas*”⁵². Esta definição encontra-se descrita na Circular Informativa de maio de 2017 da Direção Geral dos Estabelecimentos escolares. Dada a importância deste recurso esta mesma diretiva esclarece que se as visitas de estudo devem estar presentes na planificação anual de cada disciplina e para além disso, nesta circular, encontra-se uma orientação a pedir que quando esta é inserida no plano anual de trabalho das disciplinas, deve estar a justificação da sua realização, bem como os objetivos que se pretendem alcançar com a sua realização.

Estas visitas de estudo podem ser categorizadas em três tipos, e é Maria Cândida Proença quem nos apresenta essas categorias. Antes da sua realização, esta tem de ser pensada segundo os objetivos que o docente pretende obter. Após isso, podemos então escolher uma visita orientada pelo docente ou por um guia, podendo ainda ser disponibilizado um questionário para os discentes irem preenchendo. A visita de estudo

⁵⁰ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p. 160.

⁵¹ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p. 161.

⁵² Circular informativa 1/2017 de 22 de Maio de 2017, Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares, p. 1.

livre, na qual podemos entregar aos alunos um questionário e estes partem à descoberta dirigindo-se aos locais que o professor anteriormente indicou. Por fim, a visita de estudo mista⁵³. Esta encontra-se dividida em dois momentos, uma parte é orientada pelo professor (ou um guia previamente selecionado) e uma segunda parte em que os alunos (sozinhos ou em grupo) partem à descoberta acompanhados por um questionário orientador⁵⁴.

Sérgio Couto afirma que uma visita de estudo é “uma atividade que propicia a articulação de conhecimentos (...) desenvolve do mesmo modo outras competências bastante significativas, não só relativas à disciplina de História, mas também num panorama multidisciplinar, contribuindo para o desenvolvimento da observação, da capacidade de análise e de técnicas de pesquisa”⁵⁵.

Quando se opta pela realização de uma visita de estudo há que ter em conta três fases: a sua preparação, a execução e avaliação⁵⁶. Numa primeira fase resolvem-se as burocracias, ou seja, são decididos os locais a visitar, a sua logística, como pagamentos, contactos com entidades paralelas (transporte por exemplo). Pretende-se ainda que “que o professor reúna alguns conhecimentos prévios acerca do local, o que o auxilia consideravelmente na definição de objetivos e na produção dos materiais a utilizar na visita”⁵⁷. A segunda fase, como o nome indica, é quando se efetua a visita, e vai depender sempre do tipo de saída que foi escolhida. O docente pode também solicitar aos alunos que elaborem algum relatório (ou apontamentos) para mais tarde, em contexto de sala de aula, possam ser debatidas algumas questões. Esse debate entende-se como a terceira fase de uma visita de estudo, a avaliação.

⁵³ Foi este tipo de visita que realizamos neste ano letivo;

⁵⁴ SOLÉ, Glória- **Educação Patrimonial contributos para a construção do conhecimento histórico**. Braga : Centro de Investigação em Educação Universidade do Minho, 2014. 242-243 p.

⁵⁵ COUTO, Sérgio Costa - **A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História**. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020. 36 p. Dissertação de mestrado.

⁵⁶ PINHEIRO, João Daniel Ferreira- **Visita de Estudo Virtual versus Visita de Estudo in Loco: Contributos para aprendizagem de História no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico**". Braga : Universidade do Minho, 2017. 23-24 p. Dissertação de Mestrado.

⁵⁷ COUTO, Sérgio Costa - **A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História**. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020. 37 p. Dissertação de mestrado.

Se o docente não conseguir organizar uma visita de estudo, tem ainda a oportunidade de realizar visitas de estudo virtuais, sem ter necessidade de sair da sala de aula e conseguindo transportar os alunos para dentro de um monumento ou museu.

Afirma Sérgio Couto que:

“Dado o avanço tecnológico ao nosso alcance a qualquer instante e face à valorização das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) nos estabelecimentos escolares, atualmente existe a possibilidade de realizar visitas de estudo sem sairmos do espaço escolar e até da sala de aula, uma vez que frequentemente a escola nos oferece condições para tal, assim sendo, essas condições podem e devem ser exploradas no âmbito de fornecer o melhor ensino possível aos alunos”⁵⁸.

Totalmente dependentes das TIC, as visitas de estudo dão a sensação de uma realidade virtual aos alunos, permitindo-lhes, caso o museu ou o edifício esteja preparado, uma visualização quase real sem estes precisarem de sair do contexto de sala de aula

“Avaliadas como experiências educativas válidas as visitas de estudo surgem, também, como facilitadoras da aquisição de conhecimentos por proporcionarem um clima de aprendizagem mais descontraído, apeto que reflete na motivação dos alunos, que passam a ficar mais disponíveis para aprender”⁵⁹. É desta forma que Filipe Vale defende as visitas de estudo destacando a sua relevância no contexto de ensino.

O ano de 2020 foi um ano que veio por à prova todo o sistema de ensino que estava instalado. Passamos de um sistema presencial para um online totalmente dependente das tecnologias digitais. E o mesmo aconteceu com as visitas de estudo, ou seja, quando não nos foi mais permitido organizar uma saída em contexto escolar, não só porque as deslocações estavam limitadas, como o número de pessoas por grupo também tinha

⁵⁸ COUTO, Sérgio Costa - **A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História**. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020. 48 p. Dissertação de mestrado.

⁵⁹ VALE, Filipe Alberto Vieira do - **A Visita de Estudo na Didática da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019. 16 p. Dissertação de mestrado.

limitações, ou seja, estas limitações chocaram com aqueles que podemos considerar os pilares essenciais de uma visita de estudo- a deslocação e os grupos de pessoas.

Que o futuro traga uma escola mais próxima e dinâmica, e que as visitas de estudo sejam um recurso facilitador do ensino e que esteja sempre nas ponderações dos docentes, “mas para que as visitas a museus, monumentos, ruínas e outros lugares de interesse histórico se instruem em verdadeiras viagens de estudo, em autênticas aulas práticas de História torna-se necessário que sejam previamente programadas e cuidadosamente preparadas”⁶⁰.

⁶⁰ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p.154.

Capítulo III- Metodologia de investigação e descrição do estudo

Objetivos e questões de investigação

“Que importância assumem as visitas de estudo no processo de ensino e aprendizagem em História?” Com esta pergunta pretendo verificar se as visitas de estudo são um elemento que pode contribuir para a melhoria das aprendizagens em História. Para isso, proponho-me a responder a dois objetivos: *“Verificar se as visitas de estudo contribuem para o desenvolvimento do conhecimento histórico e do património local”* e *“Analisar o contributo das visitas de estudo na melhoria das aprendizagens em História bem como para o aumento dos conhecimentos na disciplina.”*

O título desta dissertação é “Fora da Sala de aula também se aprende! A importância das visitas de estudo no ensino da História”, ou seja, este título surge como resposta à questão de investigação, pois com a realização de visitas de estudo os alunos conseguem efetivamente consolidar e adquirir novos conhecimentos.

Para procurar responder a esta questão e aos objetivos, foi realizada uma Visita de Estudo com o objetivo de por os alunos em confronto direto com o património da cidade de Coimbra. Conforme se referiu foram elaborados dois questionários que foram aplicados ao longo do estágio pedagógico a duas turmas do sétimo ano.

Metodologia de investigação

Como afirma J. Amado, “investigar em educação não é o mesmo que investigar numa outra área social qualquer”⁶¹, por isso, deve a “ação do investigador focar-se não só na formulação de objetivos específicos que atendam à natureza do estudo – qualitativo, como, também, à dimensão humana e humanizante da educação, do ensino e da aprendizagem, visando o aperfeiçoamento do aluno, mediante o estabelecimento de inter-relações entre contextos vários”⁶².

⁶¹AMADO, J. - **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 1.ºed. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. 19 p.

⁶²AMADO, J. - **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 1.ºed. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. 20 p.

Neste sentido, o que se propõe estudar e analisar, neste estudo de caso, assenta, por um lado, na descrição do tema- a importância das visitas de estudo no ensino da História, e dos constituintes que participaram nas sessões onde foram recolhidos dados. Esta recolha de dados tem por objetivo primordial conceder robustez a este caso de estudo. Para concretizar essa pesquisa, depois de analisadas e interpretadas as explicações dadas pelos alunos, nos inquéritos aplicados, serão formuladas categorias conceptuais, com o objetivo de interpretar e enquadrar essas repostas no tema.

Caracterização dos participantes e as sessões de trabalho

As turmas que participaram neste estudo foram duas turmas do sétimo ano. Uma constituída por vinte e três alunos, dez raparigas mais treze rapazes e outra constituída por vinte e dois alunos, esta com cinco raparigas e dezassete rapazes. A primeira turma é do ensino articulado, ou seja, o ensino dos alunos é realizado entre a escola Inês de Castro e o Conservatório de Música de Coimbra, o que faz com que esta turma tenha apenas cem minutos de História semanais. O aproveitamento desta turma é considerado de muito bom e todos os vinte e três alunos estudam no Conservatório. A segunda turma tem um rendimento considerado satisfatório e uma carga letiva semanal de cento e cinquenta minutos. Esta turma contempla ainda dois alunos repetentes e quatro alunos com medidas universais. A nível de rendimento na disciplina de História, no 3º período deste ano letivo, todos os alunos obtiveram nota positiva.

Apesar das duas turmas constituírem um total de quarenta e cinco alunos, nem todos estiveram presentes na visita de estudo, uma vez que faltaram cinco alunos. Nas aulas onde foram aplicados os inquéritos também não se conseguiu contar com a globalidade dos alunos.

Na 1º sessão de investigação, realizada a 10 de março, foi aplicada uma ficha diagnóstica, nesta encontravam-se fotografias da Sé Nova, do Criptopórtico Romano do Museu Nacional Machado de Castro, do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, da Igreja do Mosteiro de Santa Cruz, do túmulo de D. Afonso Henriques, da Sé Velha, do Jardim da Manga, do Paço das Escolas, da Biblioteca Joanina e, por fim, do túmulo da Rainha Santa Isabel⁶³. Os alunos apenas tinham de identificar qual o monumento presente na

⁶³ Consultar anexo 3.

fotografia. Estas eram questões de resposta direta. Pretendia-se com esta atividade perceber quais os monumentos presentes na cidade de Coimbra que os alunos conheciam e quais já tinham visitado.

Uma particularidade destas sessões, que se deve destacar, é a de que o primeiro inquérito foi aplicado apenas a uma das turmas⁶⁴, pois a outra estava muito atrasada a nível curricular. Uma das turmas tem três tempos semanais de cinquenta minutos, mas a outra só tem dois, e para além disso contou com uma greve e dois feriados o que acentuou esse atraso no currículo escolar. Na aula seguinte foi a preparação para a visita de estudo e, depois disso, a mesma realizou-se, logo não fazia sentido aplicar esta ficha de carácter diagnóstico depois da realização da visita.

Analisados os resultados realizou-se a visita de estudo com os alunos dos sétimos X e Y. Esta atividade esteve integrada nos Planos das Turmas e de Atividades do Agrupamento (PAA), aprovada no início do ano em Conselho de Turma Intercalar e esteve aberta aos quatro sétimos anos existentes na escola. Para além disso esta pautou-se por ser uma visita de estudo interdisciplinar e para isso procurou-se que a maioria dos professores das disciplinas que os alunos têm no seu currículo participasse na elaboração e realização. Trabalharam colaborativamente as disciplinas de História, Geografia, Ciências Naturais, Física e Química, Educação Física, Matemática, Português, Inglês e Francês. O Grupo de Estágio de História em colaboração com a professora orientadora realizaram o processo burocrático da marcação da visita (à exceção do Museu da Ciência que foi realizado pela professora de Ciências Naturais). Os Diretores de Turma ficaram responsáveis pelo contacto com os Encarregados de Educação e pela recolha dos destacáveis com as respetivas autorizações. Para além disso, o Grupo de Estágio preparou algumas comunicações para auxiliar a visita de estudo em alguns locais que não foram abordados pela guia, neste caso a Sé Velha, a Sé Nova, o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e a Cisterna do Castelo de Coimbra que se encontra ao lado do Laboratório Químico. A visita iniciou-se por volta das 9.30, hora da chegada ao Largo da Portagem. Nesse local foi-lhes entregue um guião com algumas questões que os discentes autonomamente tinham de responder. Por volta das 10 horas, chegaram ao Largo D. Dinis e lá iniciou-se um novo momento da visita de estudo. Nesta parte tiveram o apoio de uma

⁶⁴ Sétimo Y.

guia, disponibilizada pela Câmara Municipal, que percorreu com eles o espaço respeitante ao núcleo muralhado da cidade de Coimbra. No fim deste momento foram orientados pelos professores para se dirigirem ao Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, local onde almoçaram. Às 14 horas dirigiram-se ao Museu Nacional Machado de Castro e depois ao museu da Ciência, nestes locais os alunos também foram orientados por um guia. Nos restantes espaços estes tinham autonomia para percorrerem sozinhos a zona da alta da cidade. Os professores estiveram sempre disponíveis para esclarecer qualquer dúvida. A visita de estudo terminou pelas 17 horas.

Depois disso, e para verificar se após a realização da visita de estudo os alunos obtiveram e/ou consolidaram conhecimentos, aplicou-se uma segunda ficha⁶⁵ nos dias 26 e 27 de maio. Esta continha três questões que insidiam diretamente sobre a visita de estudo e valorização patrimonial. Foi solicitado aos alunos das duas turmas do sétimo ano que respondessem a estas três questões “o que viste na visita de estudo ajudou-te a entender melhor a matéria lecionada na sala de aula? Justifica a tua resposta com um exemplo.”, “consideras que foi uma experiência motivadora para ti? Porquê?” e por fim, “achas que é importante conhecer o património e a História da tua cidade? Justifica a tua resposta”.

Faltava agora, uma atividade de consolidação de conhecimentos, e essa foi uma exposição⁶⁶ elaborada com fotografias e textos ilustrativos. A referida exposição era intitulada “Coimbra no passado e no presente!” e seguia uma ordem cronológica, desde “no tempo de Aemínium” até à época Moderna “Jesuítas vs Marquês”. No dia da visita de estudo, foi pedido aos alunos que tirassem apontamentos e fotografias aos monumentos e ao que achassem relevante. Foram depois divididos em pares (ou em grupos de três onde foram inseridos os alunos que não participaram na visita) foi-lhes entregue o guião. Este apresentava a fotografia que estes tinham de legendar e tinham de seguir estas indicações: “[Legenda], Foto de [Autor da fotografia: 1º nome e último apelido, Ano e Turma], [Texto com informação sobre o monumento ou local, usando conhecimentos de diversas disciplinas, numa linguagem cuidada, que incluía vocabulário específico].” De realçar que nesta atividade os alunos que não foram à visita de estudo participaram na elaboração destes textos.

⁶⁵ Esta ficha encontra-se no anexo 4.

⁶⁶ Na data da elaboração deste trabalho a exposição encontrava-se ainda exposta no Bloco A, da Escola EB 2,3 Inês de Castro, para ver mais fotografias sobre a mesma consultar anexo 8.

De salientar, que a grande maioria dos textos foram realizados a partir dos apontamentos que os alunos fizeram no dia da visita de estudo. Afirma-se isto, pois através da observação desses momentos de aula, verificou-se a destreza com que os alunos redigiam os textos e se faziam valer dos escritos que tinham registado no dia 17 de março de 2022.

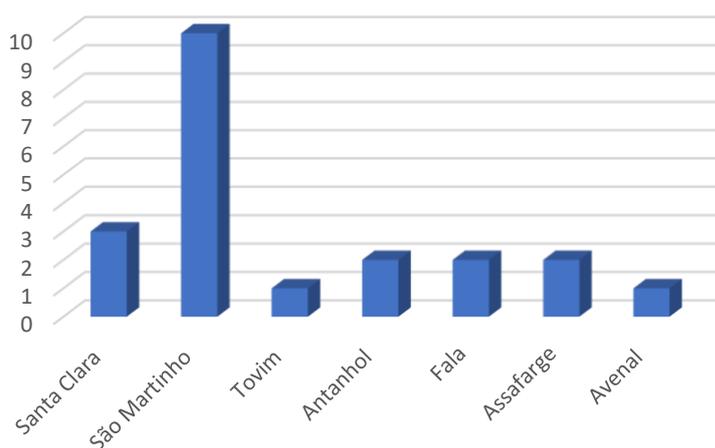
Será a partir destas respostas que iremos obter os resultados e iniciaremos a descrição do estudo.

Capítulo IV- Descrição do estudo e apresentação e análise dos resultados

Resultado do 1º Inquérito

Antes da realização da visita de estudo procurou-se aplicar aos alunos um pequeno questionário, anónimo, para ver se estes conseguiam identificar aqueles que são os monumentos mais conhecidos de Coimbra. Neste questionário pretendeu-se também perceber de que freguesias é que vinham estes alunos, bem como saber que monumentos é que estes já conheciam e tinham interesse em visitar. Como era de esperar a grande maioria dos alunos, moram em São Martinho do Bispo, localidade onde se encontra a

Gráfico 1 - Freguesia de Residência dos Alunos



Escola, bem como as freguesias vizinhas como se pode verificar no gráfico 1. Uma vez que um dos objetivos deste relatório de estágio é verificar se as visitas de estudo contribuem para o desenvolvimento do conhecimento histórico e do património local”, procurou-se verificar que monumentos

é que os alunos desta turma conheciam.

A partir das respostas dos alunos, conseguiu-se perceber quais os monumentos que estes já conheciam. Destaca-se a Universidade de Coimbra e a Biblioteca Joanina, pois muitos destes alunos já tinham percorrido estes lugares anteriormente, pois na pergunta “Já visitaste algum destes espaços?” as respostas mais frequentes consistiram na Universidade, a Biblioteca Joanina, a Sé Velha e o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Em contrapartida, os espaços que geraram mais dificuldade foram o Criptopórtico e os túmulos da Rainha Santa e de D. Afonso Henriques. Salientam-se estas respostas, pois nenhum dos vinte e dois alunos foi capaz de identificar o criptopórtico, mesmo tendo essa edificação sido apresentada em contexto de sala de aula quando se analisou a Arquitetura Romana.

Analisemos então os gráficos elaborados a partir das respostas dos alunos.

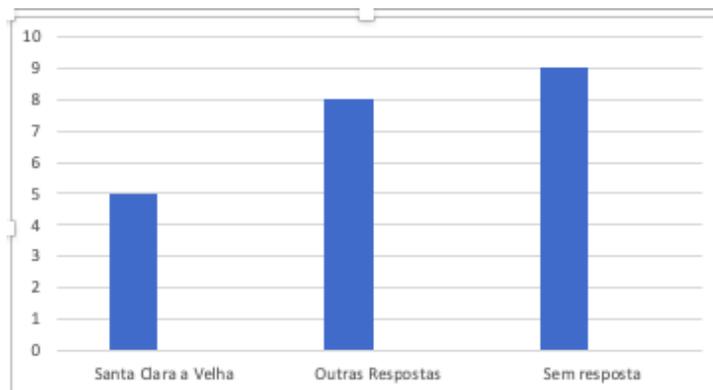


Gráfico 2 – Respostas dos alunos – Mosteiro de Santa Clara a Velha. Fonte: Elaboração de autor.

A partir deste gráfico, conseguimos perceber que em vinte e duas respostas apenas cinco alunos conseguiram identificar o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Oito alunos deram outro nome ao edifício e nove não escreveram qualquer resposta.

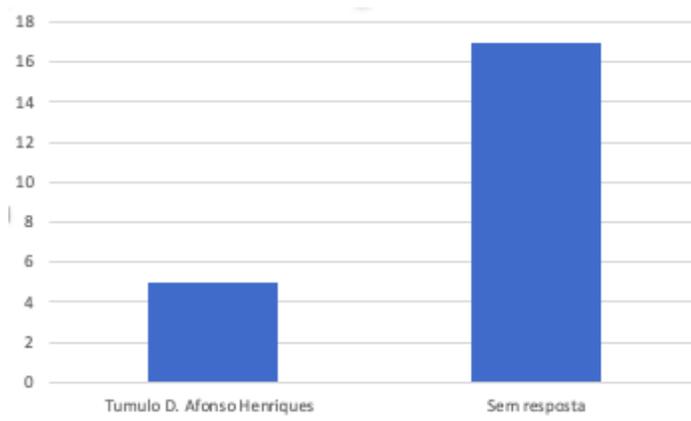
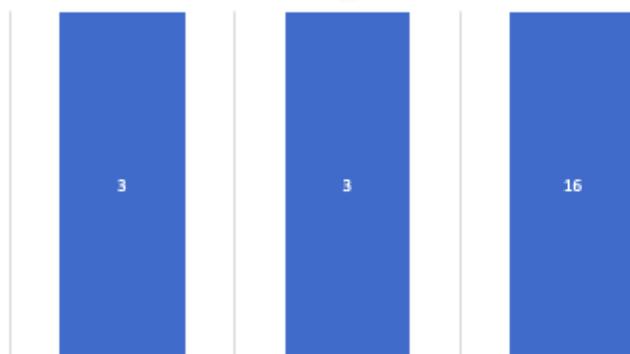


Gráfico 3 – Respostas dos alunos – Túmulo de D. Afonso Henriques. Fonte: Elaboração de autor;

O túmulo do primeiro Rei português também foi um dos monumentos que causou maior dificuldade aos alunos quando se pediu a sua identificação. Apenas cinco alunos, em vinte e dois, o conseguiram identificar. Os outros dezassete não registaram qualquer resposta.



*Gráfico 4 – Respostas dos alunos Túmulo Rainha Santa Isabel;
Fonte: Elaboração de autor;*

Concluiu-se também que o túmulo da Rainha Santa Isabel foi outro dos monumentos que geraram maior dificuldade nos alunos, pois apenas três o conseguiram identificar. Outros três deram-lhe outro nome, como por exemplo, “túmulo da Inês de Castro” e dezasseis alunos, não registaram qualquer resposta.

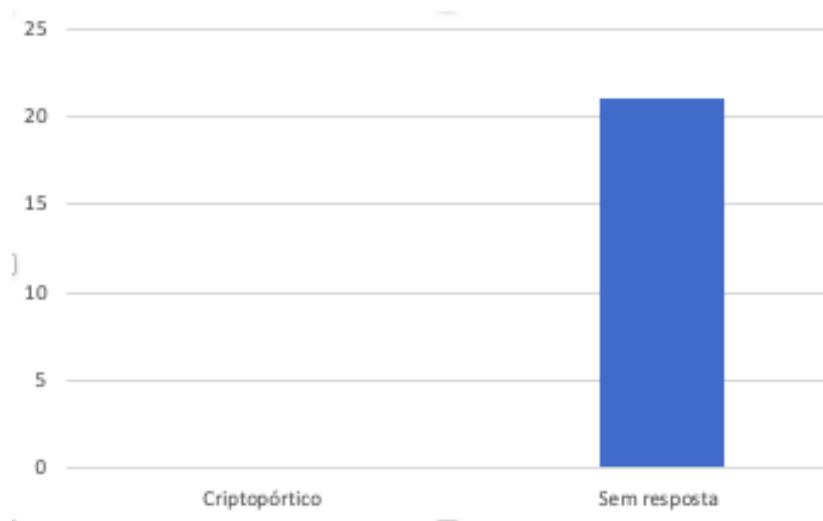


Gráfico 5 – Respostas dos alunos – Criptopórtico- MNMC.

Fonte: Elaboração de autor;

Porém, aquele que se apresentou com a maior dificuldade em ser identificado foi o criptopórtico Romano, presente no Museu Nacional Machado de Castro. Mesmo depois de termos falado dele na sala de aula, os alunos não conseguiram fazer a ligação entre a matéria abordada e a fotografia. Vinte e dois alunos não registaram qualquer resposta.

Podemos também concluir, a partir das respostas dos alunos, que o património coimbricense lhes é, na sua grande maioria, totalmente desconhecido, pois as respostas eram com frequência descontextualizadas.



Figura 1- Exemplos de resposta dos alunos

Relativamente às repostas dos alunos, presentes na figura 1, podemos relacionar que estas foram geradas por conhecimentos substantivos. Afirma-se isto, pois alguns alunos responderam que a Igreja do Mosteiro de Santa Cruz se chamava Igreja da Rainha Santa. Este lapso pode ter sido influenciado pelo facto da Rainha Santa nas festas da cidade se dirigir para o mosteiro de Santa Cruz.

Notou-se ainda uma outra influência nestas respostas. Os exemplos que justificam isso, são a Sé Velha e o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, pois, na mesma aula onde foi aplicada esta ficha⁶⁷, foi realizada a preparação da turma para visita de estudo. Nesta abordaram-se temas como a arte românica e as características da Sé Velha. Esta foi apresentada como uma catedral robusta e com características de um castelo, pois em caso de necessidade esta catedral poderia ser um garante de defesa e segurança à população coimbrã.

Para além disto, durante a elaboração da ficha, um aluno afirmou em voz alta que o Mosteiro de Santa Clara- a-Velha lhe parecia um cemitério, então isto foi um elemento que induziu grande parte da turma em erro.

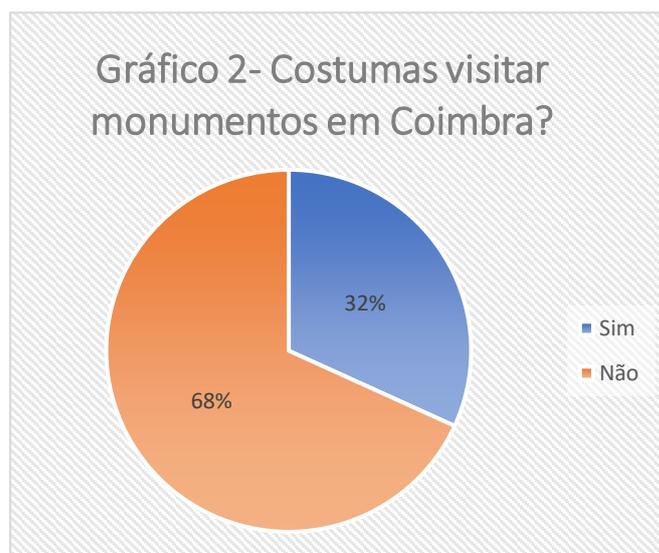
Destaca-se ainda, durante a realização da ficha diagnóstica o facto de que muitos alunos não quiseram deixar a resposta em branco e arriscaram de acordo com a sua intuição.

Pedi-se também que identificassem o local que gostavam de visitar em Coimbra e surgiram respostas como o Jardim da Manga, o Museu da Ciência, a Quinta das Lágrimas, o Museu Nacional Machado de Castro, a Universidade e o Jardim Botânico.

⁶⁷Aplicada no dia 10 de março de 2022

Estas respostas eram livres, não tendo o professor apresentado nenhuma opção para estes selecionarem.

Em suma, podemos assumir que mesmo sendo do Concelho de Coimbra, e muitos deles residirem a poucos minutos do centro histórico conimbricense, o património da cidade banhada pelo rio Mondego é em grande parte desconhecido por estes alunos, como podemos observar no Gráfico 2, onde observamos que 68% dos alunos desta turma não costumam visitar monumentos da cidade, 68% equivale a quinze alunos.



Estão então reunidas as condições para poder verificar se efetivamente as visitas de estudo contribuem para o desenvolvimento do conhecimento histórico e do património local.

A visita de estudo

A 17 de março de 2022 realizou-se a visita de estudo⁶⁸. Esta tinha por primordial objetivo, como afirma Sérgio Couto “aproximar os alunos do Património Cultural da sua cidade e da História da mesma”⁶⁹.

A concentração deu-se às 8h15 na escola EB 2,3 Inês de Castro e às 8h50 os alunos já se encontravam na Baixa, no Largo da Portagem para que se pudesse iniciar a Visita. Os alunos deslocaram-se, juntamente com os professores, através dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC). Na minha opinião esta foi uma excelente opção, pois a grande maioria dos alunos tem passe escolar, fazendo com que nenhum deles pudesse deixar de estar presente por questões monetárias ou de transporte. Foi entregue aos alunos um guia⁷⁰ (disponibilizado na *Google Classroom* e em papel), em formato peddy-papper, para que esta pudesse ser uma visita de estudo por descoberta, pois a partir de algumas questões orientadoras os alunos eram desafiados a descodificar algumas particularidades da História da cidade de Coimbra.

Foi-lhes referido “Os teus professores estarão por perto para fornecerem algum esclarecimento adicional. No entanto, lembra-te de que deves descobrir as respostas por ti próprio, dialogando com o teu grupo, com as pessoas dos locais e recordando informações fornecidas anteriormente (...) Desejamos-te um trabalho de pesquisa alegre e produtivo. Um detetive do passado (historiador) nunca desiste de encontrar a resposta adequada para uma pergunta e outra e outra, questionando as fontes (vestígios), sendo persistente e usando o seu raciocínio crítico”⁷¹, ou seja, estes eram desafiados a interagir com a população e com todos os elementos constituintes da cidade.

A turma que eu acompanhei, juntamente com a Professora orientadora e a respetiva Diretora de Turma (uma vez que a visita era transversal aos quatro sétimos anos, os outros dois professores do Grupo de Estágio acompanharam outra turma) foi o sétimo X.

⁶⁸ Documentos presentes no anexo 6.

⁶⁹ COUTO, Sérgio Costa - **A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História**. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020. 48 p. Dissertação de mestrado.

⁷⁰ Documentos presentes no anexo 5.

⁷¹ Guia Orientador da Visita de Estudo a Coimbra – 17-03-2022 elaborado pela professora orientadora do estágio pedagógico.

Entre as 10 horas e as 12h45 realizou-se o roteiro “Coimbra Fortificada”⁷², durante o qual os alunos foram orientados por um guia disponibilizado pela Câmara Municipal. A visita iniciou-se no largo D. Dinis, local onde outrora existiu o Castelo da Cidade, onde os alunos foram enquadrados no local e na época histórica. Depois disso seguimos o percurso passando pelo Museu da Ciência e descendo pela Couraça dos Apóstolos. Parou-se algumas vezes para esclarecer os alunos sobre o espaço, isto tudo realizado pela guia. Os alunos seguiram o percurso, parando na Torre do Anto. Finalizada a explicação deste



Ilustração 2 - Alunos na Couraça dos Apóstolos

local continuaram o trajeto até ao Palácio de Sub-Ribas, descendo para o Arco de Almedina onde findou este trajeto. Naquele local concluiu-se a visita, tendo diversos alunos aproveitado para esclarecer algumas dúvidas que tinham registado ao longo da visita, tendo ainda oportunidade para perguntar sobre as questões que não

sabiam responder e que se encontravam no peddy-papper.

No tempo que sobrou foi dada autonomia aos alunos para que procurassem responder às questões do peddy-papper, findando esta atividade às 12h45, no Jardim Botânico, onde se almoçou. Pelo caminho parámos na Sé Velha, onde os alunos foram desafiados a responder às questões que se encontravam no Guia. Foi neste local que um aluno disse a frase mais emblemática desta visita de estudo “está ali a catedral que vimos na aula, consegui-mos encontrá-la!”

São as visitas de estudo que se assumem como um importante recurso que tem como missão de fazer uma passagem do manual para a realidade.

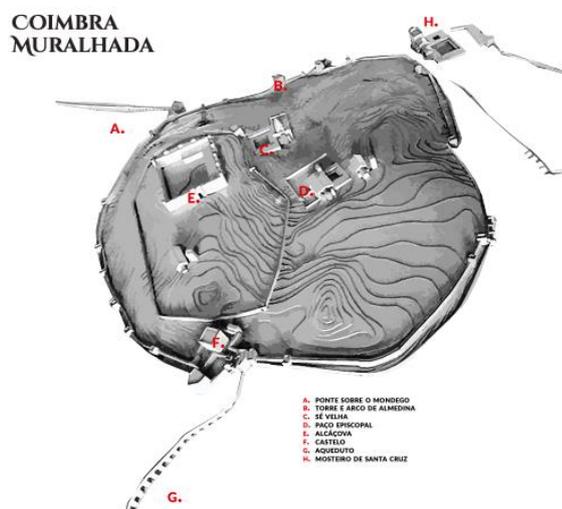


Ilustração 3 Coimbra muralhada
Fonte: Câmara Municipal de Coimbra

⁷² Percurso disponível no link: https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2018/09/CoimbraMuralhada_final.pdf. Para ver mais fotografias da visita de estudo consultar anexo 6.



Ilustração 4 - Na Sé Velha

Depois da Sé Velha, os alunos subiram até à Universidade, dirigindo-se ao Paço das Escolas acompanhados pela outra docente que leciona a disciplina de História às outras duas turmas. Depois disso passaram pela Rua Larga até ao Largo D. Dinis, podendo contemplar o complexo universitário edificado durante o Estado Novo. Entre as 12h45 e as 14h15, como já referido, fizeram a sua pausa para o almoço e no fim deste foi-lhes feita uma contextualização histórica do espaço, por um dos professores estagiários. Findado o almoço os alunos dirigiram-se ao Museu Nacional Machado de Castro onde puderam contemplar o Criptopórtico construído pelos Romanos como

suporte do Fórum que construíram na cidade que outrora se chamou *Aeminium*.

Neste espaço foram acompanhados por um guia do museu, que fez com os alunos uma viagem no tempo até à época dos romanos, a partir dos elementos que se encontram no



Ilustração 5 - No Museu Nacional Machado de Castro

espaço, nomeadamente bustos, estátuas e o próprio criptopórtico. Foi também neste local que colocaram em ação a matéria que lhes foi transmitida em contexto de sala de aula.

Depois disso, findaram a visita no Museu da Ciência, também orientados por um guia. A visita foi dividida em duas partes, uma primeira explicativa e na segunda parte os alunos tiveram liberdade para experimentar a exposição “segredos e luz da matéria”. No fim, os estudantes reuniram-se à frente da Sé Nova onde tiveram uma breve explicação acerca da História e da construção do edifício, a exemplo do que tinha acontecido no Jardim Botânico e na cisterna do

castelo de Coimbra, explicações essas realizadas pelo Grupo de Estágio.

Após a realização da visita de estudo os alunos foram desafiados a realizar uma exposição, com o auxílio dos professores. Esta exposição foi preenchida com textos e fotografias dos alunos. Para além disso foi entregue um questionário, depois de um período de reflexão.

Pós-visita – Resultado do 2º Inquérito

Para verificar se a visita de estudo foi um instrumento capaz de gerar conhecimento, nomeadamente no que toca ao Património edificado de Coimbra, foi entregue aos alunos (desta vez às duas turmas de sétimo ano - X e Y) um segundo inquérito⁷³ com três perguntas. Esta ficha foi preenchida por trinta e nove⁷⁴ alunos dos quarenta e cinco que fazem a totalidade das turmas.

Dos trinta e nove⁷⁵ alunos presentes nas sessões de investigação obtivemos trinta e duas respostas. Sete alunos não responderam, desses sete, seis não participaram na visita de estudo. Em trinta e duas respostas, trinta e uma foram positivas e apenas uma negativa (“Não porque não estive a prestar atenção”, respondeu o aluno nº4 da turma X, alegando que esta experiência não foi geradora de conhecimento, pois estava desatento). Os restantes alunos inquiridos responderam positivamente a esta questão.

Para melhor compreensão e análise das respostas entregues pelos discentes dividimos estas em quatro categorias principais- Sem resposta, Resposta Negativa, Experiência Geradora de Novos Conhecimentos e por fim Análise do Património. Dividimos estas duas últimas em duas subcategorias cada, ou seja, quando catalogada a experiência como Geradora de Novos Conhecimentos pretendemos verificar se os alunos aprenderam efetivamente novos conhecimentos, ou se aprofundaram os que tinham adquirido em contexto de sala de aula. Relativamente à análise do Património, iremos analisar se esta experiência aumentou os conhecimentos sobre a História da Cidade ou se valorizaram o contacto com as Fontes Materiais.

Das trinta e duas respostas⁷⁶, doze inserem-se na categoria “Experiência Geradora de Novos Conhecimentos”, uma vez que os alunos privilegiam o conhecimento adquirido.

⁷⁴ Consultar capítulo- Caracterização dos participantes.

⁷⁵ Participaram quarenta alunos na visita de estudo, porém só responderam trinta e nove, pois um aluno da turma Y encontrava-se em confinamento. Os outros cinco da turma X estavam a realizar o teste sumativo no dia da aplicação desta ficha. Não o fizeram na data agendada, pois estavam confinados pois tinham contraído COVID-19.

⁷⁶ Apresentamos aqui apenas algumas respostas. As restantes encontram-se no anexo 9.

Analisadas as doze respostas podemos inserir quatro destas na subcategoria “Aprofundar os Conhecimentos adquiridos no Contexto de Sala de Aula”.

- “*Sim, pois ao ver o Museu Machado de Castro consegui perceber melhor a matéria, e à medida que ia vendo o museu ia relacionando com o que os professores disseram na sala de aula.*” – Aluno nº 16-7ºX
- “*Sim, ajudou-me, pois quando foi explicada a matéria e os professores diziam algum lugar ou monumento, nós já sabíamos onde se inseria e a sua História.*” – Aluno nº 13- 7ºY
- “*Sim, a visita de estudo ajudou-me a relembrar de algumas coisas durante o teste.*” – Aluno nº 7- 7ºY
- “*Sim, o que vi na visita de estudo ajudou-me na sala de aula, pois ficámos a entender melhor a matéria que foi abordada.*” - Aluno nº2- 7ºY

Esta categoria foi criada seguindo os estudos de Hélder Oliveira, pois este afirma que “é na visita de estudo que o aluno pode aplicar o conhecimento histórico que aprendeu na escola”⁷⁷ e comprovou-se a partir destes quatro exemplos de respostas, que efetivamente no dia da visita de estudo os alunos foram capazes de mobilizar conhecimento anteriormente adquiridos.

As restantes repostas enquadram-se na outra subcategoria concebida para analisar estas respostas, “Experiência geradora de novos conhecimentos”

- “*Sim, pois vimos monumentos da época, assim ficámos a perceber melhor quando o professor falou na aula, por exemplo quando abordámos a arte.*” – Aluno nº7- 7ºX
- “*Sim, porque pude ver com os meus próprios olhos. Para além disso tinha uma guia a explicar a matéria. Como era uma visita de estudo fiquei mais atenta o que fez com que eu aprendesse coisas novas, por exemplo eu não sabia que quando se construíam casas aproveitavam sempre uma parte da muralha para fazer uma das paredes da casa.*” - Aluno nº 11- 7ºX

As outras dezoito questões inserem-se na segunda categoria “Análise do Património” e selecionamos algumas para cada uma das subcategorias, uma vez que muitas das

⁷⁷ OLIVEIRA, Hélder - As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida. In ROYÉ, Dominic et al. (coord.) - XIII Coloquio Ibérico de Geografia: Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual. Santiago de Compostela : Unidixital, 2012. p. 1681.

respostas são semelhantes. Na primeira, sobre “Novos conhecimentos sobre a Cidade de Coimbra”, selecionamos as seguintes respostas:

- “*Sim, porque eu já tinha ouvido falar das portas do Sol, mas agora consegui ver do que se tratava e entender melhor a História da minha cidade.*” – Aluno nº 14- 7ºX
- “*O que vi na visita de estudo ajudou-me a entender melhor a História da muralha da cidade de Coimbra.*” - Aluno nº 3- 7ºX
- “*Na visita de estudo pude aprender sobre a História dos mosteiros da Cidade de Coimbra*” - Aluno nº3- 7ºY

Analisemos agora algumas das respostas que inserimos na segunda subcategoria “Contacto com as Fontes”:

- “*Sim, pois estivemos ao pé dos monumentos construídos há muito tempo, e assim ao lado deles conseguimos perceber melhor do que se tratava.*” – Aluno nº7-7ºX
- “*Sim, ajudou-me porque há muito tempo que pedia aos meus pais para me mostrarem o arco de Almedina e graças à visita de estudo consegui ver e ficar a saber a sua localização.*” – Aluno nº22- 7ºY
- “*Sim, porque fiquei a saber que existiram muralhas, fiquei a saber o seu percurso e ver alguns vestígios, bem como as torres, como por exemplo a Torre do Arco de Almedina.*” Aluno nº19- 7ºX

Maria Manuela Abreu salienta que “sem uma observação direta das fontes históricas, não há um real ensino da história”⁷⁸, e a partir do que o que os alunos responderam verificou-se que o contacto com as fontes foi muito importante para que estes conseguissem adquirir saberes.

Podemos então perceber, com a primeira questão, e tendo em contas as suas respostas, que esta atividade foi muito proveitosa para os alunos e que na sua generalidade foi um recurso que produziu conhecimento. Para além disso, foi um gerador de motivação, pois estes sentiram-se desafiados a descobrirem ainda mais sobre a História da sua cidade. Apesar de *in loco*, já termos verificado isso, estas respostas vêm confirmar que efetivamente as visitas de estudo despertam interesse por parte dos alunos e ao despertar esse interesse estes adquirem novos conhecimentos.

⁷⁸ ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p. 145.

Passamos então, para a análise da segunda questão. *“Consideras que foi uma experiência motivadora para ti? Porquê?”*

Temos, novamente, trinta e nove alunos a responder. Quando recolhidos os inquéritos foi verificado que trinta e um alunos responderam a esta questão e que oito não o fizeram. Desses oito, seis não participaram na visita de estudo.

Em trinta e uma respostas, vinte e oito foram positivas e três podemos considerar negativas. Passamos a analisar:

- *“Não, era chato!”* Aluno nº4 da turma X
- *“Foi fixe, porque não tive aulas!”* Aluno nº 10 da turma X
- *“Não, porque foi algo ligado ao ensino. Por isso eu não gostei!”* Aluno nº 7- 7ºY

A partir destas, conseguimos perceber que apenas três alunos em trinta e um não se identificam com as visitas de estudo. Vejamos agora as respostas que consideramos positivas.

Para melhor compreensão e análise das respostas entregues pelos discentes estas foram catalogadas em seis categorias principais- Sem resposta, Resposta Negativa, Experiência Motivadora, Experiência Divertida, Experiência Geradora de Novos Conhecimentos, Experiência Nova e ao Ar Livre.

Iniciamos a nossa análise pela Experiência Motivadora:

- *“Foi motivadora pois conheci lugares de Coimbra que nunca tinha visto e vi que são incríveis.”* Aluno nº16- 7ºX
- *“Eu acho que foi uma experiência motivadora, pois, ganhei vontade de aprender coisas novas sobre Coimbra.”* Aluno nº 6- 7ºX
- *“Eu considero que foi uma experiência motivadora, pois fez com que eu gostasse mais de História e tentasse entender melhor o passado.”* Aluno nº 3-7ºY

Inserimos as seguintes respostas⁷⁹ na categoria “Experiência Nova e ao Ar livre”.

- *“Sim, pois o ambiente ajuda na concentração.”* Aluno nº8- 7ºY
- *“Sim, porque podemos ter um pouco de liberdade para circular e aprendemos ao ar livre.”* Aluno nº 9- 7ºX

⁷⁹ 9 respostas.

- *“Sim, porque é melhor aprender sobre a História do edifício ao pé dele do que dentro da sala de aula.” - Aluno nº 21-7ºX*

Os seguintes alunos indicam que adquiriram novos conhecimentos⁸⁰:

- *“Sim, gostei muito de ver os locais onde se situavam o castelo, a muralha e o fórum. Adquiri conhecimentos sobre eles.” Aluno nº 23- 7ºY*
- *“Sim, porque aprendi muitas coisas novas, como monumentos, pessoas, materiais e em que tempo da História se situavam.” Aluno nº 19- 7ºY*
- *Sim, porque é sempre bom conhecer a História da nossa cidade e foi graças à visita de estudo que eu consegui.” Aluno nº 13-7ºX*

Quatro alunos consideraram a visita de estudo uma experiência divertida:

- *“Sim, porque como era uma visita de estudo e vi tudo de perto, foi mais divertido. Para além disso fiquei mais atenta do que se tivesse aprendido dentro da sala de aula. Então senti-me motivada e feliz porque realizei uma visita de estudo.” Aluno nº 11-7ºY*
- *“Sim, pois foi uma experiência divertida, diferente e interessante!” Aluno nº15- 7ºY*
- *“Muito, pois é uma forma prática e divertida de aprender. Para além disso nós estamos descontraídos a aprender.” Aluno nº 6-7ºX*
- *“Sim. Porque foi interessante e divertido.” Aluno nº 14- 7ºY*

Analisadas e verificadas as repostas dos alunos, pode concluir-se que o que contribuiu essencialmente para que estes adquirissem novos conhecimentos foi o facto de estes estarem fora do contexto da sala de aula, ou seja, tal como afirma Maria Cândida Proença e Pedro Manique “não é o património que tem de vir à escola, mas, ao contrário, é a escola que deve ir ao encontro do património, torna-lo objeto de estudo”⁸¹. Verificou-se, assim, que a mudança da sala de aula para o exterior foi a ação que mais contribuiu para que os alunos se sentissem motivados para adquirir novos conhecimentos. Além disso, a descontração e a autonomia para que estes possam desenvolver o seu estudo também

⁸⁰ 8 repostas

⁸¹ MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida- **Didática da História – Património e História Local**. 1.º ed. Lisboa : Texto Editora, 1994. 57 p.

fortaleceu o interesse dos alunos. Destacam-se os adjetivos divertida e motivadora, ou seja, as visitas de estudo, com o seu carácter lúdico, oferecem um ambiente mais leve aos alunos, o que faz com que estes se sintam com mais vontade de acolher novos conhecimentos, tal como tinha afirmado António José Correia de Almeida em 1998 “as visitas de estudo são facilitadoras da aquisição de conhecimentos, por proporcionarem um clima de aprendizagem mais descontraído”⁸².

Um dos objetivos que nos propomos a responder neste trabalho é “*Verificar se as visitas de estudo contribuem para o desenvolvimento do conhecimento histórico e do património local*”. Para isso, neste inquérito foi perguntado aos estudantes se “*Achas que é importante conhecer o património e a História da tua cidade? Justifica a tua resposta.*”

Nesta pergunta até os alunos que não participaram na visita de estudo reponderam, logo contamos com trinta e oito respostas. Analisadas, consideram-se trinta e cinco positivas e três negativas.

- “*Sim, porque sim!*” – Aluno nº 10- 7ºY
- “*Não, porque Coimbra é muito grande!*” - Aluno nº 14- 7ºX
- “*Não, porque Coimbra não é a minha cidade!*” - Aluno nº 4 – 7ºY

Para melhor entendimento do que responderam os alunos, estas foram divididas em quatro categorias fundamentais- Sem resposta, Resposta Negativa, Utilidade da História e Valorização do Património.

Das trinta e cinco restantes respostas, três inserem-se na categoria “Valorização do Património e as restantes trinta e duas “Utilidade da História”, pois muitos são aqueles que destacam positivamente conhecer a História da Cidade de Coimbra.

Iniciemos o nosso estudo pelas respostas que se enquadram na valorização do património:

- “*Sim, porque ao conhecer o património, conhecemos a História da nossa cidade, como surgiu e a sua evolução.*” - Aluno nº 2-7ºX
- “*Sim, para sabermos o valor e a importância de alguns espaços e monumentos. Também a razão pelo qual foram construídos.*” Aluno nº 19 – turma Y
- “*Sim, pois, no meu ponto de vista, conhecer o património e a História da minha cidade ajuda-me a compreender muitas coisas.*” Aluno nº 6- 7ºX

Passemos agora à análise da segunda categoria:

⁸² ALMEIDA, António José Correia de - **Visitas de Estudo: Conceções e Eficácia na Aprendizagem**. 1.º ed. Lisboa : Livros do Horizonte, 1998. p.19.

- “Sim, pois se não se conhecer o passado corremos o risco de cometer os mesmos erros no presente e no futuro.” Aluno nº 23-7ºY
- “Sim, é importante para nós conhecermos a História da nossa cidade, para compreendermos porque é que construíram certos monumentos.” Aluno nº 19-7ºX
- “Sim, porque primeiro estamos a aprender, segundo é importante saber a História da cidade onde vivo e terceiro, se alguém perguntar alguma coisa sobre Coimbra eu possivelmente já sei responder!”- Aluno nº 11-7ºY

Analisadas as trinta e cinco respostas verificámos que esta atividade se mostrou bastante enriquecedora para os alunos. Para além disso ficou evidente que os alunos destacaram a importância de conhecer a História da sua cidade, não só para obter conhecimento geral, mas sobretudo pelo facto de serem residentes nesta cidade. É importante conhecer a História desta. Destaca-se ainda a preocupação quanto ao futuro, ou seja, cinco alunos relatam a importância de conhecer a nossa História para que possamos compreender a razão de ser das coisas e, para além disso, repensar as decisões para que não se repitam os erros do passado.

A partir das respostas que os alunos desenvolveram, verificamos que houve efetivamente uma aproximação, pois, como nos descreve o aluno nº 6 do sétimo X, esta assumiu-se como “(...) *uma forma prática e divertida de aprender.*”, ou seja, na ótica dos alunos, este recurso continua a ser um importante recurso contribuidor e gerador de conhecimento no processo de ensino e aprendizagem em História. Como verificado anteriormente a grande maioria dos alunos adquiriu novos conhecimentos “(...) *Como era uma visita de estudo fiquei mais atenta o que fez com que eu aprendesse coisas novas* (...)”⁸³.

“*Verificar se as visitas de estudo contribuem para o desenvolvimento do conhecimento histórico e do património local*” e “*Analisar o contributo das visitas de estudo na melhoria das aprendizagens em História bem como para o aumento dos conhecimentos na disciplina.*”, foram os objetivos que nos propusemos, logo de início a responder, e conseguimos fazer isso, justificamos essa resposta ao ver os resultados que brotaram da exposição, sobretudo dos escritos realizados pelos discentes. Pretendia-se verificar o desenvolvimento histórico e do património local e efetivamente isso aconteceu

⁸³ Aluno nº 11-7ºX.

pois os alunos conseguiram elaborar trechos onde mostravam as fontes patrimoniais que se encontram espalhadas por Coimbra. Isso fez com que a melhoria das aprendizagens em História aumentasse o que gerou um acréscimo dos conhecimentos da disciplina.

Conseguiu-se então perceber, tal como afirma Hélder Oliveira, que as visitas de estudo “são uma oportunidade para a assimilação de conhecimentos (...) e no melhor dos casos adquirir algum conhecimento extra”⁸⁴. Afirma-se isto, pois os alunos adquiriram conhecimento, sobretudo ao nível histórico patrimonial. Estes passaram a conseguir identificar os monumentos presentes na cidade de Coimbra, coisa que não eram capazes de fazer antes da realização da visita.

⁸⁴ OLIVEIRA, Hélder - As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida. In ROYÉ, Dominic et al. (coord.) - XIII Coloquio Ibérico de Geografia: Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual. Santiago de Compostela : Unidixital, 2012. p. 1681.

Exposição

“A observação direta constituiu um pilar básico, na medida em que facilita a compreensão dos factos históricos”⁸⁵. É com base na observação que os alunos que participaram na visita de estudo prepararam esta exposição. No dia 17 de março de 2022, foi-lhe pedido que captassem fotografias daquilo que achassem relevante para mais tarde elaborar um trabalho.

Tempos depois, já perto do final do ano letivo, foram disponibilizadas três aulas a cada turma e nessas lições foi pedido para selecionarem algumas fotografias e que



Ilustração 6 - Exposição: "Coimbra no passado e no presente"

elaborassem textos, a partir dos conhecimentos que adquiriram na visita de estudo, textos esses que iriam acompanhar as fotografias na exposição. Nas aulas conseguiu-se observar um grande empenho por parte dos alunos, seguindo as orientações dadas pelos docentes estes realizaram a tarefa com grande motivação, muitas vezes sem necessitar de consultar a internet, bastaram os apontamentos que fizeram

durante a visita de estudo.

Para além disso, todos os alunos realizaram a tarefa, até aqueles que não conseguiram estar presente, na visita de estudo, mas inseridos em grupos onde os elementos estiveram na visita, estes, com o apoio dos colegas conseguiram realizar a tarefa com sucesso. A dedicação nas duas turmas era constante.

Destacam-se, neste trabalho, excertos de dois textos⁸⁶ produzidos pelos alunos.

“A estátua de D. Dinis (1261-1325) localiza-se na praça com o mesmo nome ao pé do Departamento de Matemática e do Colégio de São Jerónimo. Outrora, existiu neste local um castelo que foi edificado por D. Sernando Davides, moçárabe administrador da cidade e, no reinado de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, foi-lhe acrescentada uma torre

⁸⁵ FABREGAT, Clemente Herrero ; FABREGAT, Maria Herrero – **Como preparar uma aula de História**. 2.º ed. Rio Tinto : Edições ASA, 1991. 79 p.

⁸⁶ Os textos completos estarão no anexo 10.

de menagem, melhoramento trazido por Gualdim Pais, que havia participado na guerra santa em Jerusalém (...)"

Outros alunos escreveram sobre a Rua Ferreira Borges:

“Esta rua tem o nome do principal autor do primeiro Código Comercial Português, de 1833, que ficou justamente conhecido por Código Ferreira Borges, estando vigente por 60 anos e exerceu também o cargo de juiz do Tribunal de Comércio de Lisboa.

No tempo dos romanos, por aqui passava a estrada Olissipo- Bracara Augusta, que seguia as atuais ruas Visconde da Luz e Direita, e era uma das principais estradas da Península Ibérica. (...) No dia 17 de março, foi cenário de algumas brincadeiras e pesquisas do nosso grupo de investigadores”⁸⁷.

Esta atividade insere-se na terceira fase de uma visita de estudo- a avaliação, tal como definiu Sérgio Couto⁸⁸. Este esclarece que nesta fase o docente poderá organizar uma sessão para debater algumas informações sobre a visita de estudo ou então realizar alguma atividade onde o docente consiga perceber quais os conhecimentos adquiridos pelos discentes. E foi isso que aconteceu, pois, a partir destes textos conseguimos ter uma percepção de que efetivamente os alunos ficaram a ter uma noção da relevância do património local e da sua História.

Afirmámos isto, pois ao ler os textos redigidos pelos estudantes percebemos que estes incorporaram nas suas redações elementos que recolheram na visita de estudo. Na altura em que a visita de estudo se realizou, os alunos ainda não tinham tido nenhuma lição sobre a época medieval ou outra e foram capazes de inserir bastantes elementos desta e de outras épocas históricas. Apresento um texto elaborado pelos alunos sobre a muralha de Coimbra que comprova essa fundamentação:

“A nossa fotografia foi tirada na Couraça dos Apóstolos e nela conseguimos observar uma parte antiga da muralha de Coimbra que, em 1209, foi mandada fazer por D. Sancho I com a função de proteger a cidade, nomeadamente o Castelo de Coimbra. Nos locais mais frágeis e de fácil acesso, eram construídos torres e castelos para fortalecer a muralha, reforçando, assim, a defesa da

⁸⁷ Autores: alunos nº 2 e 17 -7ºX.

⁸⁸ COUTO, Sérgio Costa - **A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História**. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020. 37 p. Dissertação de mestrado.

cidade. É importante dizer que na couraça localizada ao lado das muralhas passavam os guardas para manter sempre protegidos os locais mais importantes da cidade”⁸⁹.

Salienta-se também a relevância que a visita de estudo teve na elaboração destes trabalhos, “no dia 17 de março, foi cenário de algumas brincadeiras e pesquisas do nosso grupo de investigadores!⁹⁰”, pois a grande maioria destes foi feito a partir dos apontamentos que os alunos fizeram ao longo do dia. É certo que só foram selecionados alguns excertos textos mas estes foram uma amostra que representa a turma, dada a impossibilidade de apresentar todos os textos escritos. Com isto podemos corroborar a teoria de Proença e Manique, quando estes afirmam que o estudo da História local apresenta uma dupla faceta pedagógica e científica. Segundo estes, “do ponto de vista pedagógico, se pretendemos uma pedagogia da memória (...) a história local pode ter um papel decisivo na construção de memórias que se poderão inscrever no tempo longo, médio ou curto”⁹¹. Esta afirmação foi efetivamente comprovada, pois a partir da observação direta que fizemos aquando do acompanhamento em sala de aula, verificámos que os discentes conseguiam lembrar-se dos locais que tinham percorrido e dos conhecimentos que tinham adquirido.

Esta afirmação podia também servir para confirmar o segundo ponto da teoria de Proença e Manique, pois segundo os estudiosos da “história local e regional evita o erro grosseiro de se considera o nacional como um todo homogéneo, o que em termos de investigação científica, produz uma perceção desfocada e distorcida da dinâmica das sociedades”⁹².

⁸⁹Autores: alunos nº 11, 16, 18 – 7ºY.

⁹⁰Autores: alunos nº 2 e 17- 7ºX

⁹¹MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida- **Didática da História – Património e História Local**. 1.º ed. Lisboa : Texto Editora, 1994. 25 p.

⁹² Idem.

Conclusão

“Fora da sala de aula também se aprende. A importância das visitas de estudo no ensino da História”, foi a temática que nos propusemos a desenvolver.

Para conseguirmos confirmar essa teoria e testemunhar uma ligação entre a História local e patrimonial da Cidade de Coimbra realizámos uma visita de estudo com os alunos do sétimo ano da escola EB 2,3 Inês de Castro. Essa visita revelou imensas capacidades como elemento contribuidor para o conhecimento dos alunos. Antes da realização da mesma e para apurar o conhecimento que estes possuíam relativamente ao património edificado da cidade, realizou-se um inquérito onde era pedido para identificar dez monumentos singulares da cidade. Os resultados desta tarefa, de cariz diagnóstico, revelaram-se bastante significativos, uma vez que num universo de duzentas e vinte respostas⁹³, cento e trinta e sete foram entregues com a legenda em branco, o que corresponde a 62% das respostas. Mesmo reconhecendo o grande atitude que os alunos tiveram para não deixar de legendar, muitos foram os monumentos, como o Criptopórtico Romano do Museu Nacional Machado de Castro e o túmulo da Rainha Santa Isabel que foram entregues em branco. Com este pequeno questionário conseguimos também apurar que apesar de serem residentes desta cidade, os discentes não têm o hábito de visitar monumentos, o que se mostrou um grande entrave quando se pediu para os identificar. Com isto, foi possível apurar que estes não conheciam muitos dos espaços da sua cidade, situação essa que evoluiu ao longo do ano letivo, sobretudo pelas atividades que se realizaram com eles e com a visita de estudo, onde os alunos foram postos em contacto direto com as fontes patrimoniais.

Depois da aplicação do segundo questionário, observámos que houve um elemento que mudou, ou seja, observou-se que depois da saída de campo os alunos registaram uma enorme evolução no que toca à identificação e valorização da História e do Património da Cidade de Coimbra, particularmente com o Criptopórtico Romano do Museu Nacional Machado de Casto. Este monumento, passou de quase desconhecido, a um dos elementos mais indicados, pois quando perguntados: *“O que viste na visita de estudo ajudou-te a entender melhor a matéria lecionada na sala de aula? Justifica a tua resposta com um exemplo.”* Seis alunos referiram o Criptopórtico como exemplo. O outro exemplo mais referido, foi a muralha e castelo de Coimbra, com nove referências, ou seja, podemos

⁹³ 22 alunos- 10 monumentos em cada ficha.

concluir que as visitas a esses dois espaços foram bastante relevantes para esses alunos. O elemento que terá contribuído para que essa mudança ocorresse, foi a visita de estudo, que constituiu uma oportunidade única na reconstituição do *Real Histórico*. Lembremos que nos último dois anos estes alunos não tiveram nenhuma oportunidade para realizar visita alguma, devido às limitações provocadas pela Pandemia. Esta revelou-se então, um recurso imprescindível, e para além disso, como nos relata Maria Manuela Abreu⁹⁴, assumiu uma importante missão, de fazer uma passagem do manual para a realidade, ou seja, apresentou-se como uma via de conciliação do manual para o real histórico. Foi isso que estes alunos estiveram a fazer no passado dia 17 de março de 2022, interpretar as fontes ao “ar livre”, como nos respondeu o aluno nº9 do sétimo X. Regista-se a frase que um aluno exclamou quando se viu à frente da Sé Velha “Professor, é a igreja que vimos na aula! É maior do que o que parecia!”, ou seja, confirmamos que efetivamente as visitas de estudo são um importante recurso para a transplantar os alunos para o real histórico.

“*Que importância assumem as visitas de estudo no processo de ensino e aprendizagem em História?*” Esta questão, que procuramos responder neste trabalho pode ser esclarecida com a interpretação do escrito de Maria Manuela Abreu, pois esta destaca aquelas que são as vantagens de uma visita de estudo, pois a deslocação ao teatro dos acontecimentos gera um movimento de aproximação entre o teórico e o Real Histórico. É a transformação do património em sala de aula ao ar livre. Através da observação dos seus comportamentos verificou-se que estes se encontravam motivados e que realizavam as tarefas que lhes eram solicitadas com enorme empenho e sobretudo com uma enorme descontração por estarem fora do contexto de sala de aula. Compreende-se assim e tal como afirma Hélder Oliveira, “as visitas de estudo são uma verdadeira saída do contexto de sala de aula e de escola, libertando-se os alunos de um espaço fechado”⁹⁵.

Respondendo à questão primordial deste estudo, sim, fora da sala de aula também se aprende, e afirma-se isto, pois em contexto de sala de aula, quando foram desenvolvidas atividades em que era exigido aos alunos que aplicassem o seu conhecimento, estes foram capazes de associar esse saber e relacioná-lo com aquele que tinham adquirido durante a

⁹⁴ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. (1972) p. 148.

⁹⁵ OLIVEIRA, Hélder - As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida. In ROYÉ, Dominic et al. (coord.) - XIII Coloquio Ibérico de Geografia: Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual. Santiago de Compostela : Unidixital, 2012. p. 1682.

visita de estudo. Atividades como a exposição e alguns momentos em diálogos informais durante as aulas corroboram para a hipótese defendida. Esta atitude de “retirar o aluno da sala de aula” pode parecer um mero pormenor, mas é muito importante, uma vez que ao extrair o aluno da sua rotina e mostrar-lhe novos lugares, provoca neste um maior interesse e deixa-o com um novo desafio. Note-se que as visitas de estudo têm ainda uma outra responsabilidade a da sua dimensão cultural. Muitos dos alunos- e verificou-se isso com os resultados obtidos com o inquérito diagnóstico - não têm o hábito de visitar património, e muitas vezes isso só acontece quando a escola organiza uma visita de estudo.

Referiu-se que as visitas de estudo eram por vezes desafiantes. Serão tão mais desafiadoras, pensamos, quanto conseguirem apresentar componentes ou elementos de uma visita de estudo por descoberta. Se o aluno sentir que tem que realizar um desafio este vai estar com mais vontade de a fazer, e se lhe for dada autonomia e liberdade para o conceber, a tarefa irá ser realizada com maior sucesso, como aconteceu no dia 17 de março⁹⁶, pois os discentes ao longo do dia tiveram um conjunto de tarefas para realizar e não necessitaram de andar o dia todo acompanhados pelos professores, ou seja, existiram momentos em que estes circulavam livremente pelo espaço urbano para tentar responder ao que lhes foi proposto. Os resultados que foram entregues no peddy-papper mostraram-se bastante satisfatórios. Note-se ainda que estes foram desafiados a cumprir a tarefa com brio e que haveria um prémio para o grupo que conseguisse mais pontos.

Com a visita ficaram a conhecer o património existente na cidade de Coimbra e conhecer é defender, pois foram alertados tanto pelo guia como pelos docentes para a importância da preservação, pois no momento em que chegaram ao Paço das Escolas perguntaram o que é que estava a acontecer, pois todo aquele património encontrava-se em obras. Aproveitou-se a oportunidade para lhes falar da relevância da preservação, tal como afirmam Manique e Proença “defender o Património, em termos de futuro, passa, antes de mais, pela educação, pela sensibilização das jovens gerações para a preservação dos bens patrimoniais que constituem suportes de memória coletiva”⁹⁷.

⁹⁶A visita de estudo que realizámos foi uma visita de estudo mista. Num momento do dia estes tinham um guia para os acompanhar, mas na maior parte do tempo, os alunos circularam livremente por Coimbra para procurar responder ao que lhes foi solicitado.

⁹⁷ MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida- **Didática da História – Património e História Local**. 1.º ed. Lisboa : Texto Editora, 1994. 54. p.

Aproveito este momento para refletir naquele que foi o estágio pedagógico, momento em que foi possível realizar esta visita de estudo. Realço, sobretudo, todas as oportunidades que me foram dadas para que pudesse vivenciar todas as facetas da carreira de um docente, desde as reuniões de avaliação aos contactos realizados com instituições e personalidades para que pudéssemos oferecer aos alunos um ensino mais diversificado e abrangente.

Em suma, comprovámos que a realização da visita de estudo foi uma experiência motivadora e que foi geradora de conteúdo, Tal como afirma Sérgio Couto, “a maioria dos alunos indicou que foram motivadoras e contribuíram para a sua aprendizagem, auxiliando-os a compreenderem melhor as matérias abordadas nas aulas e a conhecer melhor a cidade de Coimbra”⁹⁸. Declarámos também relevância da realização destas, sobretudo para os alunos que não tem grandes condições económicas. Estas afirmam-se então como um momento em que alguns alunos têm a possibilidade de contactar com alguns espaços e monumentos que talvez de outra forma não o teriam. Afirmam-se assim, as visitas de estudo como uma estratégia muito eficaz capaz de promover a igualdade de oportunidades, aliás valor que dever ser sempre promovido numa instituição escolar.

⁹⁸COUTO, Sérgio Costa - **A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História**. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020. 100 p. Dissertação de mestrado.

Referências Bibliográficas:

- ABREU, Maria Manuela Viegas - As Visitas de Estudo no Ensino da História. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Coimbra. ISSN 0870-418X. 6: (1972) 145-161.
- ALMEIDA, António José Correia de - **Visitas de Estudo: Conceções e Eficácia na Aprendizagem**. 1.º ed. Lisboa : Livros do Horizonte, 1998. ISBN 978-972-24-1029-6.
- ALVES, L. - **A História Local como estratégia para o ensino da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. Dissertação de mestrado.
- AMADO, J. - **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 1.º ed. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. ISBN 978-989-26-0879-2.
- ARAÚJO, Sílvia Isabel Brochado - **“Só se ama o que se conhece...”: Contributos da História Local no Ensino da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. Dissertação de mestrado.
- BARROS, J. - O lugar da História local na expansão dos campos históricos. In OLIVEIRA, A. - **História Regional e Local: Discussões e Práticas**. 1.º ed. S. Salvador da Bahia : Quarteto Editora, 2010. ISBN 8580050065.
- CARNEIRO, Roberto. – **Educar hoje: Enciclopédia dos pais**. Vol. 3, 1.º ed. Lisboa: Lexicultural: Atividades Editoriais ASA, 2001. ISBN 972-8377-64-9.
- CARNEIRO, Roberto. – **Educar hoje: Enciclopédia dos pais**. Vol. 4, 1.º ed. Lisboa: Lexicultural: Atividades Editoriais ASA, 2001. ISBN: 972-8377-62-2.
- COUTO, Sérgio Costa - **A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História**. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020. Dissertação de mestrado.
- FABREGAT, Clemente Herrero ; FABREGAT, Maria Herrero – **Como preparar uma aula de História**. 2.º ed. Rio Tinto : Edições ASA, 1991. ISBN 9724106276.
- FORTES, Alexandra ; GOMES, Fátima Freitas ; FORTES, José - **Linhas da História**. 1.º ed. Porto : Areal Editores, 2014. ISBN 978-989-647-934-3.

- GUILLAUME, Marc – **A política do património**. 1.º ed. Porto : Campo das Letras, 2003. ISBN: 972-610-704-0.
- MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida- **Didática da História – Património e História Local**. 1.º ed. Lisboa : Texto Editora, 1994. ISBN: 972-47-0496-3.
- OLIVEIRA, António de – **Pedaços de História Local**, Vol. 1, Coimbra : Palimage, 2010. ISBN: 978-989-703-001-7.
- OLIVEIRA, Hélder - As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida. In ROYÉ, Dominic et al. (coord.) - XIII Coloquio Ibérico de Geografia: Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual. Santiago de Compostela : Unidixital, 2012. ISBN 978-84-940469-7-1.
- PEREIRA, M. – História Local e Regional: singularidades de uma História plural. In FARIAS, S. ; LEAL, M. (Orgs.) - **História Local e Regional II: o plural e o singular em debate**. S. Salvador da Bahia : EDUNEB, 2012. ISBN 8578871375.
- PINHEIRO, João Daniel Ferreira - **Visita de Estudo Virtual versus Visita de Estudo in Loco: “Contributos para aprendizagem de História no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico”**. Braga : Universidade do Minho, 2017. Dissertação de mestrado.
- ROCHA, Thaíse Sá Freire - **“Refletindo sobre memória, identidade e património: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF”**. Juiz de Fora : Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014. Dissertação de Bacharelado.
- SANTOS, Valério Nuno da Silva - **Viagens Pela minha terra: As Visitas de Estudo no contexto da História Local e Regional**. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2019. Dissertação de mestrado.
- SOLÉ, Glória - **Educação Patrimonial contributos para a construção do conhecimento histórico**. Braga : Centro de Investigação em Educação Universidade do Minho, 2014. ISBN 978-989-8525-39-0.
- TRINDADE, S. D. ; RIBEIRO, A. - Universidade de Coimbra digital: visitas de estudo guiadas por tablets. **Digital Technologies & Future School, Atas do IV Congresso Internacional TIC e Educação 2016** [Em linha]. (2016)

179-188, atual. Set. 2016 [Consult. 18 Mai. 2022]. Disponível em WWW:<URL:<http://hdl.handle.net/10316/44432>>. ISSN978-989-26-1700-8.

- VALE, Filipe Alberto Vieira do - **A Visita de Estudo na Didática da História**. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019. Dissertação de mestrado.

Anexos

Anexo 1- Plano Individual de Formação- PIF

Iniciando o estágio pedagógico, estágio esse que contempla a introdução dos alunos do Mestrado de Ensino em História no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, à atividade da docência. Em ano de pandemia, este PIF, bem como o tema proposto em relatório de estágio, encontram-se limitados.

Neste contexto, surge o Plano Individual de Formação, documento esse onde o estagiário pretende concretizar nos âmbitos curricular e extracurricular na Escola ou Agrupamento de Escolas onde se encontra a realizar o seu estágio. Portanto, este documento irá acompanhar todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo.

NOTA: Os objetivos enunciados são apenas um esboço inicial do trabalho que se procurará concretizar, é possível que, ao longo do ano letivo, novas atividades possam ser adicionadas a este PIF.

Comprometo-me:

- Observar todas as aulas lecionadas pela professora orientadora Maria Manuela Carvalho, nas turmas de 7º e 9º anos, nas disciplinas de História e Cidadania e Desenvolvimento;
- Dar cumprimento ao limite de aulas previstas no Plano Anual de Formação;
- Participar nas reuniões de auto e heteroavaliação do núcleo de estágio;
- Dinamizar o tema proposto no relatório de estágio, neste caso, uma visita de Estudo;
- Participar nas reuniões de Conselho de Turma das turmas que me foram atribuídas;
- Planificar atividades letivas a curto prazo;
- Corrigir e elaborar testes de avaliação, bem como outros elementos que possam contribuir para a avaliação sumativa;
- Comprometer-me a dar apoio nas aulas aos alunos com mais dificuldades;
- Acompanhar o trabalho dos Diretores de Turma;

Extracurriculares:

- Dar apoio tutorial, proposto em Conselho de Turma, a um aluno

Anexo 2- Elementos produzidos ao longo do Estágio Pedagógico

2.1- Planificações das aulas observadas

2.1.1- Aula observada dia 25 de janeiro

9ªA

Aula 25 de janeiro

Sumário

Portugal e o Estado Novo: Da ditadura Militar ao Estado Novo. Conservadorismo, tradição, nacionalismo e a recusa do liberalismo, da democracia e do parlamentarismo,

Tema da Aula

Tema: Da Grande Depressão à II Guerra Mundial

Aprendizagens essenciais:

Da ditadura militar ao Estado Novo.

Conservadorismo, tradição e nacionalismo.

Ideia-chave:

Pretende-se que nesta aula os alunos entendam de que forma é que o Estado Novo se instalou em Portugal, a pessoa Salazar e as características principais deste regime, nomeadamente a recusa do parlamentarismo, da democracia e do liberalismo. De salientar também o conservadorismo, tradição e o nacionalismo.

Conteúdos e conceitos:

Explicar de que modo é que foi instalado o Estado Novo em Portugal;

Nomear as suas principais características;

Explicar quem foi António de Oliveira Salazar

Definir os conceitos de Estado Novo, Nacionalismo, conservadorismo, ditadura,

Competências:

- 1.** Pretende-se que no fim desta aula os alunos sejam capazes de entender como é que foi instalado o Estado Novo em Portugal, muito por culpa da instabilidade financeira e política;
- 2.** Compreendam de que forma é que funcionou este regime que marcou a História de grande parte do século XX português.

Estrutura da aula

Momentos iniciais

Neste momento da aula será pedido aos alunos para registarem o sumário. Depois de o fazerem e será perguntado o que é que se lembram sobre o fim da 1ª República. Depois disso a matéria será encadeada.

Desenvolvimento

A 28 de maio de 1926, um golpe de estado promovido pelos Militares pôs fim à 1ª República Portuguesa. Este movimento não encontrou resistência por parte da população e vai marcar a entrada de Portugal na esfera dos regimes ditatoriais. Será proclamada uma ditadura militar, com a dissolução do parlamento e censura prévia à imprensa. Instalada em Portugal de 1927 a 1933 irá fracassar naquilo que vai assumir como principal bandeira “regenerar a pátria” e de lhe devolver a estabilidade desejada.

Desentendimentos entre os militares vão provocar uma mudança constante entre os chefes do executivo desde o comandante Mendes Cabeçadas aos generais Gomes da Costa e óscar Carmona. A impreparação desta junta com a instabilidade política irá culminar num agravamento do défice orçamental o que irá provocar com que a população comece a ver este regime com outros olhos.

Em 1928, este regime irá receber um novo alento com a entrada em cena de um professor de Economia da Universidade de Coimbra, António de Oliveira Salazar que irá receber a pasta das finanças, com a condição de poder supervisionar todos os ministérios. Com Salazar nas finanças, o país apresentou, pela primeira vez num período de 15 anos, um saldo positivo no orçamento. Este sucesso financeiro foi classificado de milagre, e irá conferir a este novo político um enorme prestígio que irá culminar com a sua nomeação, em 1932, para a chefia do Conselho de Ministros.

Este nunca escondeu a vontade de instaurar uma nova ordem política, e para isso empenhou-se em criar as estruturas necessárias. Irá conseguir lançar as bases orgânicas da União Nacional e a promulgação do ato colonial, em 1930. Em 1933 será promulgado o Estatuto do Trabalho Nacional e a Constituição de 1933, que foi submetida a votação nacional. Ficou então consagrado um sistema governativo conhecido como Estado Novo, tutelado por Salazar, do qual sobressaíram o forte autoritarismo do Estado e o condicionalismo das liberdades individuais aos interessados da Nação.

Repetindo insistentemente os *slogans* de um “Estado Forte” e de “Tudo pela Nação, nada contra a Nação” Salazar repudiou o Liberalismo, a Democracia, o parlamentarismo

e proclamou o carácter autoritário, corporativo, conservador e nacionalista do Estado Novo. Desse modo o ditador logrou convencer grande parte do país da justeza da sua política, obtendo apoio de quantos haviam hostilizado a 1ª República e desacreditado na sua ação. A hierarquia religiosa os devotos católicos, os grandes proprietários agrários e a alta burguesia ligada ao comércio colonial externo. A pequena e média burguesia empobrecidas, os monárquicos, os militares e os simpatizantes das ideologias fascistas que temiam o avanço do comunismo.

Embora Salazar condenasse o carácter violento e anticlerical dos totalitarismos alemão e italiano, o Estado Novo não deixou de abraçar um projeto totalizante para a sociedade portuguesa. A sua concretização foi influenciada por muitas das ideias e ações do regime fascista italiano.

A recusa do parlamentarismo da democracia e do parlamentarismo.

À semelhança do fascismo italiano, o Estado Novo afirmou-se antiliberal, antidemocrático e antiparlamentar. Tal como aquele regime, recusou a liberdade individual e a soberania popular enquanto fundamentos da sua legitimidade. No ponto de vista do ditador, a nação representava um todo orgânico e não um conjunto de indivíduos isolados. Desse pressuposto resultaram duas consequências. A primeira é o interesse da Nação se sobrepunha aos interesses individuais e que os partidos políticos, na medida em que representavam apenas as opiniões e interesses de indivíduos, eram considerados como um elemento desagregador da unidade nacional e um fator de enfraquecimento do Estado. Tendo em conta a instabilidade provocada pelas divisões dos partidos durante a Primeira República, Salazar declara-se como um acérrimo opositor da democracia parlamentar. Para ele, apenas a valorização do poder executivo poderia garantir um Estado forte e autoritário. Por isso, a constituição de 1933 reconheceu a autoridade do Presidente da República como primeiro poder dentro do Estado, completamente independente do Parlamento (Assembleia Nacional), e atribuiu vastas competências ao Presidente do Conselho de Ministros. Entre estes o poder de legislar através de decretos-leis, o de propor a nomeação e exoneração de membros do Governo e o de referendar os atos do próprio Presidente da República, sob a pena de serem anulados. Quanto à assembleia Nacional, órgão máximo do poder legislativo, limitava-se à discussão de propostas de Lei que o Governo lhe enviava para aprovação. Subalternizado o poder legislativo, quem efetivamente sobressaía, no seio do Executivo, era a figura do Presidente do Conselho de Ministros. Salazar encarna a figura de um chefe providencial

e com o seu lema “tudo pela Nação, nada contra a Nação”, bem se assemelhava ao estilo de Mussolini que afirmava “Tudo no Estado, nada contra o Estado”

Tal como em Itália, a consolidação e o robustecimento do Estado Novo, passaram pelo culto do chefe, fazendo de Salazar um “salvador da pátria”. Ao contrário de Mussolini que se mostrava como um homem duro e militar, agressivo e viril, Salazar mostrava-se às multidões e cultivava a descrição, austeridade e moralidade.

Conservadorismo, tradição e Nacionalismo

António de Oliveira Salazar foi uma personalidade extremamente conservadora. Grande ativista, enquanto estudante, no Centro Académico de Democracia Cristã, e depois do Centro Católico, sempre repudiou os exageros republicanos, mantendo amigável convívio com monárquicos e com adeptos do Integralismo Lusitano.

Antes de iniciar o estudo das características deste tópico será apresentada à turma uma imagem da Lição de Salazar (anexos). Será pedido à turma que interpretem.

Essa faceta de Salazar repercutiu-se no sistema político que liderou. Na verdade, o Estado Novo, distinguiu-se, entre os demais fascismos, pelo carácter profundamente conservador e nacionalista. Repousou em vários valores que ninguém poderia questionar: Deus, a Pátria, a Família, a Paz Social, a Hierarquia, a Moralidade, a Austeridade. Respeitou as tradições nacionais e promoveu a todo o custo tudo que fosse genuinamente português. Vários foram os exemplos que nos permitem confirmar o pendor conservador, nacionalista e tradicionalista deste Regime que vira as costas à modernidade. Criticou-se a sociedade urbana e industrial, fonte de todos os vícios e será enaltecido o mundo rural, refúgio seguro da virtude e da moralidade.

A religião católica é protegida e na década de 50 é definida como religião da Nação Portuguesa. O santuário de Fátima será palco de inúmeras celebrações. O papel da mulher é reduzido a um papel passivo do ponto de vista económico, social, político e moral. A mulher modelo foi definida como uma mulher de grande feminidade, uma esposa carinhosa e submissa, uma mãe sacrificadora e virtuosa.

Considerou-se, por sua vez, que a “verdadeira família portuguesa” era a família católica de moralidade austera, que repelia o vício e a desregração de costumes proporcionados pela liberalização da cidade moderna. Daí que o trabalho feminino fora do lar fosse entendido como uma ameaça à estabilidade familiar e à formação moral das gerações de portugueses que se queriam “tementes a Deus, heróis e santos da Nação.”

Nesta altura será colocada uma questão à turma (O que é que entendem por nacionalismo? Qual a diferença entre nacionalismo e patriotismo?) Será pedido a dois alunos que respondam- Lara e Sofia.

O Estado Novo, perfilhou um nacionalismo exacerbado. Erigiu em desígnio supremo o bem da Nação. Fez dos portugueses um povo de heróis, dotado de grandes qualidades civilizacionais e de uma História gloriosa.

Avaliação

Esta avaliação será de tipo formativa, e será proposto aos um conjunto de questões para responderem numa folha a parte para entregar ao professor.

O que é que eu já sabia sobre o Estado Novo?

O que aprendi de novo?

O que não percebi muito bem.

Recursos:

- Manual Hora H 9
- PowerPoint

Bibliografia:

AMARAL, C.; Alves, B.; Tadeu, T. (2019). *Missão: História*. Porto: Porto Editora.

CIRNE, J.; Henriques, M. (2021). *Viagem na História 9*. Porto: Areal Editores.

Lagartixa, C.; et al., (2020). *Hora H 9*. Lisboa: Raiz Editora.

MAIA, C.; Ribeiro, C.; Afonso, I. (2019). *Novo Viva a História 9*. Porto: Porto Editora.

MENESES, Filipe Ribeiro de, Salazar: Biografia Política, Dom Quixote, 2010;

ROSAS, Fernando, Salazar e o poder: a arte de saber durar, Tinta da China, 2013;

Fernando Rosas, J.M. Brandão de Brito, Dicionário de História do Estado Novo. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

CRUZ, Manuel Braga da, Monárquicos e Republicanos no Estado Novo, Dom Quixote.

Anexo 1



2.1.2 Aula observada dia 31 de maio

Ano letivo 2021-2022| 3º Período

História 9º ano, Turma

Aulas nº (31.05.2022)

Sumário

25 de abril de 1974- Democratização de Portugal.

Realização de um exercício de consolidação de conhecimentos.

Tema da aula

Tema: Do II pós-Guerra aos desafios do nosso tempo.

- Portugal: do autoritarismo à Democracia.

Aprendizagens essenciais- documento oficial

Contextualizar a mudança de regime que ocorreu em 25 de abril de 1974 com a crescente oposição popular à guerra colonial e à falta de liberdade individual e coletiva;

Realçar a importância do 25 de novembro para a estabilização do processo democrático;

Compreender a complexidade do processo de democratização, do PREC à progressiva instalação e consolidação das estruturas democráticas;

Ideia-chave:

O objetivo primordial desta aula é os alunos compreenderem de que modo é que se deu a instalação de um regime democrático em Portugal. Pretende-se que estes entendam todas as etapas e acontecimentos que se desencadearam desde 25 de abril de 1974 até à aprovação da Constituição de 1976.

Conteúdos e Conceitos:

Caracterizar Revolução Democrática Portuguesa.

Explicar de que forma é que evoluiu o processo revolucionário após o 25 de abril de 1974.

Indicar algumas etapas- golpe 11 de março- PREC- 25 de novembro de 1975

Apontar os resultados e consequências de cada um desses momentos da História Contemporânea Portuguesa;

Caracterizar a Constituição de 1976, destacando algumas das suas particularidades;

Competências de:

Organizar de forma sistematizada o estudo autónomo.

Construir sínteses esquemáticas sobre o assunto tratado.

Estrutura da aula

Início

Nos primeiros 15 minutos da aula, os alunos, depois de registarem o sumário irão ver um vídeo da Escola virtual intitulado “A Revolução do 25 de abril”. Será pedido que registem alguns temas que se abordam no recurso audiovisual, nomeadamente as senhas do 25 de abril, a reação da população e algumas das personalidades que se destacaram. Após o término da visualização alguns alunos serão interpelados para responderem ao que lhes foi anteriormente pedido. Esta tarefa tem por objetivo primordial, perceber se estes entenderam como se desencadeou a revolução dos Cravos.

Desenvolvimento

Neste momento de aula, os alunos serão dirigidos às páginas 176-181 do manual. Em pares, e divididos em conformidade com as filas da sala de aula terão de realizar a seguinte tarefa:

A fila 1 terá de registar aquelas que foram as primeiras medidas da Junta de Salvação Nacional. A fila 2 identificar as consequências do PREC- Processo Revolucionário em Curso. A fila 3- 25 de novembro- as consequências e o que foi? A fila 4- Constituição de 1976. Para isso, no sentido de os alunos terem o seu trabalho orientado, será disponibilizada uma ficha em formato de esquema. Cada grupo terá de responder ao seu tópico. Para que a ficha não fique incompleta e para que todos os alunos fiquem a perceber como se desencadeou o processo de democratização em Portugal. Alguns elementos da turma serão chamados ao quadro para completarem a tarefa. Da fila 1 será o aluno X, da fila 2 a aluna R, da Fila 3 o aluno Y e da Fila 4 o aluno T.

Pretende-se que com este esquema as ideias fiquem sistematizadas, ou seja que estes, a partir do esquema construam uma ideia de todas as etapas entre 1974 e 1976.

A 25 de abril de 1974 deu-se um golpe, liderado pelos militares que pôs fim a 48 anos de ditadura do Estado Novo. Portugal, comparativamente com os restantes países europeus, estava economicamente atrasado, e via a sua população a estancar, com um elevado número de emigrantes a partir para outros países europeus, nomeadamente França. A ação

repressiva da censura, bem como da polícia política também era um fator de forte descontentamento populacional. Porém aquele que foi o grande fundamento para o descontentamento populacional e consequente fim do Regime era a continuidade da Guerra colonial e consequente isolamento internacional português, pois os militares estavam cansados com os desaires no palco da guerra, os jovens estavam descontentes com o arrastar do conflito e isso vai fazer com que os militares se organizem no MFA.

Realizado o movimento, e contando com o apoio da população, um dos primeiros efeitos foi a Queda do Regime e criação da Junta de Salvação Nacional, liderada por António Spínola. As primeiras medidas adotadas por esta Junta serão: Marcello Caetano e Américo Thomaz exilados no Brasil, abolição da censura, da PIDE/DGS, e outros elementos do Regime. É permitido o regresso de exilados políticos, (por exemplo Álvaro Cunhal e Mário Soares) e o fim da Guerra Colonial e consequente início do processo de descolonização;

Porém, nem tudo vai correr como desejado, pois, dentro do MFA, irão surgir momentos de tensão, nomeadamente após surgirem duas vias políticas, uma liderada por Vasco Gonçalves, defensor da ala mais radical de esquerda e Spínola defensor de uma ala mais demoliberal.

Afastado do cargo presidencial (substituído por Costa Gomes) este tenta um golpe de Estado a 11 de março, mas falha e Spínola vê-se obrigado a exilar-se em Espanha. Portugal vira à esquerda, entrando num período conturbado, denominado de PREC- Processo Revolucionário em Curso. Observar-se-ão um conjunto de nacionalizações (sobretudo na banca e seguros) e será iniciada a Reforma agrária que terá fortes efeitos no Alentejo e Ribatejo, onde os latifúndios são substituídos por cooperativas geridas pelo estado. Porém irá surgir um forte descontentamento populacional, e muitos cidadãos entrarão em movimentos de radicalização. Greves, assaltos, vandalização de sedes de partidos (CDS-PP E PCP) serão frequentes neste tempo que ficou denominado por Verão quente de 75. Um dos momentos mais tensos desta época será a 25 de novembro de 1975, quando a esquerda radical tenta um golpe de Golpe de Estado. Este falha e será o fim do fim do PREC e os moderados (liderados por Ramalho Eanes) voltam ao poder;

Estes tomam algumas medidas, nomeadamente a nacionalização dos setores chave da economia, a intervenção do Estado nas empresas fixação e aumento do salário mínimo. Serão também convocadas eleições para 25 de abril de 1975, com o objetivo de eleger a Assembleia que iria redigir a Nova Constituição. Estas eleições terão uma elevada

participação populacional, cerca de 90% e o PS (Partido Socialista- liderado por Mário Soares) irá vencer estas eleições. Assembleia Constituinte eleita, irá redigir a nova Constituição, uma vez que a anterior (1933) tinha sido suspensa e esta não se adaptava a um regime democrático.

Segundo a Constituição de 1976:

- Igualdade de todos os cidadãos perante a lei;
- Liberdade de reunião, expressão, religião, associação;
- Direito à greve e direito ao voto

Irá observar-se uma nova organização do Estado:

- Presidente da República: eleito por sufrágio universal- nomeia o Governo (em conformidade com o resultado das eleições) e tem o poder de veto e de dissolução da Assembleia,
- Governo- funções executivas e legislativas, responde ao Presidente da República e à Assembleia;
- Assembleia da República – eleita por sufrágio universal, aprova as leis;
- Tribunais- tem o poder judicial- magistrados independentes;
- Segundo esta constituição também fica estabelecido o poder autárquico e são concebidas as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

Conclusão

Realizada a tarefa será apresentado um novo vídeo, da escola virtual, denominado de o Processo Revolucionário pós 25 de abril, onde serão apresentadas, as etapas que se deram em Portugal, desde abril de 1974 até a aprovação da Constituição de 1976. Este vídeo será apresentado para que os alunos tenham uma visão cronológica dos acontecimentos.

Avaliação

A avaliação desta aula será de índole formativo. Por um lado, será avaliada a participação dos alunos e por outro o seu empenho na realização da tarefa.

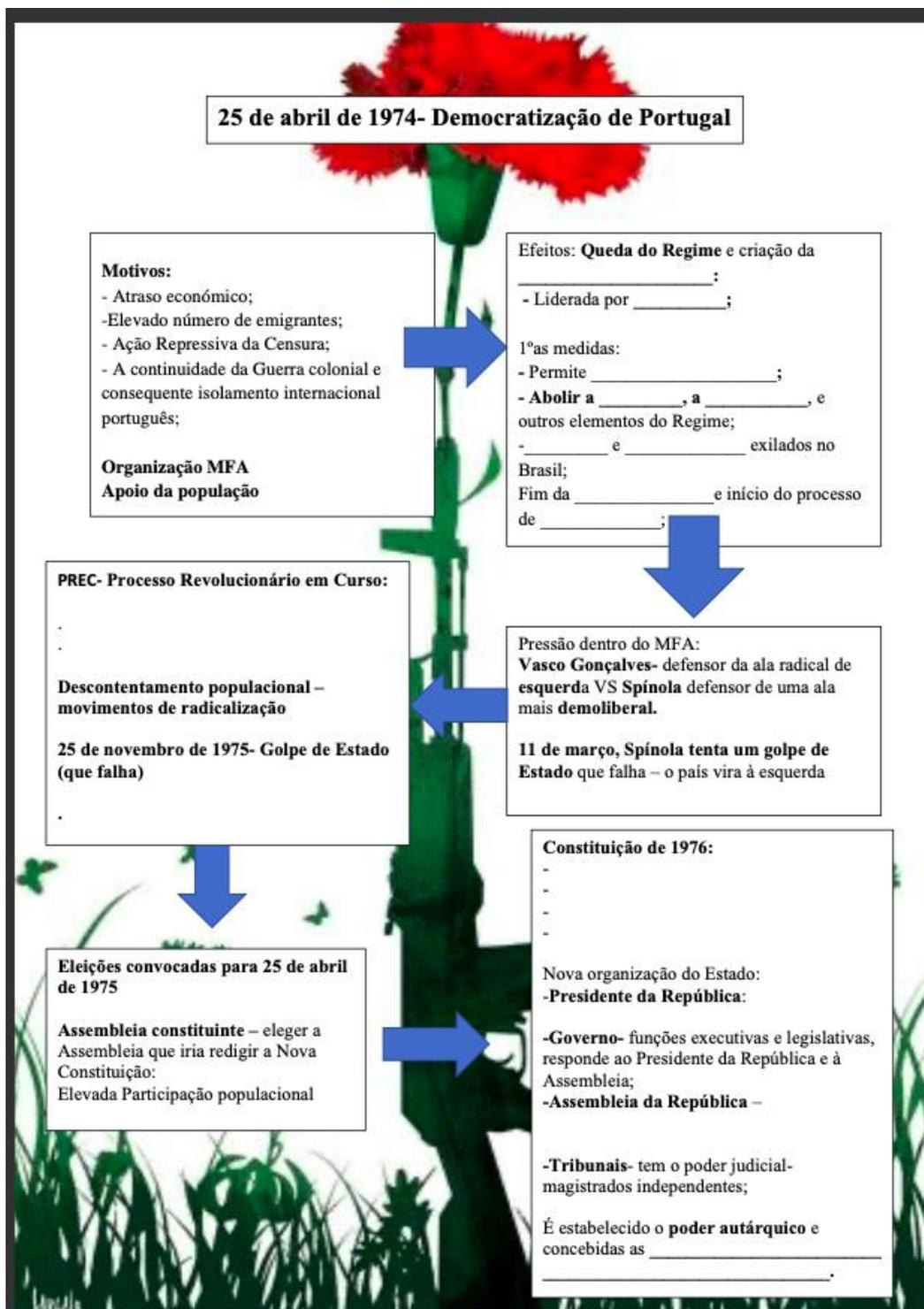
Bibliografia

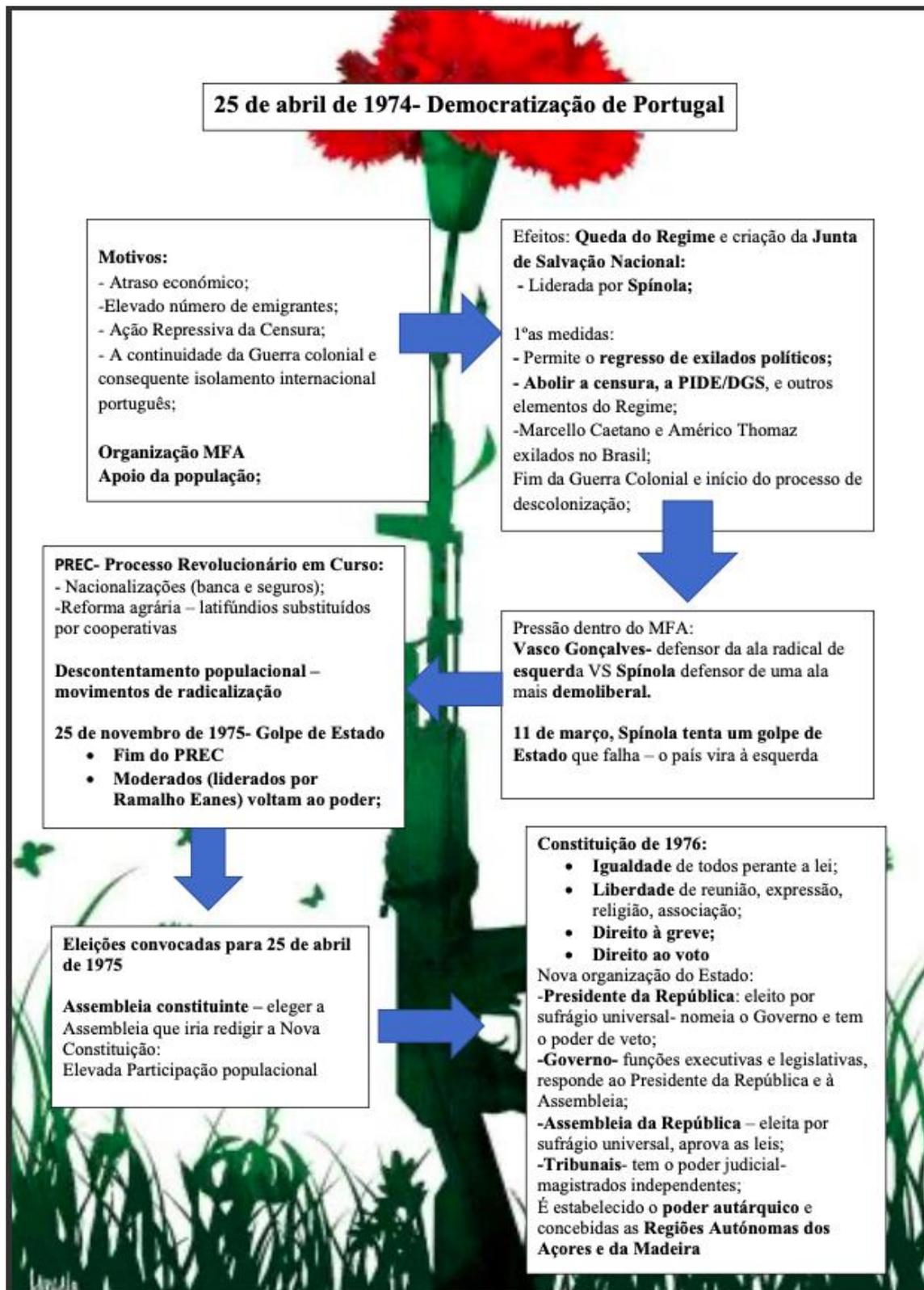
AFONSO, Aniceto, “O Movimento dos Capitães em Moçambique. Algumas considerações”, in Revista de História das Ideias- 16; “Do Estado Novo ao 25 de abril” - Coimbra 1994;

CRUZEIRO, Maria Manuela, “O imaginário Político do 25 de abril”, in Revista de História das Ideias- 16; “Do Estado Novo ao 25 de abril” - Coimbra 1994;

MAUÉS, Flamarion, Livros que tomam partido – Edição e Revolução em Portugal: 1968-1980- Edições Parsifal, 2019;

2.1.3- Exercício preparado para a aula observada- 31 de maio





2.3- Avaliação⁹⁹

2.3.1- Matriz de um teste de avaliação do 7º ano

Objeto de avaliação		Características e estrutura do teste		Critérios gerais de classificação	Estudo	
Objetivos gerais/ Competências	Subdomínios (conteúdos)	Cotação (pontos)	Pontos por grupo (aprox.)			
<ul style="list-style-type: none"> Interpretar fontes históricas (textos, imagens). Localizar e sequenciar acontecimentos relevantes - orientação no tempo e no espaço. Mostrar que compreende, aplica e mobiliza, de modo contextualizado, os aspetos mais relevantes dos temas estudados. Usar linguagem cuidada e definir/aplicar os conceitos de: Arqueologia, Pré-História, Paleolítico/Idade da Pedra Lascada, Hominização, Economia Recoletora, Modo de Vida Nómada, Ritos Mágicos, Arte Rupestre e Arte Móvel. 	<ul style="list-style-type: none"> Explicar aspetos significativos da origem do Homem, identificando as principais etapas do processo de hominização (Australopiteco...). Localizar essas etapas no espaço e no tempo. Explicar/caracterizar as principais mudanças físicas, mentais e sociais ocorridas durante o processo de hominização (bipedia, cerebralização ...). Referir técnicas e tipos de instrumentos usados ao longo deste processo. Referir processos de produção do fogo e vantagens do seu uso. Identificar as atividades económicas e o tipo de economia praticada pelos primeiros homens. Relacionar a economia recoletora com o modo de vida nómada. Identificar e distinguir as manifestações artísticas do Paleolítico. Atribuir significado a estas manifestações artísticas. 	100 pontos	<p>O teste é constituído por três grupos.</p> <p>Grupo I - 4-6 questões de interpretação de fontes/ compreensão.</p> <p>Grupo II - 5-7 questões de compreensão histórica.</p> <p>Grupo III - 1-3 questões de localização espacial e temporal.</p> <p>Tipologia de questões: - Associação - Escolha múltipla. - Itens de construção. - Localização geográfica.</p>	<p>30 pontos</p> <p>55 pontos</p> <p>15 pontos</p>	<p>Associação: a pontuação total é apenas atribuída quando as respostas apresentam a correspondência de todos os elementos das duas colunas.</p> <p>Escolha múltipla: é atribuída a pontuação total quando a resposta é a correta.</p> <p>Itens de construção: constituem os critérios gerais no âmbito das competências específicas da disciplina de História, os seguintes parâmetros:</p> <ul style="list-style-type: none"> A pertinência da resposta em relação à questão formulada. O modo como o documento é analisado, prezando-se a interpretação e não o parafraseamento. A utilização de informação relativamente ao tema em análise, e a mobilização de conceitos específicos. <p>Localização geográfica: é atribuída a pontuação total quando o espaço solicitado é assinalado com rigor.</p>	<p>Caderno diário e materiais da Classroom</p> <p>Manual "História Sob Investigação", páginas 12 a 19.</p> <p>Caderno de Atividades, páginas 10 e 11.</p>

15 out. 2021

⁹⁹ NOTA: Estes elementos relacionados com a avaliação são uma pequena amostra de todos os que foram realizados ao longo do estágio pedagógico. Acrescenta-se também que todos estes elementos relacionados com a avaliação formativa dos alunos foram realizados pelos três membros do grupo de estágio.

2.3.2- Teste de avaliação do 7º ano

 Escola EB 2,3 Inês de Castro
2021-2022

Ficha de Avaliação Sumativa de História – 7.º Ano

Tema: A origem do Homem e as Sociedades Recoletoras.

Nome do Aluno: _____ N.º _____

Turma: _____ Classificação: _____

Prof.: _____ Enc. de Educação: _____

Atenção!
As tuas respostas devem mostrar que:

- Conheces aspetos essenciais do tema;
- Sabes interpretar fontes;
- Escreves com rigor, clareza e usas conceitos específicos;
- Localizas e ordenas no tempo e no espaço os factos apresentados.



I – És capaz de interpretar fontes

Fonte A

Em primeiro lugar, o homínido não se distingue do chimpanzé só pelo tamanho do cérebro ou pelas suas aptidões intelectuais, mas sobretudo pela sua locomção bípede e posição vertical. A verticalidade foi o momento decisivo para a libertação da mão de toda a atividade locomotora (...) De uma só vez, o bipedismo abre a possibilidade de evolução que conduz ao sapiens. A posição vertical liberta a mão, a mão liberta a mandíbula, a verticalidade e a libertação da mandíbula libertam a caixa craniana das tensões que até então se exercia sobre ela e pode alargar-se em benefício de um "inquilino" de maior volume.

Edgar Morin, Ensaio de Antropologia

1. Segundo o autor do texto (Fonte A), quais as características que distinguem o homínido? [5 pontos]

2. Explica o significado do excerto sublinhado no texto. [5 pontos]

3. Identifica algumas das vantagens da bipedia que contribuíram para o desenvolvimento do processo de hominização. [5 pontos]

3.1. Refere a que etapa do processo de hominização se refere a fonte A. [5 pontos]

3.2. Que relação existiu entre a adoção da verticalidade e o desenvolvimento da inteligência? [12 pontos]

3.3. Transcreve do texto (Fonte A), o excerto que fundamenta a informação que apresentaste na resposta anterior. [5 pontos]



II - Conheces características essenciais da origem do Homem e das Sociedades Recoletoras

1. Completa o texto, escolhendo a informação adequada da caixa abaixo. Existem palavras que se podem repetir. [17 pontos]

rupestre / caça / alimentação / pesca / Paleolítico/nomadismo/ Idade da Pedra Polida / pintura / móvel / animais/ estatuetas / esculturas / fertilidade/ mágica

Foi durante o período a que se chama _____, que surgiu a primeira expressão artística, a _____ rupestre e a _____. Nestas produções, os Homens representavam aspetos relacionados com o seu dia a dia como a _____, mas retratavam igualmente _____. Na arte _____, distinguem-se as _____, de "Vénus" e que estavam relacionadas com a _____. Estes grupos acreditavam que estas peças eram de natureza _____.

Em cada uma das questões que se seguem (2 a 6), **assinala com um X a opção que consideras mais adequada.** [12 pontos]

2. A fase do processo de hominização durante a qual ocorreu o domínio do fogo foi a do Homo ...

- a) Habilis.
- b) Sapiens.
- c) Australopiteco.
- d) Erectus.

3. Entre outras vantagens, o domínio da primeira fonte de energia (o fogo) permitiu ...

- a) caçar animais.
- b) desenvolver a linguagem.
- c) construir cabanas.
- d) produzir estatuetas.

4. O Homo Sapiens Sapiens demonstra afetividade com os seus companheiros através de ...

- a) pesca.
- b) alimentação.
- c) enterramentos.
- d) instrumentos.

5. Estes desenvolveram representações que se designam por:

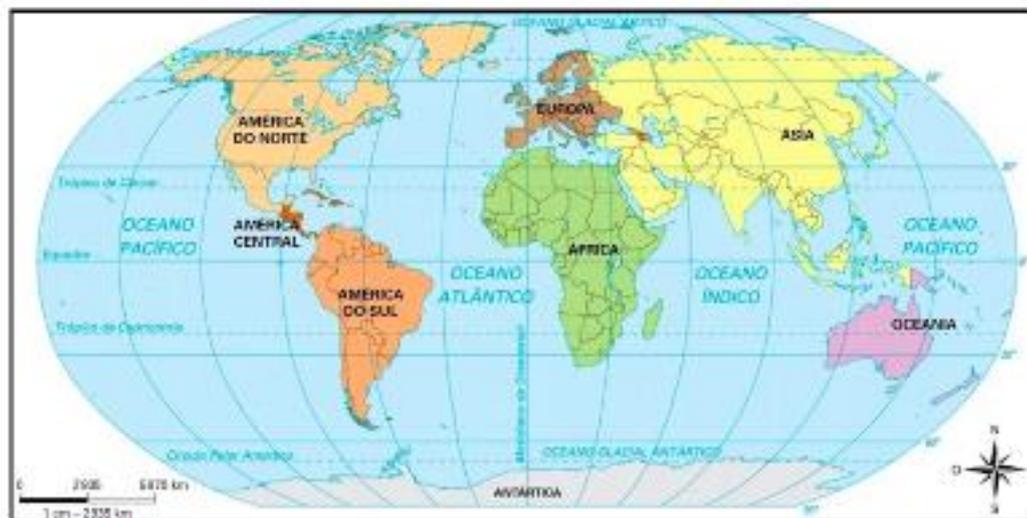
- a) arte medieval.
- b) estatuetas.
- c) estandarte.
- d) arte rupestre.

6. Estas sociedades eram...

- a) nómadas e produtoras.
- b) recoletoras e sedentárias.
- c) sedentárias e agropastoris.
- d) nómadas e recoletoras.

7. Usando os teus conhecimentos bem como as Fontes A e B, **elabora um breve texto** (cerca de 5 linhas) sobre o que de mais importante a ciência nos revelou acerca das sociedades recoletoras. [11 pontos]

III - És capaz de situar no espaço e no tempo



Mapa Mundi

Observa atentamente a Fonte B

1. Assinala no mapa (Fonte B), com um círculo, o local onde surgiram os primeiros hominídeos. [5 pontos]
2. Escreve um X nos continentes (Fonte B) onde viveu o Homo Erectus. [5 pontos]

3. **Ordena** no tempo as etapas de hominização, da mais antiga à mais recente, numerando-as de 1 a 5. [5 pontos]



4. **Identifica** as etapas de hominização que acabaste de numerar. [8 pontos]

1	
2	
3	
4	
5	

2.3.3- Critérios de Correção do teste do 7ºano



Escola EB 2,3 Inês de Castro
2021-2022

Ficha de Avaliação Sumativa de História – 7.º Ano

Tema: A origem do Homem e as Sociedades Recoletoras.

Nome do Aluno: _____ N.º _____

Turma: _____ Classificação: _____

Prof.: _____ Enc. de Educação: _____

Atenção!

As tuas respostas devem mostrar que:



I – És capaz de interpretar fontes

Fonte A

Em primeiro lugar, o homínido não se distingue do chimpanzé só pelo tamanho do cérebro ou pelas suas aptidões intelectuais, mas sobretudo pela sua locomção bípede e posição vertical. A verticalidade foi o momento decisivo para a libertação da mão de toda a atividade locomotora (...) De uma só vez, o bipedismo abre a possibilidade de evolução que conduz ao sapiens. A posição vertical liberta a mão, a mão liberta a mandíbula, a verticalidade e a libertação da mandíbula libertam a caixa craniana das tensões que até então se exercia sobre ela e pode alargar-se em benefício de um "inquilino" de maior volume.

Edgar Morin, Ensaio de Antropologia

1. Segundo o autor do texto (Fonte A), quais as características que distinguem o homínido? [5 pontos]
Segundo o autor, as características que distinguem o homínido são a sua verticalidade, a bipedia e a cerebralização.

2. Explica o significado do excerto sublinhado no texto. [5 pontos]

"Locomção bípede" significa que estes primeiros Homens se apoiavam sobre os dois pés, deixando de estar com os quatro membros no solo, o que lhe permitiu adotar uma posição vertical e um maior desenvolvimento.

3. Identifica algumas das vantagens da locomoção bípede para o desenvolvimento do processo de hominização. [5 pontos]

Libertação das mãos e consequente aperfeiçoamento da habilidade, produção de instrumentos, apanha de alimentos (...)

3.1. Refere a que etapa do processo de hominização se refere a fonte A. [5 pontos]

A bipedia ocorre com o australopiteco.

3.2. Que relação existiu entre a adoção da verticalidade e o desenvolvimento da inteligência? (12 pontos)
Com a libertação dos membros superiores, o Homem começou a produzir instrumentos, a construir os seus primeiros abrigos, a aperfeiçoar as suas técnicas de produção e tal mostra que há um desenvolvimento da inteligência, este procura cada vez mais aperfeiçoar-se e melhorar as suas produções.

3.3. Transcreve do texto (Fonte A), o excerto que fundamenta a informação que apresentaste na resposta anterior. (5 pontos)

"A posição vertical liberta a mão, a mão liberta a mandíbula, a verticalidade e a libertação da mandíbula libertam a caixa craniana das tensões que até então se exercia sobre ela e pode alargar-se em benefício de um "inquilino" de maior volume".



II - Conheces características essenciais da origem do Homem e das Sociedades Recoletoras

1. Completa o texto, escolhendo a informação adequada da caixa abaixo. Existem palavras que se podem repetir. (17 pontos)

rupestre / caça / alimentação / pesca / Paleolítico/nomadismo/ Idade da Pedra Polida / pintura / móvel / animais/ estatuetas / esculturas / fertilidade/ mágica

Foi durante o período a que se chama **Paleolítico**, que surgiu a primeira expressão artística, a **arte** rupestre e a **móvel**. Nestas produções, os Homem representavam aspetos relacionados com o seu dia a dia como a **caça**, mas retratavam igualmente **animais**. Na arte **móvel**, distinguem-se as **estatuetas**, de "Vénus" e que estavam relacionadas com a **fertilidade**. Estes grupos acreditavam que estas peças eram de natureza **mágica**.

Em cada uma das questões que se seguem (2 a 6), assinala com um X a opção que consideras mais adequada. (12 pontos)

2. A fase do processo de hominização durante a qual ocorreu o domínio do fogo foi a do Homo ...

- a) Habilis.
- b) Sapiens.
- c) Australopiteco.
- d) **Erectus.**

3. Entre outras vantagens, o domínio da primeira fonte de energia (o fogo) permitiu ...

- a) caçar animais.
- b) **desenvolver a linguagem.**

- c) construir cabanas.
- d) produzir estatuetas.

4. O Homo Sapiens Sapiens demonstra afetividade com os seus companheiros através de ...

- a) pesca.
- b) alimentação.
- c) **enterramentos.**
- d) instrumentos.

5. Estes desenvolveram representações que se designam por:

- a) arte medieval.
- b) estatuetas.
- c) estandarte.
- d) **arte rupestre.**

6. Estas sociedades eram...

- a) nómadas e produtoras.
- b) recoletoras e sedentárias.
- c) sedentárias e agropastoris.
- d) **nómadas e recoletoras.**

7. Usando os teus conhecimentos bem como as Fontes A e B, **elabora um breve texto** (cerca de 5 linhas) sobre o que de mais importante a ciência nos revelou acerca das sociedades recoletoras. [11 pontos]

A evolução dos homínidos – processo de hominização – é lento e constituído por diversas etapas de desenvolvimento, nomeadamente o australopiteco, o homo Habilis, o Homo Erectus, o Homo Sapiens e o Homo Sapiens Sapiens, tendo cada uma com as suas transformações.

Estas sociedades registaram grandes mudanças desde a bipedia, que lhes permitiu libertar as mãos e usá-las para novas habilidades, registou-se igualmente um processo de desenvolvimento de inteligência com a crescente complexidade das suas produções e o desenvolver da linguagem articulada, abandonando os ruídos guturais.

Apresentar duas ideias fortes acerca dos dados transmitidos pela ciência sobre as sociedades recoletoras com a utilização de uma linguagem clara e concisa, aplicando conceitos específicos. 9-11 pontos.

Apresentar uma ideia forte acerca dos dados transmitidos pela ciência sobre as sociedades recoletoras com a utilização de uma linguagem clara e concisa, aplicando conceitos específicos. 6-8 pontos.

Apresentar uma ideia geral acerca do tema em questão, utilizando uma linguagem clara com conceitos específicos. 4-6 pontos

Apresentar uma ideia muito generalizada com uma linguagem confusa sem a utilização de conceitos e terminologias específicas do tema. 1-3 pontos



Mapa ~~Mundi~~

III - És capaz de situar no espaço e no tempo

Observa atentamente a Fonte B

1. Assinala no mapa (Fonte B), com um círculo, o local onde surgiram os primeiros homínidos. (5 pontos)

Assinalar no mapa o local onde os primeiros homínidos viveram. 5 pontos

Assinalar todo o continente africano. 4 pontos

Assinalar qualquer ponto no mapa que não seja o continente africano. 0 pontos

2. Escreve um X nos continentes (Fonte B) onde viveu o Homo Erectus. (5 pontos)

Assinalar no mapa o local onde os Homo Sapiens Sapiens viveram. 5 pontos

Assinalar 4 continentes no mapa o local onde os Homo Sapiens Sapiens viveram. 5 pontos

Assinalar 2-3 continentes no mapa o local onde os Homo Sapiens Sapiens viveram. 3 pontos

Assinalar 1 continente no mapa o local onde os Homo Sapiens Sapiens viveram. 1 ponto

Não assinalar no mapa. 0 pontos

3. **Ordena** no tempo as etapas de hominização, da mais antiga à mais recente, numerando-as de 1 a 5. [5 pontos]



5 1 3 4 2

1 Ponto cada alínea

4. **Identifica** as etapas de hominização que acabaste de numerar. [8 pontos]

1	Australopiteco
2	Homo <u>Habilis</u>
3	Homo <u>Erectus</u>
4	Homo Sapiens
5	Homo <u>Sapeins Sapiens</u>

Cada alínea correta 1,6 pontos.

2.3.4- Teste de avaliação 9ºano



Escola EB 2,3 Inês de Castro
2021-2022



Ficha de Avaliação Sumativa de História – 9.º Ano

Temas: A Europa e o Mundo no limiar do século XX: Hegemonia e declínio da influência europeia; Sociedade e cultura num mundo em mudança; A I República Portuguesa.

Nome do Aluno: _____ **N.º** _____

Turma: _____ **Classificação:** _____

Prof.: _____ **Enc. de Educação:** _____

Atenção!
As tuas respostas devem mostrar que:
Compreendes aspetos essenciais dos temas;
Sabes interpretar fontes;
Escreves com rigor e clareza, usando conceitos específicos;
Localizas e ordenas no tempo e no espaço os factos apresentados.

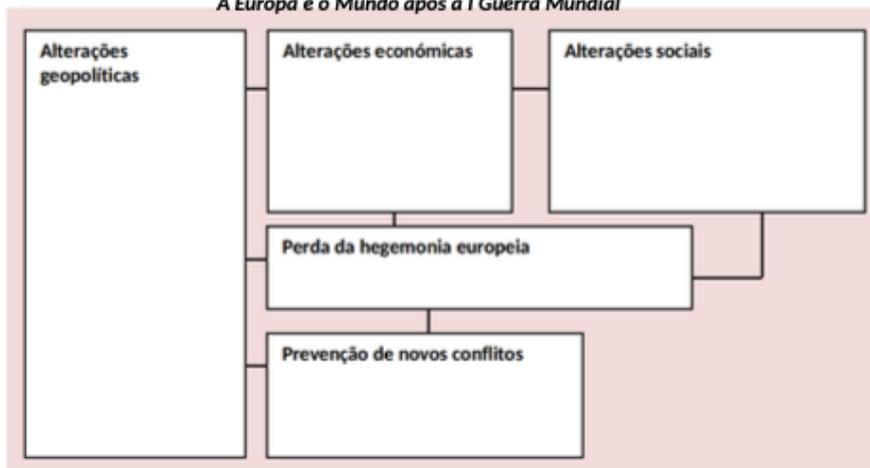


I - Comprendes transformações decorrentes da I Guerra Mundial ...

1. **Preenche** o esquema que se segue com todas as palavras/frases que constam do quadro. *Cada palavra/frase pode ser usada uma só vez.* [16 pontos]

As classes médias empobrecem.	Movimentos de emancipação feminina.	Inflação.	EUA tornam-se os principais credores dos países europeus.
Os Estados Unidos tornam-se a principal potência mundial.	Surgimento de novos países.	Expansão dos regimes democráticos.	Sociedade das Nações (SDN).

A Europa e o Mundo após a I Guerra Mundial



2. **Refere** dois países que se tornaram independentes depois da I Guerra Mundial. [6 pontos]

3. **Apresenta** um motivo que tenha contribuído para a ascensão dos Estados Unidos da América ao lugar de primeira potência mundial depois daquele conflito. [10 pontos]



... e sabes interpretar fontes

Fonte A- Novos comportamentos nos anos 20



Flapper ao volante de um Chrysler, 1929

Fonte: Escola Virtual.

Fonte B

"Quando a Primeira Guerra Mundial terminou em 1918 muitas coisas tinham mudado. (...) Durante a guerra, muitas ideias tradicionais sobre como as mulheres se deviam comportar e o seu visual foram postas de lado. A maioria das mulheres cedeu os seus empregos aos homens quando estes regressaram da guerra, mas o relógio não podia andar para trás. As mulheres haviam experimentado o sabor da independência e tinham agora estilos de vida mais ativos."

Clare Lomas e outros, "Século XX, Moda, Anos de 1900-20- Linho e Renda", 2003.

4. **Apresenta** o motivo que, segundo os autores da Fonte B, contribuiu para o processo de "independência" da mulher depois da I Guerra Mundial? [7 pontos]

5. Transcreve o excerto do texto (Fonte B) que refere esse motivo. [5 pontos]

6. Refere um movimento que tenha contribuído para o processo de independência da mulher no início do séc. XX. [5 pontos]

7. Com base na Fonte A, refere duas conquistas que algumas mulheres conseguiram nesta época. [10 pontos]

8. Também a arte reflete as mudanças da época. Nomeia duas correntes artísticas que se desenvolveram **e dois pintores** que se distinguiram. [10 pontos]



II - Compreendes características essenciais da I República Portuguesa

Fonte D - Constituição portuguesa de 1911

Título II	Título III
<p>Artigo 3.º [...]</p> <p>3.º A República portuguesa não admite privilégios de nascimento [...] e extingue os títulos nobiliárquicos;</p> <p>7.º - Ninguém pode, por motivo de opinião religiosa, ser privado dum direito [...];</p> <p>10.º - O ensino ministrado nos estabelecimentos públicos e particulares fiscalizados pelo Estado será neutro em matéria religiosa;</p> <p>14.º - O direito de reunião e associação é livre [...].</p>	<p>Artigo 7.º</p> <p>O Poder Legislativo é exercido pelo Congresso da República [Assembleia]. [...]</p> <p>Artigo 26.º Compete privativamente ao Congresso da República:</p> <p>1.º - Fazer leis, interpretá-las, suspendê-las e revogá-las; [...]</p> <p>4.º - Autorizar o Poder Executivo a realizar empréstimos [...];</p> <p>19.º - Eleger o Presidente da República.</p>

Constituição Republicana de 1911. In www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1911.pdf (consultado em 23/01/2021) (adaptado)

1. Identifica na Fonte D uma característica que distingue a I República do regime monárquico que a antecedeu. [8 pontos]

2. Refere uma razão que tenha contribuído para o derrube do regime monárquico em Portugal. [8 pontos]

3. Associa os conceitos da coluna da esquerda, com as definições da coluna à direita, colocando na linha abaixo o número e a respetiva alínea. [15 pontos]

1. Carbonária	a) Sistema de governo no qual o poder executivo depende do apoio do Parlamento para constituir governo e orientar a política governativa.
2. Partido Político	b) Sociedade secreta e revolucionária que preparou diversas ações para derrubar a Monarquia, nomeadamente o regicídio e o 5 de Outubro.
3. Monarquia	c) Regime político no qual uma pessoa é a principal figura do
4. Democracia parlamentar	

5. República	<p>Estado, detendo o poder na sequência de eleições e exercendo-o por um período determinado.</p> <p>d) Associação de cidadãos que partilham uma concepção política ou interesses políticos e sociais, que se propõe alcançar o poder para os executar.</p> <p>e) Regime político no qual uma pessoa é a principal figura do Estado, detendo o poder por via hereditária e exercendo-o vitaliciamente.</p>
--------------	--

2.3- Exemplos de exercícios aplicados ao 9ºano

GUERRA NA UCRÂNIA

Rússia ameaça com armas nucleares se Finlândia e Suécia aderirem à NATO

A ameaça foi feita por Dmitri Medvedev, vice-presidente do Conselho de Segurança e ex-Presidente russo

O vice-presidente do Conselho de Segurança e ex-presidente russo, Dmitri Medvedev, ameaçou hoje com o destacamento de armas nucleares no Báltico se a Suécia e a Finlândia aderirem à NATO.

"Será necessário reforçar o agrupamento de forças terrestres, defesa antiaérea, destacar forças navais significativas nas águas do Golfo da Finlândia. E, então, já não poderemos falar de um Báltico sem armas nucleares. O equilíbrio deve ser restabelecido", escreveu Medvedev na rede social Telegram.

A Finlândia e a Suécia estão a analisar a possível adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), na sequência da guerra em curso na Ucrânia, desencadeada pela Rússia em 24 de fevereiro.

1. A que organização internacional se refere a notícia?
2. Que posição o representante da Rússia toma relativamente à possibilidade de adesão da Finlândia e da Suécia àquela organização? Porque razão o fará?
3. Que relação existirá entre a posição daquele representante da Rússia e o atual conflito que opõe este país à Ucrânia? Fundamenta.
4. Pesquisa agora dados sobre a origem desta organização e papel desempenhado após a II Guerra Mundial, usando os dados apresentados nas pág.146-147 do manual e no site <https://www.defesa.gov.pt/pt/pdefesa/dn>. **Elabora uma síntese breve.**

O Estado Novo nas décadas de 60 e 70 e a oposição ao Regime, o papel dos artistas:

Questões:

“Venham mais cinco!”

Música: https://www.youtube.com/watch?v=E47asLfITQA&ab_channel=trigorina

Letra: <https://www.letras.mus.br/zeca-afonso/757583/>

Ouve a música e identifica:

O seu autor:

O contexto em que é escrita:

A crítica que esta faz:

“(…)

Não me obriguem a vir para a rua

Gritar

Que já é tempo de embalar a trouxa

E zarpar

(…)”

Explica o significado do excerto sublinhado.

“Trova do Emigrante”

Música:

https://www.youtube.com/watch?v=YoQcNY2UrQ&ab_channel=MundoDosPoemas

Letra: <https://www.antiwarsongs.org/canzone.php?id=40497&lang=en>

Ouve a música e identifica:

O seu autor:

O contexto em que é escrita:

A crítica que esta faz:

“Menina dos olhos tristes”

Música: <https://www.youtube.com/watch?v=OsY20ZTLWDU>

Letra: <https://www.letras.mus.br/jose-afonso/67119/>

Ouve a música e identifica:

O seu autor:

O contexto em que é escrita:

A crítica que esta faz:

“(…)

Menina dos olhos tristes

O que tanto a faz chorar

O soldadinho não volta

Do outro lado do mar

(…)”

Explica o significado do excerto sublinhado!

Respostas:

Venham mais 5! - 1973

Quando o disco foi lançado ao mercado, foi submetido à Censura, que o proibiu de imediato. A proibição foi comunicada à PIDE/DGS, que procedeu logo à sua apreensão imediata.

Esta canção faz apelos à unidade, pois era necessária para lutar contra os males provocados pelo regime e para derrubar o regime que deveria «embalar a trouxa e zarpar».

O número **cinco** anda associado, entre outras coisas, à análise, à crítica, à força, à integração, ao crescimento orgânico e ao coração. É sinal de união, de harmonia e de equilíbrio e um convite à confraternização (*dá cá mais cinco*).

O convite à confraternização, à união e à luta conjunta pelo mesmo ideal está sintetizado na expressão “**Venham mais cinco**”. Esta luta pressupõe que outros se unam num mesmo desejo de libertação e que o povo celebrará a vitória e festejaria.

Se o velho estica: se Salazar morre – alusão aos dois últimos anos de vida deste estadista, após a queda, em 1968, em que foi substituído por Marcelo Caetano. Salazar é comparado a um “velho” que “estica”, mas ainda acredita que é “rei d’aquém e d’além mar”, isto é, que ainda governa;

De espada à cinta: apoderou-se do poder; é a imagem personificada do poder; **crê que é rei d’aquém e d’além mar:** é o senhor de Portugal e das colónias

Na minha terra quem trepa no coqueiro é o rei: coqueiro simboliza o poder, alto, de onde se avista a terra, o país, e o rei é o ditador que trepa no poder e avista tudo à sua frente;

Já é tempo de embalar a trouxa e zarpar: já é tempo de se pôr a andar, pois está há muito tempo a governar o país.

A prefiguração da mudança torna-se visível nos seguintes vocábulos: **gritar**, que traduz a ânsia de liberdade e de clamar vitória;

Tiririri: o som dos apitos a festejar a vitória;

A gente ajuda: sentido de unidade na luta; **havemos de ser mais:** o descontentamento aumenta.

No fundo, a tarefa era difícil (**A bucha é dura**), mas mais importante era a razão de ser dessa luta (**Mais dura é a razão que a sustém**) e nessa luta (**rusga**) não haveria lugar para os que defendiam o regime (os filhos da mãe).

Trova do Emigrante- Manuel Alegre

“**Parte de noite**”, pois muitos dos emigrantes fugiam “a salto” do país. A referência ao “**não olha os campos que vai deixar**” significa a dor de ter de deixar o lugar que o viu crescer.

O uso da expressão “**folha a folha se desfolha seu coração ao partir**” faz uma comparação entre uma árvore sem folhas e a emigração.

“**Não tem sede de aventuras/Nem quis a terra distante/ A vida o fez viajante/Se busca terras de França**”

Não era seu desejo imigrar, pois não era de aventuras, mas a necessidade, a vida, obrigou-o a procurar outras condições noutra país, neste caso a França.

“**Se o trabalho não dá fruto/Morre-se em cada minuto**” – Se as colheitas fossem fracas morria-se à fome. Caracterização da pobreza do país.

“**Não julguem que vai contente/Leva nos olhos o verde/Dos campos onde se perde**”

Parte triste, e leva na saudade a sua terra, a sua casa.

Menina dos olhos tristes – 1969

Esta música é uma crítica à Guerra Colonial, que ceifou a vida de milhares de jovens que lutaram em Angola, Guiné Bissau e Moçambique, entre 1961 e 1974.

Destaca-se em cada estrofe a presença da palavra *soldadinho* sendo o centro da mensagem, e também, outras personagens que fazem parte da família do *soldadinho* enviado à guerra. Juntos (a menina, o senhor, a senhora e o amigo), todos enfrentam a saudade e a dor de ter que conviver com a ausência do ente querido.

Soldadinho- Muitos dos soldados portugueses que iam à guerra estavam no auge da sua juventude, muitos com dezassete ou dezoito anos e inexperientes.

"O soldadinho **não** volta, do outro lado do mar". Essa repetição comunica uma História que não tem fim, e que se repete ano após ano (ao todo, a Guerra Colonial durou treze anos). Além disso, a repetição também revela a longa espera, por parte dos familiares, de notícias que nunca chegavam.

Duas interpretações:

O soldadinho "não volta", e, por isso, as primeiras estrofes já mostram o luto. Talvez por já saberem do desfecho e esperarem a chegada do corpo do soldado - que podia voltar,

ou não. Mas essa espera, demonstrada nas estrofes, se refere à espera do corpo - talvez a certeza de que o soldadinho realmente morreu.

As estrofes também podem revelar que a falta de notícias é angustiante para os familiares - eles não sabem do desfecho, mas aguardam ansiosamente por notícias. O desfecho que se revela é ainda mais trágico, visto que havia uma esperança de que o soldado voltasse vivo da guerra, e não num "caixão".

O uso da expressão "caixa de pinho" é utilizado como um "eufemismo", no lugar da palavra "caixão", sendo uma maneira mais suave para "minimizar" a real expressão

Anexo 3- Ficha 1- Diagnóstica

Em que freguesia de Coimbra vives?

Costumas visitar Monumentos em Coimbra?

És capaz de identificar os monumentos mais emblemáticos de Coimbra?









Já visitaste algum destes monumentos? Qual?

Se tivesses possibilidade, que local gostarias de visitar em Coimbra?

AECO| EB 2,3 Inês de Castro

Prof. Manuela Carvalho| Prof. Rodrigo Vaz

Maio de 2022

Anexo 4- Ficha 2

 este coimbra Agrupamento de Escolas	Escola EB 2,3 Inês de Castro 2021-2022
---	---

Nome do Aluno: _____ N.º ____ 7º Ano- turma: ____

Neste pequeno questionário, responde às seguintes questões sobre a Visita de Estudo que realizaste à Alta de Coimbra.

1. O que viste na visita de estudo ajudou-te a entender melhor a matéria lecionada na sala de aula? Justifica a tua resposta com um exemplo.

2. Consideras que foi uma experiência motivadora para ti? Porquê?

3. Achas que é importante conhecer o património e a história da tua cidade? Justifica a tua resposta.

Professor Rodrigo Vaz

AECO | EB 2,3 Inês de Castro

Maio de 2022

Anexo 5- Elementos elaborados para a Visita de Estudo

Documento a entregar aos encarregados de educação e respetiva autorização

Visita de Estudo a Coimbra

 Ex.^{mo(a)} Sr(a).
Encarregado(a) de Educação:

Informo V. Exa. que as turmas do 7.º ano desta Escola participarão no dia 17 de março, entre as 8.15 e as 18.15 horas, numa visita de estudo ao centro histórico de Coimbra, conforme programa anexo.

Acompanhados pelos professores de diversas disciplinas, os alunos visitarão locais relevantes da cidade, com o objetivo de melhor conhecerem o seu património histórico-cultural e geomorfológico e, assim, articularem e concretizarem saberes explorados em sala de aula.

Esta atividade está integrada nos Planos das Turmas e de Atividades do Agrupamento (PAA) e terá o custo de 2€ (para a entrada no Museu da Ciência) e de transporte (caso o aluno não disponha de passe), que será feito de autocarro.

Os alunos deverão levar vestuário e calçado adequados aos espaços a visitar, almoço, água, e material de registo, para recolherem dados que lhes permitam realizar trabalhos de aplicação das aprendizagens obtidas.

O prazo de pagamento e de devolução do destacável terão como limite o próximo dia 14.

Com os melhores cumprimentos,

Coimbra, 9 de março de 2022

P' Docentes dinamizadores,

Manuela

(-----)

(Recortar e enviar pelo(a) Educando(a) à Diretora de Turma)

Eu, _____, Enc. de Educação do(a) aluno(a) _____, n.º _____, da Turma ____ do 7.º Ano, obtive informação e autorizo a participação do(a) meu(minha) educando(a) na visita ao Centro Histórico de Coimbra, no dia 17 de março, entre as 8.15 e as 18.30 horas.

Coimbra, ___ de março de 2022

O(A) Encarregado(a) de Educação, _____

Programa da Visita de Estudo

Programa da Visita de Estudo dos 7.ºs Anos - 17 de Março (5ª- feira)

8:15h- Concentração na entrada da Escola EB 2,3 Inês de Castro

8:20h- 8:30h - Saída da Escola em autocarro dos SMTUC (Linhas 14 e 14T)¹

8:50h- Percurso da Baixa ao Largo D. Dinis

9:50h/10:00h - 12:45h:

- 7º A e 7º B - Roteiro "Coimbra Fortificada" (10:00-11:30h) e Peddy-Paper (11:45h-12:45)
- 7º C e 7º D - Museu Nacional Machado de Castro (10:00-10:45h) e Museu da Ciência (7º C: 11:00-11:45h; 7º D: 12:00-12:45h)

12:45h- 14:15h- Pausa para almoço (Jardim Botânico)

14:30h-16:45h:

- 7º A e 7º B- Museu Nacional Machado de Castro (14:30-15:15h) e Museu da Ciência (7º A: 15:00-15:45h; 7º B: 16:00-16:45h)
- 7º C e 7º D- Roteiro "Coimbra Fortificada" (14:30h-16:30h) e Peddy-Paper

17:00h- Concentração no Largo da Portagem e regresso à Escola em autocarro dos SMTUC (Linhas 14 e 14T)

18:00- 18:15h - Chegada à Escola

Obs.: A atividade foi proposta nos CT intercalares e de final do 1.º P, no âmbito do PAA do AECO. Constitui o núcleo do DAC das turmas A, B, C e D do 7.º ano.

¹Os alunos devem munir-se do passe e bilhete para o transporte de autocarro.

Guia Orientador – Peddy-Papper



EB 23 Inês de Castro

Ano Letivo 2021-2022

VISITA DE ESTUDO A COIMBRA - 17.3.2022

Bem-vindo a esta viagem à Coimbra de outros tempos.

Este Guia orienta a tua descoberta de marcas importantes do passado da cidade nas suas ruas e largos.

Os teus professores estarão por perto para fornecerem algum esclarecimento adicional. No entanto, lembra-te que deves descobrir as respostas por ti próprio, dialogando com o teu grupo, com as pessoas dos locais e recordando informações fornecidas anteriormente. Andando e descobrindo, todos têm de estar no Largo D. Dinis, (7º A e B) e em frente ao Museu Nacional Machado de Castro às 9H50 (7º C e D), para iniciar, respetivamente, o Percurso da Antiga Muralha do Castelo e visitarem o criptopórtico daquele museu.

Desejamos-te um trabalho de pesquisa alegre e produtivo. Um detetive do passado (historiador) nunca desiste de encontrar a resposta adequada para uma pergunta e outra e outra, questionando as fontes (vestígios), sendo persistente e usando o seu raciocínio crítico.

Um elemento de cada grupo deve **entregar este guia preenchido à respetiva professora de História no final da visita**, para que possa ser classificado e apurado o grupo vencedor.

Bom trabalho!

O teu esforço terá recompensa...

1. Antes de mais, **caracteriza** o estado de tempo hoje (lembra-te do que tens aprendido em Geografia).



2. Ainda no Largo da Portagem, virando à tua esquerda para a **Rua Escada dos Gatos, 14**, encontras uma marca do que Coimbra foi na **Antiguidade Clássica**.

Indica-a. _____



3. Se olhares à tua direita, ainda no mesmo Largo, avistas uma parte da edificação onde funcionou até há pouco tempo o **Governo Civil** e pertenceu ao **antigo Castelo**. Tem **estrutura quinária** e fica junto a um acesso à cidade. **Identifica-a**.

[www.google.pt/search?q=coimbra&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi3jrm6YTIANUy1eAKHYVNDjgC&biw=1366&bih=657#imgre=yP7yDeLANIK_EM; \[5.5.19\]](https://www.google.pt/search?q=coimbra&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi3jrm6YTIANUy1eAKHYVNDjgC&biw=1366&bih=657#imgre=yP7yDeLANIK_EM; [5.5.19])

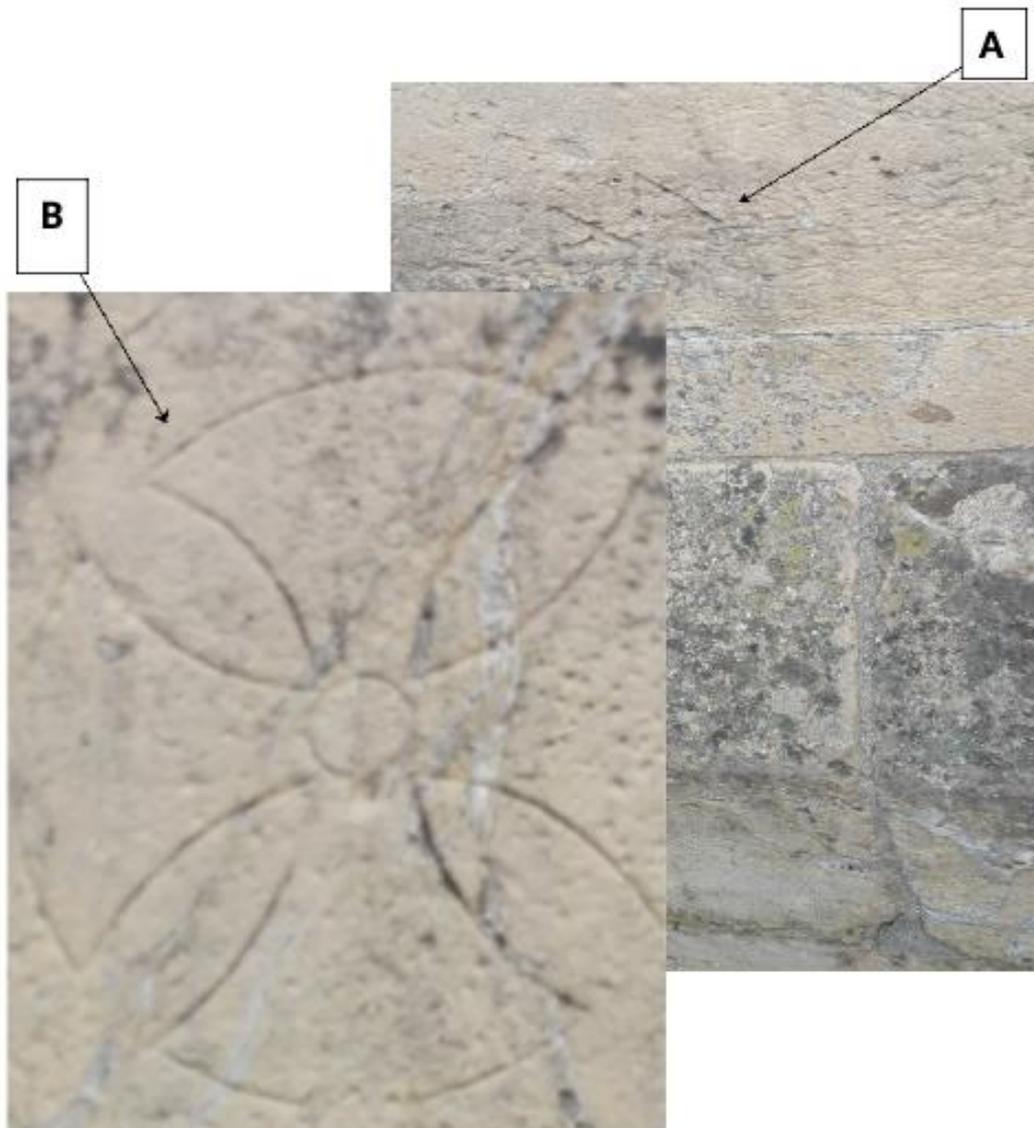


4. Vira à esquerda, seguindo pela **Rua Ferreira Borges**, pela tua direita, até encontrares a **Porta de Barbacá**, um reforço da principal porta de acesso à cidade fortificada. Antes de a trespassares, vês uma marca de um dos escultores renascentistas mais importantes no país, fundador de uma escola que funcionou junto ao que foi uma torre da Muralha, a Torre de Contenda, hoje Casa de Sub-Ripas.

4.1. **Identifica a obra e o seu autor.**

4.2. **Indica o tipo de rocha presente na estrutura daquela Porta.**

5. Sobe agora a **Rua de Quebra-Costas**, com cuidado! Para, assim que chegares junto de um dos melhores exemplos da arquitetura de estilo românico português, a **Sé Velha**. Na sua fachada procura as marcas A e B, aqui representadas.



5.1. **Desenha-as.**

A	B

5.2. **Que significado terá cada uma** destas duas marcas? Dou-te uma pista para a marca B: observa o reverso de moedas de 1 € ou de 50, 20, 10 cêntimos portuguesas ...

5.3. **Anota e desenha** agora duas características do estilo românico que a **Sé Velha** apresenta.

5.4. Usando, de novo, os teus conhecimentos de Ciências Naturais e também de Físico-Química, **indica o nome** do tipo de rocha utilizado na construção deste monumento, classificando-a quanto à origem.

6. **Observa** agora o calcetado das ruas com "seixo macho" e **relaciona-o** com o quartzito.

7. **Assinala**, com um X, a única opção que caracteriza as várias ruas por onde passaste, desde a Baixa.

- A - ruas largas e paralelas entre si.
- B - ruas estreitas e sinuosas
- C - o traçado facilita a circulação automóvel.
- D - todas as afirmações estão corretas.

8. Continua a subir e segue pela **Rua Borges Carneiro**, depois pela **Travessa da Rua do Norte**, em direção ao espaço do criptopórtico do antigo **Forum Romano/ Museu Nacional Machado de Castro**. Respira fundo, bebe água, e sobe mais um pouco até encontrares um vestígio moçárabe (nome dado aos cristãos que viviam sob o domínio muçulmano).



8.1. Qual é? _____

Verifica as horas. Tens de chegar ao Largo D. Dinis ou ao Museu Nacional Machado de Castro às 9H50 em ponto!

9. Caso ainda tenhas tempo, neste percurso de ida, de te aproximares da Porta Férrea da Universidade e do Paço das Escolas, apura ainda dois outros dados.

9.1. **Onde se situou** inicialmente o Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra, que está atualmente instalado em Santa Clara? Os nomes das ruas próximas fornecem-te pistas...

9.2. **Observa** o percurso do rio da cidade e **indica** onde desagua a Bacia Hidrográfica que atravessa a cidade de Coimbra.

Marcha então rapidamente até ao ponto de encontro. Prepara-te para seguir atenta e criticamente os guias dos primeiros locais da visita. Acerta o calendário, prepara os materiais de registo, e viaja até à Antiguidade Clássica ou à Idade Média!

Boa Viagem!

Pel'Os Professores Organizadores,
Manuela Carvalho

Turma ____ Nomes do membros do grupo _____

Classificação

Anexo 6- Fotografias da Visita de Estudo



Ilustração 6 - No Palácio de Sub-Ribas

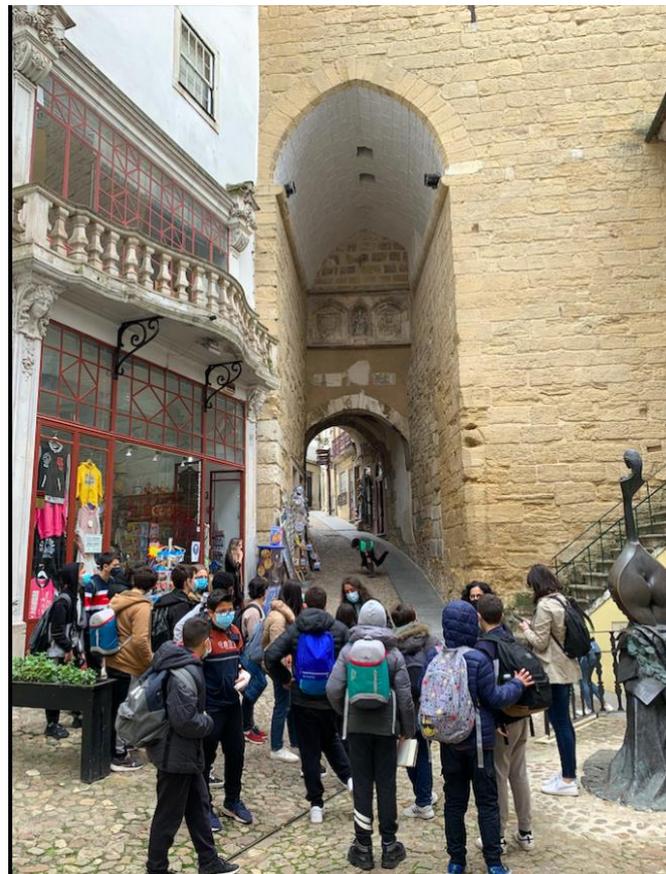


Ilustração 7 – No Arco de Almedina



Ilustração 8 – No interior do Museu Nacional Machado de Castro



Ilustração 9 – No Criptopórtico

Anexo 7- Guia para elaboração dos textos para a exposição

COIMBRA, NO PASSADO E NO PRESENTE

Preparação da Exposição sobre a Visita de Estudo ao Centro Histórico da Cidade

O que vamos fazer?

Depois de termos percorrido diversos locais referentes a algumas fases da história da nossa cidade, no dia 17.03.2022, e admirado elementos do seu rico património histórico-cultural, que estudas em várias disciplinas, é tempo agora de reunir conhecimentos e partilhá-los com a comunidade escolar através da organização de uma exposição, na qual serão expostos trabalhos de alunos das quatro turmas envolvidas na atividade. Estão, assim, a contribuir para valorizar e ajudar a preservar essa nossa herança comum.

Como poderás colaborar?

Cada grupo, abaixo indicado, deve escolher uma legenda adequada à fotografia que lhe foi atribuída e escrever um texto explicativo sobre ela mostra acerca da história e o património histórico-cultural da cidade, usando conhecimentos de diversas disciplinas. Para tal, cada aluno deve usar os apontamentos da visita, o manual e outras fontes adequadas, que deve registar aquando da consulta, para escrever este dado abaixo do texto que vai elaborar. O trabalho deve seguir este **exemplo**.



A Sé Velha [Legenda]

Foto de [Autor da fotografia: 1º nome e último apelido, Ano e Turma - informação a preencher pelos professores]

A Sé Velha foi fundada no século XII, no reinado do nosso primeiro rei, Afonso Henriques. A sua fachada exhibe elementos do estilo românico, que era seguido na época. Parece uma fortaleza, com ameias e merlões no seu topo, paredes muito grossas e janelas estreitas, lembrando seteiras.

Foi aqui que a população da cidade se protegeu muitas vezes quando os muçulmanos, instalados na margem esquerda do rio Mondego, faziam razias à cidade. Os sinos tocavam a rebate e as pessoas corriam para se protegerem dentro do castelo e em edifícios robustos como a Sé Velha. [Texto com informação sobre o monumento ou local, usando conhecimentos de diversas disciplinas, numa linguagem cuidada, que inclua vocabulário específico]

Fontes consultadas

Nomes dos autores do texto [1º nome e último apelido de cada elemento do grupo, Ano e Turma]

Anexo 8- Fotografias da Exposição



Ilustração 10- Exposição: o processo de montagem



Ilustração 11- Exposição: Resultado final

Anexo 9- Respostas dos alunos ao 2º Inquérito

Respostas inseridas na subcategoria: “Experiência geradora de novos conhecimentos”

- *“Sim, por exemplo ficamos a saber que Portugal “nasceu” em 1143.” - Aluno nº 6- 7ºY*
- *“Sim, ajudou-me a entender a importância dos monumentos.” – Aluno nº 20 – 7ºY*
- *“O que vi na visita de estudo ajudou-me na matéria, porque agora sei que houve um castelo em Coimbra.” – Aluno nº 16- 7ºY*
- *Sim, porque agora sei que houve um castelo em Coimbra que esteve onde agora está a estátua de D. Dinis.” - Aluno nº6- 7ºY*
- *“Sim, porque durante a visita aprendi o que é uma torre de menagem. Esta matéria foi depois abordada na aula, durante o estudo da Europa do século IX ao XI.” - Aluno nº 9- 7ºY*
- *“O que aprendi de novo na visita de estudo e me fez entender melhor a matéria, por exemplo, quando fomos à Sé Velha lá consegui entender melhor o estilo arquitetónico.” – Aluno nº12 – 7ºY*

Algumas das respostas que inserimos na segunda subcategoria “Contacto com as Fontes”

- *“Sim, podemos ver e estar ao pé de um arco de volta perfeita” – Aluno nº21- 7ºX*
- *“Sim, pois consegui ver e entender o que era o Criptopórtico.” – Aluno nº 22- 7ºX*
- *“Sim, pois conseguimos ver algumas das construções que foram feitas pelos nossos antepassados.” - Aluno nº 23- 7ºX*
- *“Sim, ajudou-me a entender melhor a matéria, sobretudo quando conseguimos ver o criptopórtico.” – Aluno nº 15-7ºX*
- *“Sim, pois ao ver as fontes conseguimos perceber melhor a matéria.” - Aluno nº8-7ºX*
- *“Conseguimos ver onde estava o castelo, que foi demolido, bem como as suas muralhas.” - Aluno nº8-7ºY*

A importância das Visitas de Estudo no Ensino da História- Rodrigo André V. Vaz

- *“Sim, porque ajudou-me a fazer uma observação direta das fontes”* - Aluno nº 1-7ºX

Respostas sobre experiência motivadora:

- *“Eu acho que foi uma experiência motivadora para mim, pois ensinou-me coisas novas sobre Coimbra.”* Aluno nº 12- 7ºX
- *“Sim foi uma experiência motivadora porque agora quero conhecer Coimbra melhor.”* Aluno nº22- 7ºX
- *“Sim, ganhei mais motivação para estudar sobre História.”* Aluno nº 4 – 7ºX

Algumas respostas da categoria “Experiência Nova e ao Ar livre”.

- *“Sim, pois foi interessante ver as coisas ao ar livre e de perto.”* Aluno nº 7- 7ºY
- *“Sim, pois andar por Coimbra foi interessante.”* Aluno nº1- 7º X
- Aluno nº 14-7ºX
- *“Sim, pois andamos com os nossos amigos e foi mais divertido.”* Aluno nº3- 7ºX
- *“Sim, pois para além de termos uma explicação sobre os monumentos podemos vê-los ao vivo.”* Aluno nº16- 7ºY
- *“Foi motivadora, pois gostei de aprender fora da sala de aula com os meus colegas. Gostei muito de ir ao museu da Ciência.”* Aluno nº10-7ºX

Respostas daqueles que indicaram que adquiriram novos conhecimentos.

- *“Sim, porque fiquei a conhecer melhor a minha cidade.”* Aluno nº 2- 7ºX
- *“Sim, porque nunca tinha visto aquela parte da cidade.”* Aluno nº21- 7ºY
- *“Sim, porque desde a visita de estudo que aprendi mais sobre a minha cidade.”* - Aluno nº 22-7ºY
- *“Sim, porque foi uma experiência muito boa e aprendemos coisas novas.”* Aluno nº8- 7ºX
- *“Sim, graças a visita de estudo adquiri novos conhecimentos e ajudou-me a ter mais interesse por História.”* Aluno nº 3-7ºY

Na categoria “Utilidade da História”

- *“Claro, pois ao conhecer o passado percebemos melhor o presente.”* - Aluno nº16-7ºX;
- *“Sim, porque se não conhecermos a História e o património da nossa cidade podemos cometer erros cometidos antes.”* Aluno nº9 – 7ºX

- “Sim, para compreender o futuro.” Aluno nº 20-7ºY
- “Acho importante, para podermos conhecer bem a nossa cidade.” - Aluno nº 6-7ºY
- “Sim, pois é importante para a cultura geral.” Aluno nº 12- 7ºY
- “Sim, para conhecermos bem a nossa cidade.” Aluno nº 18- 7ºX
- “Sim, porque ficamos a conhecer melhor a História de Coimbra.” Aluno nº 11-7ºX
- “Sim, pois compreendo a História compreendemos melhor a matéria.” Aluno nº 20 -7ºX
- “Acho que é importante porque nos ensina coisas novas o que pode ajudar no futuro.” - Aluno nº 12- 7ºX
- “Eu acredito que é importante, porque entender e conhecer o passado da minha cidade é sempre bom para o futuro.” Aluno nº 3- 7ºY
- “Sim, para compreender a nossa cidade.” Aluno nº 3-7ºX
- “Sim, o saber não ocupa espaço!” - Aluno nº 8- 7ºY
- “Sim, pois um dia mais tarde posso precisar desta informação” aluno nº10- 7ºX
- “Sim, porque é estranho viver nesta cidade e não conhecer a sua História.” - Aluno nº 21- 7ºX
- “Sim, porque assim. Sabemos onde vivemos e o passado da nossa cidade.” Aluno nº 21- 7ºY
- “Sim, para entender a evolução da nossa cidade.” Aluno nº 22-7ºY
- “Sim, para conhecer melhor a minha cidade e os seus monumentos.” Aluno nº 8-7ºX
- “Sim, porque se conhecermos o passado conhecemos melhor o presente.” Aluno nº 1 – 7ºX
- “Sim, é muito importante para compreender o porquê das coisas.” - Aluno nº 1-7ºY
- “Sim, para compreendermos o passado de Coimbra.” - Aluno nº 17-7ºX
- “Sim, porque sabendo a nossa História conseguimos relacionar-nos com a cidade.” Aluno nº4- 7ºX
- “Sim, para conhecer melhor a História da nossa cidade para conseguir entender certas coisas.” –Aluno nº6-7ºX

- “Eu acredito que é importante, porque entender e conhecer o passado da minha cidade é sempre bom para o futuro.” Aluno nº 3- 7ºY
- “Sim, porque é interessante e ajuda-nos a entender aquela época e o funcionamento das coisas.” Aluno nº 7-7ºY
- “Sim, pois é sempre bom aprender sobre a nossa cultura para valorizar os contributos dos nossos antepassados.” - Aluno nº 16-7ºY
- “Sim, é um dever conhecer a História da minha cidade.” Aluno nº 13- 7ºX
- “Sim, é importante para conhecer a nossa cidade.” Aluno nº 15-7ºY
- “Sim, porque Coimbra tem uma História muito interessante.” - Aluno nº 14- 7ºY
- “Sim, pois conhecendo a História da nossa cidade desenvolvemos um maior carinho por ela.” - Aluno nº 7-7ºX
- “Sim, acho que é importante porque, atualmente poucas pessoas gostam e conhecem História e isso na minha visão é mau.” Aluno nº 22- 7ºX

Anexo 10- Textos completos da exposição

A estátua de D. Dinis:

“A estátua de D. Dinis (1261-1325) localiza-se na praça com o mesmo nome ao pé da Faculdade de Matemática e do Colégio de São Jerónimo. Outrora, existiu neste local, um castelo que foi edificado por D. Sesnando Davides, moçárabe administrador da cidade e, no reinado de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, foi-lhe acrescentada uma torre de menagem, melhoramento trazido por Gualdim de Pais, que havia participado na guerra Santa em Jerusalém.

No tempo da administração do Marquês de Pombal, este castelo foi destruído e deu lugar ao primeiro observatório astronómico da Universidade.

D. Dinis, tem uma estátua neste local, pois criou, em 1290, o Estudo Geral, a única Universidade portuguesa da época e esta foi transferida definitivamente para Coimbra em 1537. Esta estátua foi construída durante a remodelação da Alta da cidade, durante o Estado Novo, liderado por Salazar.”¹⁰⁰

Rua Ferreira Borges:

“Esta rua tem o nome do principal autor do primeiro Código Comercial Português, de 1833, que ficou justamente conhecido por Código Ferreira Borges, estando vigente por 60 anos. Exerceu também o cargo de juiz do Tribunal de Comércio de Lisboa.

No tempo dos romanos, por aqui passava a estrada Olissipo- Bracara Augusta, que seguia atuais ruas Visconde da Luz e Direita, e era uma das principais estradas da Península Ibérica.

Na Idade Média apresenta uma traça característica da época aparecendo com diversas denominações ao longo dos tempos. Desde finais do século XII até ao penúltimo quartel do século XIV aparece-nos denominada como Rua dos Francos. Nada se sabe da proveniência deste topónimo (Francos), mas há registo de aí ter vivido, em finais do século XI, Adrianus Francus, aparecendo como testemunha numa doação feita pelo Bispo D. Gonçalo Pais e pelo Cabido. Desta época aparecem-nos várias referências acerca das “tendas” aí existentes (assentos, emprazamentos, contratos de escambo, entre outros). Em dois documentos, datados de 1378 e 1474, aparece-nos a denominação de Rua dos

¹⁰⁰ Autores: alunos nº 15 e 16 -7ºY

Mercadores. Com este facto não se poderá concluir que tal denominação se tivesse generalizado e sobretudo que tivesse tido larga duração.

No dia 17 de março, foi cenário de algumas brincadeiras e pesquisas do nosso grupo de investigadores!”¹⁰¹

¹⁰¹ Autores: alunos nº 2 e 17 -7ºX